004

SOMA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

VOLCOM FEATURED ARTIST: TODD BRATRUD

TODD BRATRUD É UM DOS MAIS INFLUENTES 'SKATEBOARD ARTISTS' DA ÚLTIMA DÉCADA.
A VOLCOM APRESENTA SEU 'PIN-UP SERIES ART SHOW', EXPONDO DOZE TRABALHOS ORIGINAIS EM EDIÇÕES LIMITADAS.
ACESSE VOLCOM.COM PARA VER 'CROOKSTON', UM PEQUENO DOCUMENTÁRIO DO VOLCOM ART LOFT SOBRE MR. BRATRUD.

TODD BRATRUD 'WORLD-WIDE ART SHOW' TOUR : SYDNEY OC SÃO PAULO TOKYO BERKELEY MINNEAPOLIS PARIS ANGLET
29 DE MARÇO DE 2008 NA VOLCOM FLAGSHIP, AL. LORENA, 1835 SÃO PAULO SP BRASIL

OBEY
RISE ABOVE

+SOMA . #4

Um Presente do Passado e do Futuro

A cada edição que passa, a +Soma está melhor e mais sólida.
É impressionante como ela parece ter vida própria e a cada edição parece nos surpreender,
como um filho se desenvolvendo. E isso só acontece porque o mundo está repleto
de coisas bonitas e interessantes. Bonitas no sentido de nos fazer pensar
e de nos emocionar com os detalhes artísticos do todo, porque há arte
em tudo e só depende de nós para enxergarmos isso.

Ainda bem que tem muita gente enxergando isso, como é o caso das distribuidoras
de filmes independentes Lume e Classic Line, que vêm lançando preciosidades
que você certamente não vai encontrar na Blockbuster mais próxima de sua casa.

É o caso também de Shepard Fairey, artista e ativista norte-americano
que dispensa apresentações e conversou com a revista num momento mais
que especial em sua vida, dias após o nascimento de sua segunda filha.

Não é preciso muita sensibilidade para se emocionar com o ensaio
fotográfico dos russos Leonid Tishkov e Boris Bendikov. Ainda na fotografia,
convidamos artistas a registrar sua visão pessoal de São Paulo
e enxergar a poesia onde ela parece não existir.

Também tivemos o prazer de falar com Paulo Bruscky, artista brasileiro visionário
que desde o final da década de 1960 consegue enxergar e transformar elementos
do cotidiano em arte e só há pouquíssimo tempo teve seu trabalho reconhecido.

Fomos atropelados pela intensidade de Nilson Primitivo, cineasta marginal santista
que entre escolher fazer grana ou arte ficou com a arte. Também fizeram a mesma
escolha os artistas Flip e Sesper, que foram pioneiros ao inaugurar a primeira e já
extinta galeria de arte urbana do Brasil, mas optaram por seguir um outro caminho.

São pessoas que merecem reconhecimento e exposição, não importando sua
localização na linha do tempo, sua posição geográfica ou se são ou não consagrados.
O que importa é como elas enxergam o mundo.

Mais uma vez a **+Soma** vai de Norte a Sul, Leste a Oeste,
passando pelo passado e pelo futuro para trazer tudo ao presente.
De presente para você! ;)

Boa leitura.

+SOMA

+CONTEÚDO

Privat Moon 12

Shuffle 24

Most R.I.P. 3001-3005 14

SPostal 36

Os Tempos estão Mudando 42

Obedeça! 46

Pink Rabbit 58

O Preto-no-Branco de Nilson Primitivo 66

Low_res nyc street art mobile cam shots 72

Vida e Arte na Contramão 74

Fora do Eixo 82

Versões e Subversões Volume 2 86

A Cidade é Nossa 92

Albertinho dos Reys 94

Elo da Corrente 96

Reviews 98

E o Prato Caiu! 102

HQ 104

ANDY IRONS

WEARS KICKSTAND

VONZIPPER.COM

marketing@vonzipper.com.br

O projeto **+Soma** é uma iniciativa da **Kultur**,
estúdio criativo com sede em São Paulo.
Para informações acesse: **www.maissoma.com**

Iniciativa .

Kultur Studio
Rua Sampaio Gois . 70 . Vila Nova Conceição
04511 070 . São Paulo . SP
www.kulturstudio.com

REVISTA SOMA #4
Março 2008

Fundadores . **Kultur**
Alexandre Charro, Fernanda Masini, Rodrigo Brasil e Tiago Moraes

Conselho Editorial .
Alexandre Vianna, Flavio Samelo, Helena Sasseron,
Marcelo Fusco e Rafael Jacinto

Editor . **Tiago Moraes**

Redação . **Arthur Dantas**

Revisão . **Mateus Potumati**

Projeto gráfico . **Fernanda Masini**

Arte . **Fernanda Masini e Tiago Moraes**

Fotografia . **Cia de Foto**

Conteúdo áudio-visual .
Alexandre Charro e Luciano Valério

Colunistas .
Gustavo Mini, Keke Toledo, Lu Krás, Tiago Nicolas e Breno Tamura

Gostaríamos de agradecer à Zach Gibson e Tina Soikkeli do Studio Number One, Tiago Mesquita, Michelle Alves e MAC-USP, Herbert e William Baglione, Titi Freak, Walter TINHO Nomura, Silvana Melo, Flavio Samelo, Fefê Talavera, Lucas Pexão, Fernando Sanchez & família, Estúdio El Rocha, Remier Lion e Cinemateca Brasileira, Marcelo Camelo, Deusdete e Sebo Móbile, Carola Gonzalez & Conrad Editora, Francesca Raffaelle & Devir Editora, Cláudio Martini & Zarabatana Books, Lume Filmes, Classic Line, Abiuro, Carla Barth, Daniel Caballero, Renan Cruz, João Wainer, Carol Bittencourt, Pedro Dimitrow, Nina Jacobi, Felipe Motta, Lígia Lima, à todos que enviaram material para resenha, aos anunciantes e aos pontos de distribuição da revista. Nosso mais sincero muito obrigado!

Agradecimento especial a todos que direta ou indiretamente colaboraram para que essa revista se tornasse realidade. Ao conselho editorial, a todos os colaboradores de texto, foto, arte, e a todos da **Cia de Foto**.

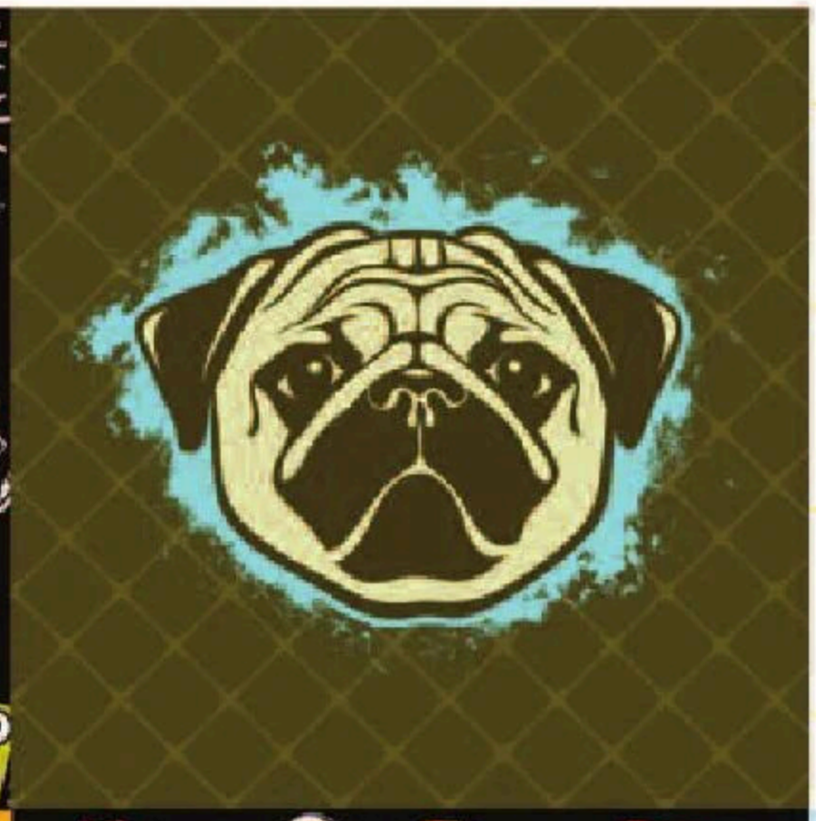
Todos os artigos assinados e fotografias são de responsabilidade única de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

Publicidade . **Cristiana Namur Moraes**
T. 55 11 3849.3302 . cris@kulturstudio.com

Para anunciar ou enviar material para review, entre em contato através do telefone **11 3849.3302** ou escreva para **info@kulturstudio.com.**

Capa .
Arte de Shepard Fairey

Periodicidade . **Bimestral**
Distribuição . Gratuita em lojas, restaurantes, bares, cafés, galerias de arte, museus, centros culturais, cinemas, shows e casas noturnas.
Veja os endereços em . **www.maissoma.com/info**
Impressão . Prol Gráfica
Tiragem . 10.000 exemplares



+SOMA

+SOMA MOBILE ART SERIES. ENVIE UM SMS COM A PALAVRA **SOMA** PARA O **Nº49820** E BAIXE WALLPAPERS DE SEU ARTISTA FAVORITO.

ALEXANDRE CRUZ 'SESPER'
ANDRE MONTEIRO 'PATO'
BILLY ARGEL
BRUNO HURRU
CARLOS DIAS
DON TORELLY
FELIPE YUNG 'FLIP'
FLAVIO SAMELO
HERBERT BAGLIONE
JOAO LELO
HULTUR STUDIO
PETIT POIS STUDIO
RIM
THAIS BELTRAME
WALTER NOMURA 'TINHO'
E BREVE NOVOS ARTISTAS

POWERED BY OUVI
SEU CELULAR COM A SUA CARA

ESSE SERVIÇO ESTÁ DISPONÍVEL INICIALMENTE APENAS PARA AS OPERADORAS TIM E OI. OS PREÇOS VARIAM DE R$ 2,99 À R$ 3,99. O VALOR DO PRODUTO SERÁ COBRADO SOMENTE NA CONFIRMAÇÃO DA COMPRA, JUNTO COM A CONEXÃO DURANTE O DOWNLOAD DO PRODUTO DE ACORDO COM OS DADOS TRAFEGADOS, CONFORME SEU PLANO DE ACESSO WAP. INFORMAÇÕES: ENVIE UM SMS COM A PALAVRA INFO + SUA PERGUNTA. EX.: INFO MEU CELULAR MOTOROLA V3 PODE BAIXAR WALLPAPERS?

+COLABORADORES

Alexandre Vianna

Alexandre Vianna é skatista,
jornalista, fotógrafo e
criador/editor da CemporcentoSKATE.
É workaholic, não assiste televisão,
e não desiste de continuar trabalhando
pra que o estilo de vida do skate,
e da cultura ligada a ele,
seja legal no Brasil.

Felipe Motta

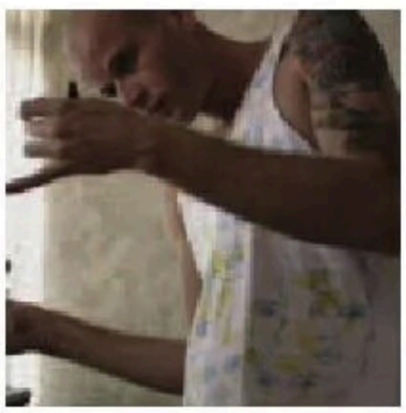
Felipe Motta, aka MOTTILAA,
é artista gráfico, palhaço sem circo,
designer sócio do Petit Pois Studio,
ninja formado no interior do Japão,
skatista de coração e depois
dessa edição, passou
a vender abraços por 25 Reais.
É a promoção!

Fill Photographic

Um olhar generoso, cúmplice,
investigativo, que divide,
troca, questiona, provoca
e releva forte personalidade
quadro-a-quadro.

Phil Rosseto

Philip Rossetto é Semioticista
e especialista em Cinema.
Roteirista e diretor de alguns curtas,
faz pesquisa de referência
para várias TVs e produtoras,
além de editar o zine Ringue!,
sobre música. Também faz parte
do estúdio de criação Piloto e
dos canais de TV à cabo Fiz e Ideal.



Jorge Menezes

Maquiador baiano,
colaborador do Pink Rabbit
desta edição.

Helena Sasseron

Produtora e stylist
nascida em SP, acredita no
“cada um com seu cada qual”.
Filmes e arte sempre que
sobra um tempo.
Música o tempo todo.

Diogo Distúrbios

Distúrbio. sm.
1. algo que atrapalha; pertubação
2. defeito; desajuste
3. pertubação da ordem; agitação; confusão; tumulto
4. problema grave de comportamento ou doença mental.
(fonte dicionário Houaiss).

Breno Tamura

É quadrinhista, ilustrador,
dj nas noites vagas, viciado
em videogame e ainda tem duas
bandas, a Brendon Toshiro e Húngaro.
Quando não está com muita preguiça
faz trabalhos com vídeos, mas na maior
parte do tempo está desenhando
ou jogando videogame.

Trechos **exclusivos** da entrevista com
Nilson Primitivo e da Most com **Sesper e Flip**
Galeria Virtual com **Shepard Fairey** e **Most**
Vídeos (estúdio e bate-papo) com **Joe Lally**
Making of do **Pink Rabbit** . Agenda . **Reviews**
Notícias sobre **Shows** . Lançamentos . **Exposições**
Somacasts de música com **Albertinho dos Reys e**
Elo da Corrente . Top 5 com convidados
Expo Virtual . **E muito mais...**

WWW.MAISSOMA.COM
Sua dose diária de cultura independente.

MASSARI

5HUFFL€

POR TIAGO NICOLAS

O amigo do bom som Fábio Massari, o reverendo, dispensa apresentações. Um dos mais respeitados - se não o mais respeitado, ou o único respeitado - jornalista musical brasileiro dos grandes veículos de comunicação. Eu, a Yve e o Rafa (Cia de Foto) fomos à sua casa do disco (ele tem um apartamento só com discos) pra tentar fazer um apanhado modesto da sua coleção que não cabe num quarto e uma espécie de desafio: fazer ele não colocar o Frank Zappa (tema de seu último livro, Detritos Cósmicos) em nenhuma resposta, mas ele deu um jeitinho de colocar o "bigode" na lista. Confira:

Disco pra ouvir na jacuzzi, que o artista/banda não comece com a letra F nem Z?
Para um relaxamento completo, os três volumes da colecão **Beat At Cinecittá.**

Um disco pra levar numa guerra, que o artista/banda não comece com a letra F nem Z?
Sometime In New York City, **John & Yoko/Plastic Ono Band.** Com participação especial de um famoso (narigudo e de bigode) músico de Baltimore...

Disco pra jogar na privada gigante e dar a descarga, que o artista/banda não comece com a letra F nem Z?
Como uma espécie de homenagem às avessas (acho que o mano/mala curtiria), I Blow Minds For A Living, do **Jello Biafra.**

Disco pra ouvir com a sobrinha, que o artista/banda não comece com a letra F nem Z?
O primeiro "não-infantil" que ela curtiu vem do México: Re, **Cafe Tacuba.**

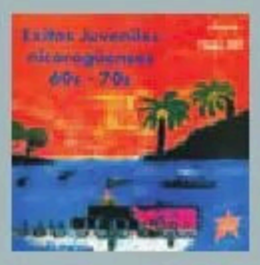
Um disco de esquimó:
Piada pronta: Eskimo, um dos mais estranhos dos sempre estranhos **Residents.**

Disco pra irritar o vizinho. que o artista/banda não comece com a letra F nem Z?
O creme betuminoso do black metal norueguês não falha. Rebel Extravaganza e/ou The Shadowthrone, do **Satyricon.**

Um disco aborígene:
Clássico do hardcore reaggeficado sul-americano: Dale Aborigen, dos argentinos **Todos Tus Muertos.**

O disco que você gostou depois de ter entrevistado os caras?
Passei a sacar mais o legendário **Toots Hibbert** (Toots & The Maytals), depois de um papo bem divertido e emocionante. Pode estampar aí a trilha do clássico The Harder They Come.

Um disco da América Central:
Da Nicarágua por supuesto! Los Rockets, Los Bad Boys, Los Rollings, Los Duros... Pode ser a coletânea *Exitos Juveniles Nicaragüenses 60s-70s*



E o disco que a Yve (minha namorada) escolhe da sua coleção:
In An Expression Of The Inexpressible, **Blonde Redhead.**

privat moon

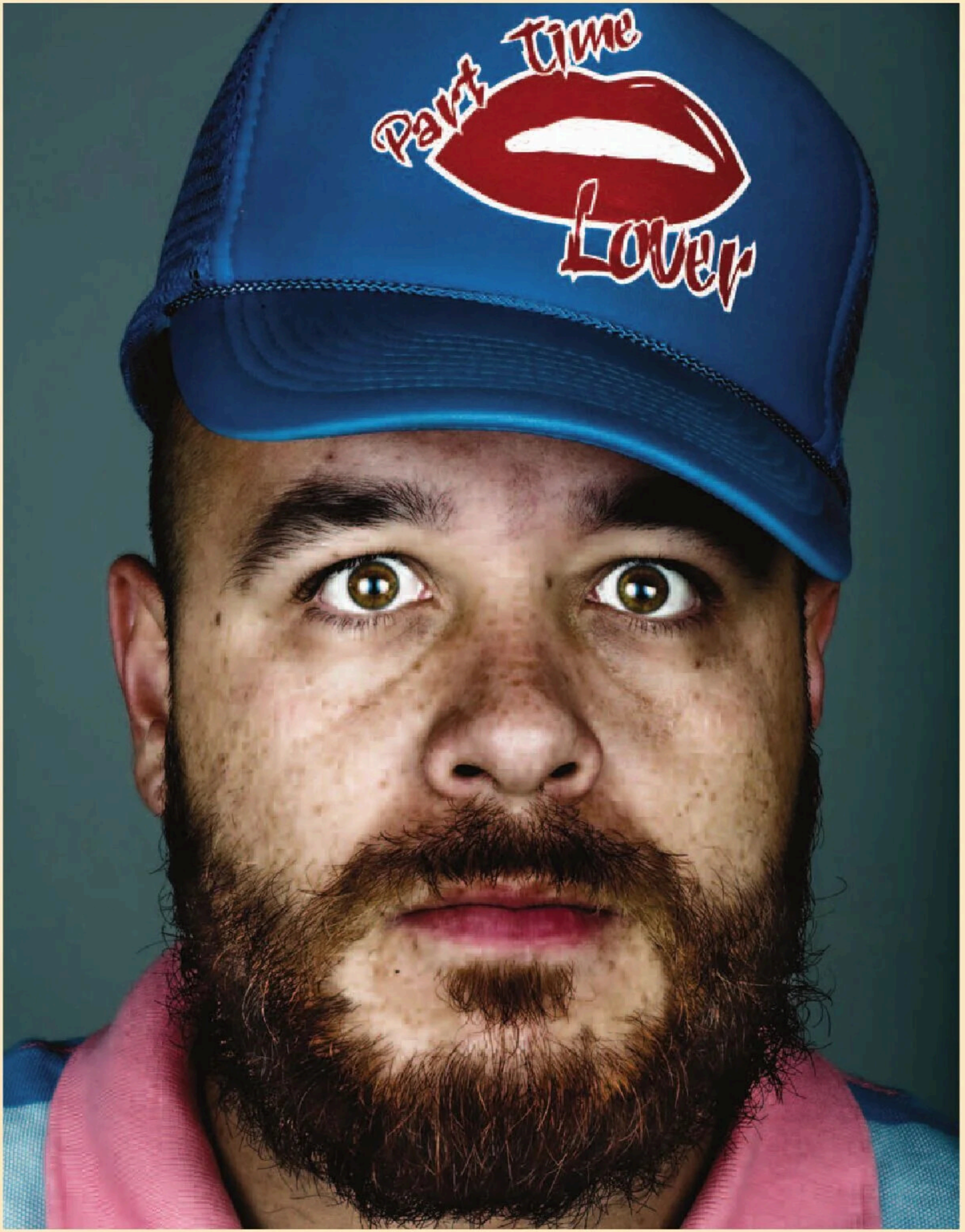
por leonid tishkov e boris bendikov

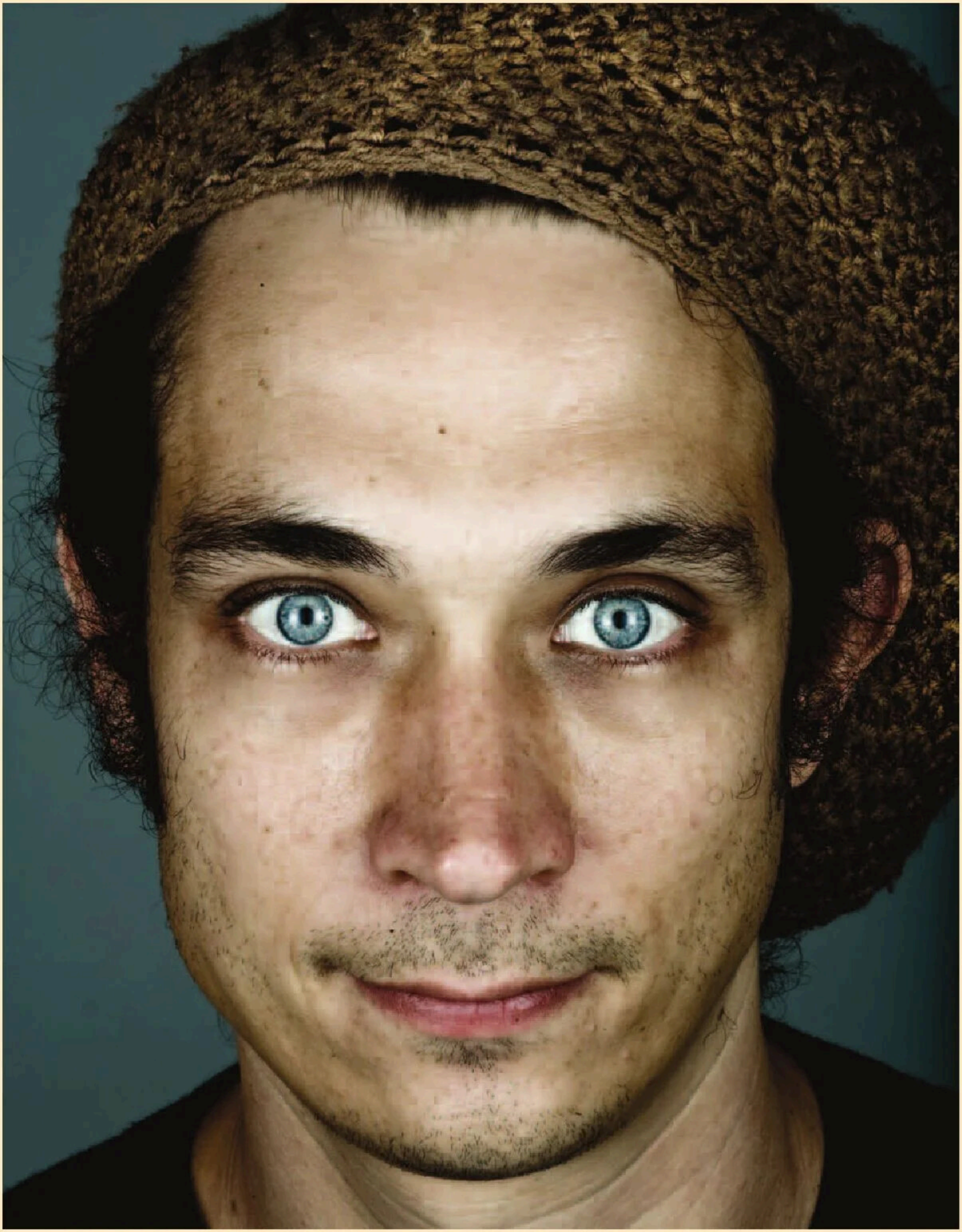
Privat Moon foi concebido pelo artista russo **Leonid Tishkov** em parceria com o fotógrafo e amigo **Boris Bendikov**.

A idéia começou a tomar forma como uma espécie de performance e instalação a céu aberto, e depois evoluiu para o que vemos neste ensaio. "A idéia foi trazer para a realidade as pinturas *Jour et Nuit* do pintor surrealista belga René Magritte" – diz Leonid Tishkov.

O resultado são imagens surreais e cativantes, de uma beleza poética sublime. ◂

▸▸ **Saiba mais**
www.bendikov.ru


Part Time
Lover



most

R.I.P. 3003-3005

Por Tiago Moraes. Colaborou Arthur Dantas
Imagens cedidas pelos artistas

A **Most** foi a primeira galeria e loja de arte urbana brasileira, um projeto pioneiro que englobava uma marca de urban wear e um espaço para exposições fundado por dois jovens artistas e amigos, **Felipe Yung "Flip"** e **Alexandre Cruz "Sesper"**. Os dois iniciaram suas atividades em uma pequena loja no terceiro andar de uma galeria no centro de São Paulo. A localização era a pior possível: seus vizinhos "ilustres" eram a sede da torcida organizada Independente, do São Paulo, e nigerianos e vagabundos de todas as estirpes fazendo todo tipo de movimento ilícito. Ninguém em sã conciência montaria uma loja ali. Porém, o aluguel de 250 reais por mês e a simpática lojinha de dois andares com janelas de vidro e vista panorâmica do Centro eram tudo o que precisavam para começar. // Para inaugurar o espaço, como não tinham ainda produtos suficientes, resolveram montar uma exposição coletiva que ocupou os dois andares com o nome de A Grelha, já que era um espaço insuportavelmente quente. Alex Hornest, também conhecido como Onesto, fez no andar de cima uma instalação junto com o fotógrafo de skate Flavio Samelo, enquanto Flip se encarregou de pintar o andar de baixo. // Depois de nove meses e dezenas de exposições, Flip e Sesper resolveram fechar as portas e ficaram um bom tempo à procura de um novo endereço. Com a entrada de um terceiro sócio, Cléber Dantas, a **Most** finalmente encontrou o lugar ideal para a nova fase: a Galeria Ouro Fino. // Não se trata de décadas passadas, não: o ano segundo o calendário ocidental era 2003, mas, segundo o calendário da **Most**, o ano era 3003 – estavam só mil anos à frente. E como todos que estão à frente do seu tempo, foram incompreendidos, passaram por inúmeras dificuldades, colocaram suas amizades à prova, colecionaram inimigos, mas escancararam as portas para os que vieram depois. // **Conheça um pouco da história desses dois artistas nessa entrevista que rolou com eles no apartamento do Flip na Vila Mariana.** ⏩

"O pico na 24 de maio era foda , a parte de cima com uma puta iluminação natural, por causa das janelas, piso de taco podre, que a qualquer hora podia cair, a loja com balcão de buteco (...) A arquitetura era legal, o espaço tinha uma energia estranha, típica do centro velho de São Paulo, e lá de cima tinha uma boa visão dos camelôs e trombadinhas do centro..."

Herbert Baglione

Como surgiu o projeto da Most Urban Store?

Sesper. Muito do que foi feito na Most tem a ver com os eventos de graffiti que o Flip organizava na Pompéia. O lance da curadoria que a gente fez depois tem a ver com o que ele organizou lá.

Flip. É, e a vontade de ter uma loja tem a ver com a loja de CD que o Sesper tinha, dos lances que eu vendia na Pompéia, do graffiti mesmo no Du Loco que teve no SESC Belenzinho, com o Common, Afrikaa Bambataa e outros. Tinha uma área de painéis e uma lojinha, onde estava a Pixa-in e eu. Tinha adesivo – coisa que ninguém ainda fazia –, canetão.

Como vocês se conheceram?

Sesper. Em 1998 eu fazia um zine que tinha a Silvana, o Carlinhos, o Tinho, chamado Introduct, que teve seis edições, e foi nessa época que eu conheci o Flip... Tinha uns pôsteres que eu colava lá pro lado do Lasar Segall, daí eu conhecia o Dênis "Cisma", que conhecia ele. E eu colava as coisas no mesmo bairro que ele. Era uma época ducaralho, porque eu não tinha filhos, o Flip não tinha namorada, era só curtição.

E como chegaram na Most?

Sesper. A gente começou a fazer umas camisetas né?

Flip. É, nessa época eu fazia umas camisetas com minha mina, feitas a mão, um estilo mais hippie mesmo (risos)... E tinha a loja da Pixa-In lá no centro, onde o pessoal do hip hop ia. E o Titi [Freak] já tinha uma marca, OsGêmeos e o Vitché tinham a Duas Cor. Eu tinha a Correria. O nome nem tinha a ver com esse lance de gíria de mano nem nada. Vinha de uma marca gringa chamada On The Run. Comecei a vender camisetas lá e tava começando a fazer umas telas, bem artesanais, duas cores, e eu levei pra vender no [festival] Du Loco. Da Correria até a Most eu comecei a fazer os lances na rua com o Farofa [como o Sesper também é conhecido], daí começamos a falar de fazer uma marca, que ia ser a Thrown...

Sesper. de Thrown Up.

Flip. Não deu muito certo porque o nome era difícil. Daí fizemos vários *brainstorms*, até conseguir um logotipo, um bom nome, ficávamos fumando igual uns loucos de noite na casa dele.

Sesper. E ele no MSN com as minas (risos).

Flip. De 10 nomes que pensamos, Most era o que dava pra registrar e pra dividir no moletom (risos).

Sesper. É, a gente queria um nome de 4 letras porque era muito feio as marcas que dividiam nomes de 5 letras (risos).

E por que esse nome?

Flip. Veio de várias coisas. Tudo que você fala que é "mais" em inglês, você usa Most. Pensamos que era um nome foda porque sozinho não era nada, mas agregado a outras coisas, era muito legal. Fizemos umas camisetas, o logotipo saiu na cagada, porque não sabia mexer direito no Free Hand (risos). Daí saiu algo parecido com um "M", refiz a forma em um tamanho decente e acabou virando esse logotipo (aponta uma tela de camiseta com o logotipo da loja). Daí pensei na fabriquinha em cima e um ponto no canto só pra incomodar, pra não ser um logo certinho. Então tudo veio de uma cabacice de designer recém-atuante...

Sesper. Era legal porque tudo saía meio que na cagada. As primeiras estampas... teve uma que saiu de uma fonte do [grupo de rap] Company Flow, que já foi uma cagada minha (risos). E virou o segundo logo nosso.

Qual era o papel de cada um de vocês na Most?

Sesper. O que segurava a loja eram os bonés do Flip mesmo. As exposições nunca deram grana e, para falar a verdade, a única que deu algum lucro foi a própria exposição do Flip.

Flip. O Onesto, o Herbert... Hoje as obras deles valem uma grana, mas não venderam nada na época. Me arrependo de não ter pego nada. Na época custavam uns 400 reais e hoje chegam fácil a mais de 2 mil reais.

Sesper. E na época rolava um receio de expor, porque não tinha essa tropa de loucos consumindo, não era um lance que agradava. Ninguém sabia direito como cobrar. E é louco pensar que a expo do Titi [Freak] nessa primeira Most tinha exatamente as mesmas coisas que ele usou depois na [coleção da] Ellus 2nd Floor.

Flip. Ele é pioneiro em customizar roupas. E na expo, em vez de telas ele usava umas camisetas como suporte. Sei lá, nego achava caro pagar 100 reais numa camiseta exclusiva do Titi, em um tênis customizado de 200 reais (risos). O que não vendia em exposição acabou indo para a segunda loja, na [galeria] Ouro Fino, como produto único.

Outra coisa que sempre marcou a Most foram os produtos únicos, feitos à mão por vocês e por outros artistas. Lembro dos bonés, daqueles modelo Trucker que vocês praticamente lançaram moda por aqui. Hoje essa história toda de customização já tá bem desgastada, cansou um pouco até, mas na época foi marcante. Falem um pouco sobre isso.

Sesper. A história dos bonés Trucker é mais bizarra ainda. A gente tava acompanhando as revistas gringas e vendo a galera usando boné estilo Trucker. E aqui ainda eram só os flex-fit. Quando a gente chegava nos lugares para tentar comprar bonés Trucker, neguinho ria, desacreditava. Hoje qualquer marca de fundo de quintal faz, mas naquela época a gente chegava nas fábricas e falavam "Vocês querem boné tipo de sorveteiro?" Até o dia que chegamos no Brás e achamos um chinês que vendia esse tipo de boné...

Flip. Foi o Alemão, um amigo nosso que também sacava do que rolava lá fora que deu o canal. Ele comprava uns bonés e desenhava, colocava patch. Fomos lá e esse china tinha um estoque grande de bonés, falando que tava encalhado. Daí falei de levar todos e o cara não acreditou, vendeu a preço de banana.

Sesper. Depois de um tempo começou a aparecer gente querendo fazer editorial com esse tipo de boné e nós metíamos a faca sem dó. A gente cobrava 30 reais no boné liso, em dinheiro. Nossa nóia era porque antes nego não acreditava, tirava uma. Quando virou tendência, vinham igual abelha no mel.

“ (...) posso falar da Most como um primeiro meio profissional que tive para mostrar minha arte,
nosso tipo de arte, que na época não era muito bem-vista! A gente sempre foi do faça-você-mesmo;
fazíamos nossas próprias camisetas, customizávamos nossas roupas e bonés, criávamos acessórios e fazíamos nossa arte...”

Titi Freak

A mudança da loja do Centro para os Jardins, na Galeria Ouro Fino, foi uma tentativa de conquistar um novo público, com maior poder aquisitivo?

Flip. Sim e não. A gente queria um espaço mais louco mesmo.

Sesper. Do Centro para a Ouro Fino ficamos uns quatro meses sem loja. Achávamos uns lugares grandes, ideais para exposições, mas muito caros.

Vendiam bem, as camisetas?

Flip. Era o que mais vendia, o que segurava. Toda camiseta vinha com adesivo e um flyer da exposição. Tudo feito em 15 dias.

Sesper. Em todas as camisetas nós escrevíamos a data mil anos adiante, de 2003 estava 3003, porque a gente se achava muito foda (risos).

Um lance legal da Most desde o início também foi a preocupação com o registro, a documentação das expos e eventos. Pretendem lançar alguma coisa no futuro, um documentário ou um livro com todo esse material reunido?

Flip. Queríamos fazer um DVD, um catálogo no formato de livro, com DVD com imagens etc.

Sesper. Nós não tínhamos muitas referências: não tinha Cheaters, não tinha Run Up nem os videos da Upper (Playground). Nossa referência eram os videos de skate, de grafite, o filme do Phil Frost, o Adventures, que o Flip me emprestou e abriu minha cabeça pra edições etc. Nós acordávamos e dormíamos pensando nisso.

Li uma vez a frase “Pioneirismo ou Peãoneirismo” no canal do Youtube da Most. Quem escreveu? O que quiseram dizer com isso?

Sesper. Eu escrevi. O que foi complicado para as pessoas entenderem é que não estávamos fazendo o lance por dinheiro e depois da Most tudo passou a rolar pela grana. Era outra coisa. Beleza, precisava fazer virar algum, mas o principal não era a grana. Eu parei tudo o que tava fazendo pra me dedicar à Most.

Flip. Eu perdi o meu amor, ele brigava com a mulher dele...

Sesper. Pô, não é fácil, com uma filha pequena pra criar, um monte de contas pra pagar, se meter com um monte de louco. Com o Flip era mais tranquilo porque a gente brigava muito mas era amigo; o entorno que era complicado, pesado. A galera não entendia. “Peãoneirismo” é porque éramos uns peões mesmo. Nêgo vinha comprar camiseta e a gente não vendia porque sabia que o cara não trincava na nossa loja. Achavam a gente arrogante. E a gente era mesmo. Na época, achava que quem não estava com a gente estava contra. Fizemos inimizades pra caralho. Na real, a gente não podia ter loja, era muito “pedreiro”, precisava trabalhar fora pra manter a loja. O Flip trampava pro D2, eu em uma marca de roupa... Não dava pra manter as duas coisas. A gente colocava quase dois paus todo mês. Chegou uma hora que não dava mais.

Vocês nunca conseguiram ganhar dinheiro com a loja?

Sesper. Não, e acabamos com uma puta dívida.

Flip. Tinha mês que a gente tinha lucro de trezentos reais mas a gente tinha investido oitocentos antes. E sempre fizemos a parada bem feita: toda expo tinha camisetas, flyers bacanas, vernissagem com bebida e sempre sem nenhum apoio. Não tinha esse boi que tem hoje de apoio de Red Bull, de cerveja... E hoje em dia tem galeria que é top e é só no bico seco (risos), não te oferecem nem um copo de água.

Sesper. irônico) Não é isso... Eles levam quem compra mesmo antes; só depois que entram os grafiteiros, os caras sujos...

Acham que se tivessem começando agora, a história seria diferente?

Sesper. (ri muito) Mano, quando fechamos a gente já sabia que o lance tinha começado a bombar.

Vocês sacaram na hora que o lance ia virar? Não dava pra esperar?

Sesper. (enfático) Não tinha como.

Flip. Já tava começando a rolar antes. A gente havia saído na *Trip*, na *Vogue*, já tínhamos uma mídia boa. Só que o desgaste era tão maior que, se continuasse a loja, nós íamos brigar, não ia ter mais amizade, ia ser pela grana. Ou virava empresário, começava a ganhar dinheiro em cima dos artistas, ou mantinha a amizade.

Sesper. Porque na verdade nós nunca ganhamos dinheiro com exposição.

Flip. Pra ter uma idéia, fizemos uma exposição de pôsteres em parceria com a Juxtapox [revista norte-americana de arte], e vendíamos a 200 reais, era serigrafia, e ninguém levava. Um ou outro que sacava e levava um. Vou falar em valores: 1.500 reais de aluguel, 600 de funcionário, 2 mil em camiseta, 200 paus de vernissagem - porque a gente achava de bom grado dar bebida pra receber os amigos, ainda que o foco seja a exposição, o artista. Eu acho que isso é o mínimo, e a gente fazia isso.

Sesper. Desde a loja da 24 de Maio a gente fazia isso.

Flip. Só que lá era guaraná convenção e pururuca porque iam umas 6 pessoas na vernissagem (risos gerais).

Sesper. Não, era mais.

Flip. É, eram sete! (risos).

Sesper. O horário era filha-da-puta: das 6 às 8 da noite. Só ia quem era real. Levamos um monte de nêgo nas costas e depois rolou um certo esquecimento, de alguns não lembrarem que as primeiras expos foram na Most. E depois que fechamos a loja, neguinho não falava mais com a gente, não ligava mais. A gente se ligou que tinha muito vampiro nesse meio.

Flip. Eu pinto desde 95 e minha coletividade é da rua, não por causa da loja. Todo mundo que tentava chegar na gente por causa do lance da loja, era tesourado. A gente tinha um critério para selecionar. E não tinha ninguém famoso ainda.

Sesper. Só o Tinho e o Herbert que já tinham feito outras exposições.

Teve alguma expo que marcou mais, pelo trabalho/proposta ter surpreendido vocês?

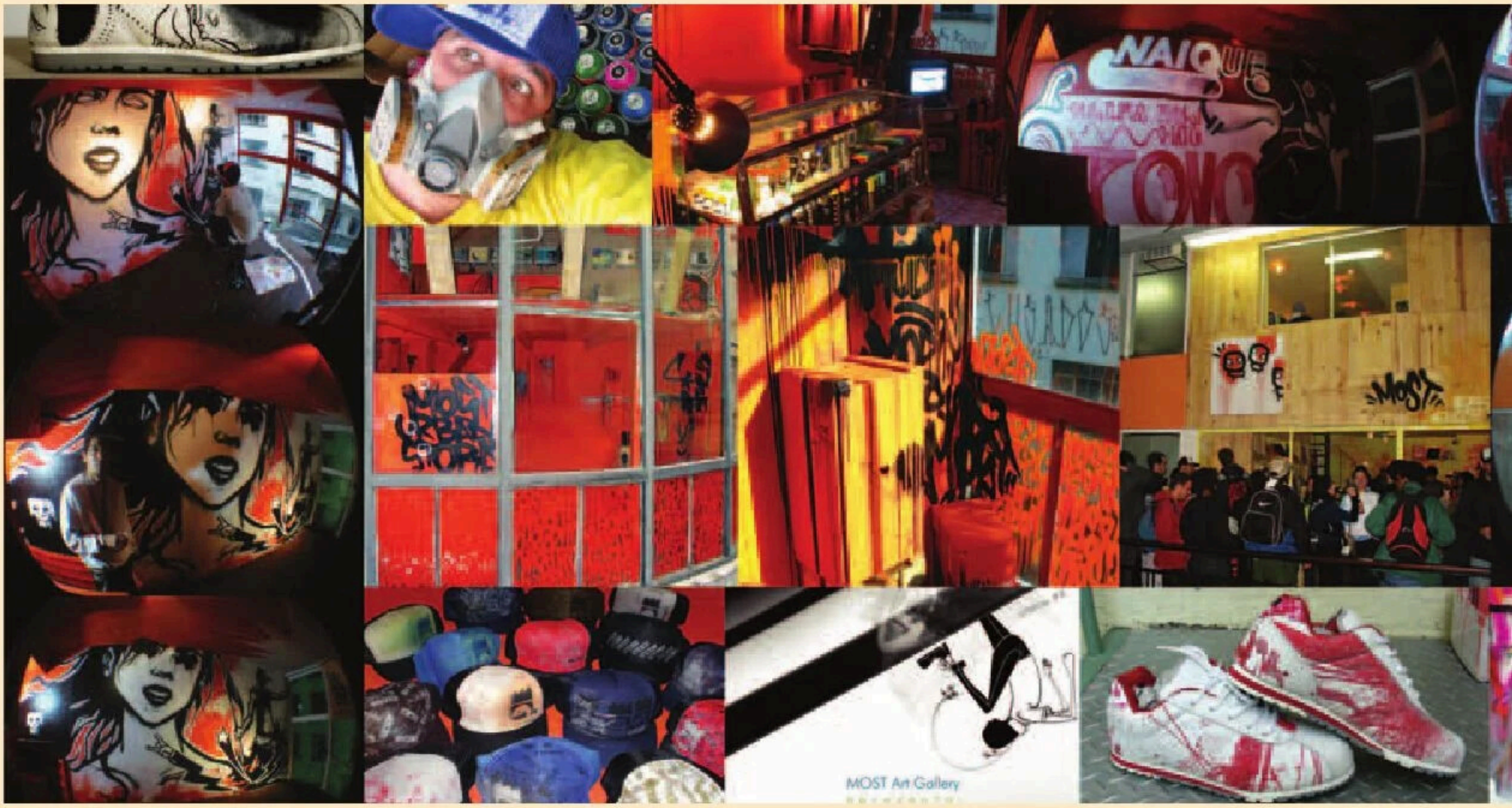
Sesper. Na real, a surpresa era constante.

Flip. Minha surpresa maior foi depois da exposição dele (aponta para o Sesper), porque fui eu que raspei a parede inteira (risos). O cara colou a parede inteira e eu que limpei, porque tinha outra exposição na sequência

Sesper .
2008

"... Realizei, em 2005, a minha primeira exposicão individual, lá na Most. Para retribuir o convite,
montei naquele pequeno mas nobre espaço a minha melhor e mais conceitual instalação.
Creio que a Most foi o lugar onde a arte urbana começou a ser reconhecida como algo a mais do que apenas graffiti..."

Walter "Tinho" Nomura



"... Aquilo foi um delírio, um sonho, ninguém ali pensava muito em dinheiro, por isso o negócio não deu certo, eu acho (...) mas isso é que foi bom, e por esse motivo as coisas ali eram tão verdadeiras, tão autênticas, não tinham um apelo comercial, nem dinheiro voando na cabeça do pessoal; a gente ia lá pra dar risada, pra falar de livros e vídeos de skate, das porcarias da internet. Não era uma loja; era sim um antro de gente engraçada que ria de tudo..."

Flavio Samelo

e ele tava trabalhando. Ele não é grafiteiro, é colador de pôsteres.

Sesper. Eu faço colagem, é diferente.

Flip. A gente até brincava que ele era "lamber" (risos), porque fazia Lambe-lambe. Sempre teve uma rixa entre quem cola pôster, adesivo e quem pinta.

Era a nova geração chegando.

Flip. Rola uma treta até hoje. Quando tem pôster ou adesivo na rua, a gente atropela, mas tem casos e casos. E esse filha-da-puta colou a loja inteira e na outra semana tinha outra exposição.

Sesper. Era da Fefê (Talavera). E ela colou também, mas como ela era bonita você nem reclamou (risos).

Flip. E foi difícil pra caramba limpar, porque o cara colou com uma cola que parecia tutano de boi.

Sesper. Tá limpo, fica pela bagunça no banheiro da Ouro Fino...

Flip. Essa também foi foda... Quando a gente abriu a loja na Ouro Fino, fizemos uma festa de inauguração. Hoje a Galeria Ouro Fino parece tão descolada, mas na época era gerenciada por uma velha desgraçada que boicotava tudo que nós fazíamos. E nossa festa lotou, encheu a Galeria! E isso é bom pra todo mundo, é gente que tá indo lá e consumindo. Convidamos uns Top DJs: Zé Gonzales, Nutz, MZK, Dubstrong, Primo... Rolou live painting meu e do Onesto etc. E na festa picharam o banheiro inteiro e fazia uma semana que estávamos lá... tivemos que passar a madrugada inteira limpando e pintando o banheiro. Entende agora o porquê do peão?

Como é para vocês ver artistas que vocês praticamente lançaram sendo super reconhecidos, alguns até com carreira sólida no exterior?

Flip. Tava mais do que na hora de darem certo. Espero que eles lembrem de onde começaram... A maioria eu ainda converso, acompanho a carreira, como fã e amigo. Isso que é louco, porque a gente chamava as pessoas para fazer exposição quando curtíamos o trabalho. Na época da Most não tinha lugar onde expor.

Qual foi a referência, a inspiração de vocês?

Sesper. Tavam no subconsciente as inspirações, mas não tinha nada claro. Foi mais de necessidade de fazer o lance mesmo.

Flip. Tinha a Upper Playground, que já estava fazendo umas paradas legais na gringa...

Sesper. Mas a Upper não era o que é hoje, não tinha produto... A gente tinha contato com a Fifty24SF de São Francisco através de amigos, eles chegaram a falar em fazer trocas etc., mas não chegava a ser uma influência. Faltava um espaço na época, porque um monte de gente tinha quadro em casa e só rolava de expor em boteco, saca? Ao mesmo tempo que a gente tinha esse lado arrogante, a gente fazia autocrítica. Sempre queria fazer um lance mais legal. Depois de cada exposição a gente dava uma tretada, falava o que tinha rolado. Para nos aguentar era difícil...

Existia uma preocupação, tanto dos artistas como de vocês, com o retorno comercial das exposições?
Flip. Cara, ninguém comprava!
Sesper. Era bizarro, velho! Uns trampos fudidos e ninguém comprava!

Não tinha uma mentalidade por parte dos artistas de ter um agente.
Flip. Não tinha. E o cara falava "beleza, a exposição já acabou então vou vender, sem peso na consciência". Só que a gente teve o trabalho de fazer a exposição, investiu, e se o cara viu teu quadro ali, a galeria tinha que levar algum. A gente não colocava o preço lá nas alturas para facilitar, tornar acessível e, mesmo assim, fulano chorava muito por causa do preço. Nêgo deixava reservado os quadros e depois não pegava, porque conseguia o contato do artista por fora. Daí o artista fodido, precisando de dinheiro... Não culpo, porque o errado é quem tá comprando. E olha que a gente colocava só uma margem de 30% pra Most no preço dos quadros.

Como vocês vêem a cena de arte urbana hoje em comparação com quando começaram? O que mudou?
Sesper. Teve uma época com um volume muito grande de gente fazendo, mas com pouca qualidade, meio questionável. Hoje tem milhões...
Flip. Hoje tá muito fácil. Tem lugar para expor, tem Flickr para colocar as obras baratinhas para vender. Se um cara de produção da MTV precisar de um grafiteiro, tem zilhões por aí. Tá muito mais acessível.
Sesper. Tem cara que nunca usou Colorgin na vida!
Flip. Tem grafiteiro velho que fala em "Geração Montana", porque tem nêgo que nunca pegou uma lata de Colorgin na mão [Montana é uma marca de tinta spray].

"[Expor na Most] foi uma grande oportunidade pra minha vida. Acho que, se não fosse por eles, não estaria onde estou agora. Flip, Sesper e Cléber são grandes pessoas, grandes artistas por quem tenho muito carinho e respeito. A Most foi uma grande representante no mundo do graffiti no Brasil, a primeira galeria que valorizou e reconheceu artistas como Herbert Baglione, OsGêmeos, Tinho e Vitché."

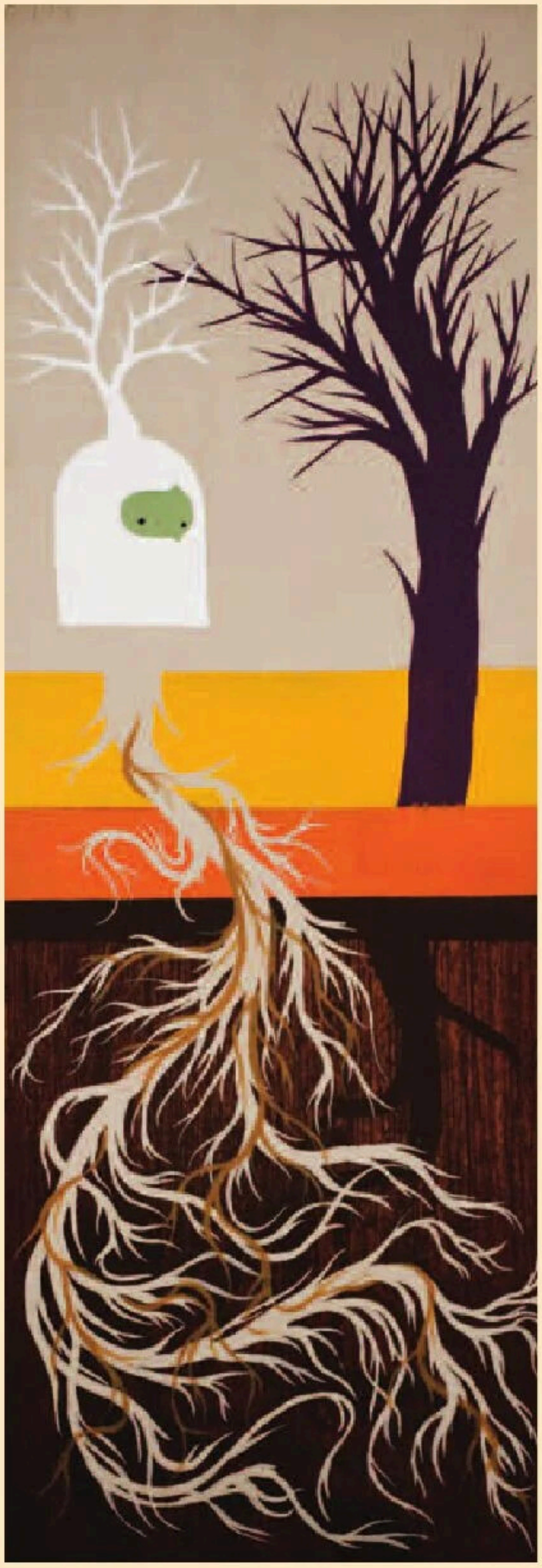
Fefê Talavera

Sesper. Falta um pouco de rua para essa galera que veio depois de 2005...
Flip. Passar por umas dificuldades... Hoje você chega na loja e tem os pantones das tintas, tem a caneta de todas as grossuras e cores, o livro que você quer até na Livraria Cultura. Eu diria que não está mais fácil, e sim acessível.

O próprio modelo da Most acabou inspirando outras pessoas. Um cara que seguiu um pouco essa linha é o Lucas Pexão em Porto Alegre, da Galeria Adesivo...
Flip. Ele sempre foi parceiro nosso. O Pexão tem a galeria até hoje, mesmo sendo assaltado, mudando de endereço etc. A vantagem dele é que ele não é artista.
Sesper. Com certeza. A gente tava virando empresário.
Flip. Na época eu parei completamente meu trabalho. Ou virava um empresário-artista, com um trabalho mediano pra ruim, porque não tinha tempo pra pesquisa, pra produção, ou parava tudo e me dedicava à minha carreira. Eu acho que muita gente se influenciou na gente, mesmo galeria que hoje é "top", como a Choque Cultural.

Vocês acham que, se ainda tivessem que tocar um negócio paralelamente com a arte, seus trabalhos estariam nesse mesmo nível?
Flip. Nem fudendo. Eu tinha estacionado em uma fórmula que tinha dado certo, com a caligrafia típica, os personagens, os escorridos de tinta etc. Depois de um tempo comecei a me tocar e fui trabalhar com o William (Baglione), que abriu minha cabeça para um monte de coisa. Se a gente estivesse com a loja, ela ia estar "bombando" na MTV, no Multishow, e íamos ser só mais uma galeria. Mas e aí? A pioneira? Beleza, mas só outra galeria.
Sesper. Eu trabalhava pra bancar a Most e não pensava em mais nada.

Quando acabou a loja deu uma estremecida na amizade de vocês?
Ambos. Um pouco.
Sesper. Quando a loja acabou, a parada toda tinha sido tão intensa que a gente queria fazer outras coisas, eu já tinha duas crianças. A gente não tocava no assunto.
Flip. A gente acabou o negócio, falamos pro Cléber [terceiro sócio, já na fase da Galeria Ouro Fino] "Acabou. Vamos continuar se falando, tá aqui sua parte," porque ele entrou depois na sociedade pra ajudar. E ele não tava satisfeito também. Porque éramos dois artistas loucões...
Sesper. Ele pegava uma pressão de tabela, e às vezes ele nem entendia o que tava acontecendo, nossas conversas. Na real, depois da Most eu sumi. Eu olhava ao redor e pensava: "Jesus, o que tá acontecendo?" O que tiro de experiência boa da Most foi o lance do Herbert (Baglione) falando que eu tinha esquecido várias coisas do meu trampo que estavam no passado, o Flip falando pra eu parar de colar pôster e voltar a desenhar, a Silvana (Mello) falando que meu trampo tava mediano, porque eu tava me esforçando pra trampar nas exposições que a gente



Alma sem raiz
Flip . 2008

"(...) Acho realmente uma pena a Most ter deixado de existir, porque eles tinham tantas boas idéias e a melhor intenção: não tavam nessa por grana, era como um ideal".

Silvana Melo

fazia. O que eu tirei de positivo foram as críticas, não o povo dando tapinha no ombro e falando mal pelas costas. Começamos a valorizar quem criticava a gente.

Flip. O louco é que a Most já não era só uma loja, era um ponto de encontro. Era um lugar legal para frequentar. Sempre tinha uma exposição, coisa que não tinha em lugar nenhum.

Sesper. Foi uma puta experiência de vida e hoje em dia a gente é muito mais hardcore do que era antes.

Flip. É foda você trabalhar em uma parada em que você acredita por quase dois anos, e aquilo não dar certo. Quando você sente que o barco tá afundando, ou você esculhamba tudo ou estaciona o barco e afunda junto.

Sesper. Hoje sinto que falta pessoal criticando, apontando o dedo. Hoje em dia tem exposição coletiva e o povo acha tudo lindo, tudo é bom e a gente sabe que não é assim.

A Choque Cultural surgiu um pouco depois que a Most começou. Como vocês vêem o trabalho deles?

Flip. A Choque inicialmente era uma editora de pôsteres, gravuras e foi só depois que começaram a fazer exposições...

Sesper. Tinha exposição de artistas-tatuadores, o que eu achava bem legal. O que diferenciava no começo era o fato de não ter grafiteiro...

Flip. Uns ilustradores underground também. Lá era mais um ponto de encontro. As exposições lá eram como um amigo secreto. Os artistas trocavam obras, não tinha vendas. Depois, quando começou a vender, perdeu um pouco o foco. Um monte de gente que ia lá parou de colar porque aquilo virou uma loja de arte. Hoje nem vejo mais como uma galeria. Na real eu tava saturado daquilo, de encontrar as mesmas pessoas, do "sorrisinho amarelo".

Sesper. Sorriso amarelo e tapinha nas costas que é o pior.

Vocês acham que eles estão dando continuidade ao que vocês fizeram?

Sesper. Na real tá pra nascer alguém para repetir o que a gente fez na Most viu? E não vai ter, até por causa da política que existe hoje.

Flip. E o engraçado é que a maioria das pessoas que fizeram exposição com a gente, acabaram fazendo na Choque, praticamente na mesma ordem.

Sesper. É, mas o espaço da Choque é melhor. E a visão do pessoal da Choque Cultural, do Baixo e da Mariana [donos da galeria] já era bem diferente, porque os pais da Mariana já vieram do meio das artes e isso deu um gás no trabalho deles. A gente era uns goiabas, pedreirão, ninguém sentava e pensava sobre os lances. Era coisa de amigo. Reunião de negócios nunca ia pra frente (risos).

A gente sabe que no Brasil é bem difícil viver só de arte. Além dos trabalhos autorais de arte, o que mais vocês tem feito?

Sesper. A banda me ajuda (Sesper também é vocalista do Garage Fuzz). Minha esposa também. Parentes sempre ajudam pra caramba.

Flip: Meu pai é um profeta, sempre falou que não ia dar certo (risos).

Sesper. Agora eu também estou trabalhando com a família Baglione. Desde novembro estou totalmente focado no meu trabalho artístico. Vou fazer 35 anos e acho que tá na hora de acontecer alguma coisa.

Flip. Eu tô trabalhando bastante. De um ano pra cá quando comecei a trabalhar com a Família Baglione, fui para Londres, Barcelona, para evento de graffiti em Paris.

Sesper. Até pintou a fachada da [loja de grifes finas] Daslu! (risos)

Flip. Mas quando o bicho pega, a gente também lembra que é designer.

"Acredito que a curadoria visionária do Sesper e do Flip foi o ponto de partida para as galerias de arte urbana brasileira que vieram depois, incluindo a Adesivo. Fora isso, acho legal lembrar que, por menor que fossem os espaços da Most, a montagem e o conceito de cada exposição eram impecáveis; além de criarem pequenos universos em conjunto com os artistas, tudo era registrado e divulgado em vídeos matadores, assim como eram feitas estampas para camisetas limitadas. Claro, como bons pioneiros, se foderam bastante. A maioria das pessoas ainda não estavam preparada para apreciar e consumir aquilo."

Lucas Pexão (Galeria Adesivo)

Fiz coisas para a marca do D2, cenário para show, ilustração, capas de disco aos montes – mas só ganhei na capa do D2, o resto é pra amigo mesmo –, fiz trabalhos para a XXL, logotipo para a minisérie Antônia. Fiz a fachada da Daslu, que foi uma quebra de paradigmas e deu uma puta visibilidade, ainda que a grana nem tenha sido tão grande.

Hoje vocês fazem parte da Famiglia Baglione e têm o William, que gerencia a carreira de vocês, marca exposições, negocia as obras, coisa que na época da Most ainda não existiam por aqui. Como funciona essa relação entre artista e manager?

Flip. Eu tava em um momento de crise, porque terminei um relacionamento, meu trabalho tava estagnado. Daí pintou o William, que veio e falou essa parada do "nossa vida se resume às escolhas que fazemos". Eu tinha que mudar, porque meu trabalho tava medíocre, e ele deu um direcionamento. Não no sentido de vender, mas de dar um foco no trabalho. Ele tem uma preocupação absurda com os artistas que trabalha, até meio paternalista, sabe? Liga pra saber se está bem, dar um alô. Dá um direcionamento psicológico, é um acompanhamento total. Por isso Família Baglione. Família; pra você ver o peso da parada. E meu trabalho mudou depois de trabalhar com ele. Rola uma cobrança intensa pra melhoria do teu trabalho, da tua índole. Começou quando fomos para Brighton e mudou muito desde então. E nenhum artista da Família compete com o outro. Cada um tem seu estilo, seus fãs, seus clientes. Nunca ninguém imaginou que iria chegar um cara como o William pra fazer esse trabalho. E ele foi tirado pra caramba no meio, porque achavam que ele era louco de trabalhar com um bando de loucos. E cada um soma seus clientes, seus contatos, para o bem de todo mundo. Ele não é artista, por isso que dá certo. Ele gerencia nossas carreiras.

E você já tinha participado de algo do gênero?

Flip. Não porque não existe. [Na Família] Um fala sobre o trabalho do outro. É foda você falar do trabalho dos outros e ouvir críticas duras ao teu. E a maioria só fica se provocando. È um lance que o William adora, porque provocação te faz se superar. E eu sou um cara difícil, arrogante... e eu tô conseguindo conversar de novo com as pessoas.

Vocês pensam em ressuscitar a Most algum dia?

Sesper. Nem fudendo! (risos)

Flip. Com esse nome não.

Sesper. A gente pode fazer uma série "Rest In Peace".

Flip. Eu tenho vontade de fazer uma série de camisetas etc.
De repente, com a Família, surja algo novo.

Sesper. Eu não quero mais ter marca não.

Flip. Não? Então arrumo outro sócio! (risos)

» Para reviver
www.youtube.com/urbanmost

Assista ao making of da entrevista no www.maissoma.com,
além de fotos e vídeos exclusivos.

ELEMENT ADVOCATE SESPER

O Programa Element Advocate busca inspirar e apresentar uma definição mais ampla e atual do que significa ser parte da comunidade do skateboard, apoiando a cultura do skateboard e aqueles que estão contribuindo positivamente para a sociedade através de suas ações, utilizando nossa marca como plataforma para trazer à esta consciência.

Autodidata, **Sesper** teve os primeiros contatos com o skate e com a música em 1986, passando a maior parte da sua adolescência montando rampas, fazendo fanzines e gravando K7s.

No início da década de 90, nasce a banda **GARAGE FUZZ** na qual toca até hoje.

Sesper descobriu também, os trabalhos gráficos digitais voltados para bandas e marcas de skate, fez mais fanzines incluindo o **INTRoduct** de 98, fanzine que documentava a arte de uma cena que estouraria na década seguinte.

Atualmente dedica seu tempo a um documentário sobre a arte nos decks de skate produzidos no Brasil chamado **REBOARD**, além de participar com suas artes e videos desde 2007 na **FAMIGLIA BAGLIONE**.

ELEMENTSKATEBOARDS.COM/ADVOCATES

EMPI
STRIKES!
REUPGRADE 08
ARTISTA PLASTICO | MÚSICO | VIDEOMAKER
WWW.REUPGRADE.COM

SPOSTAL

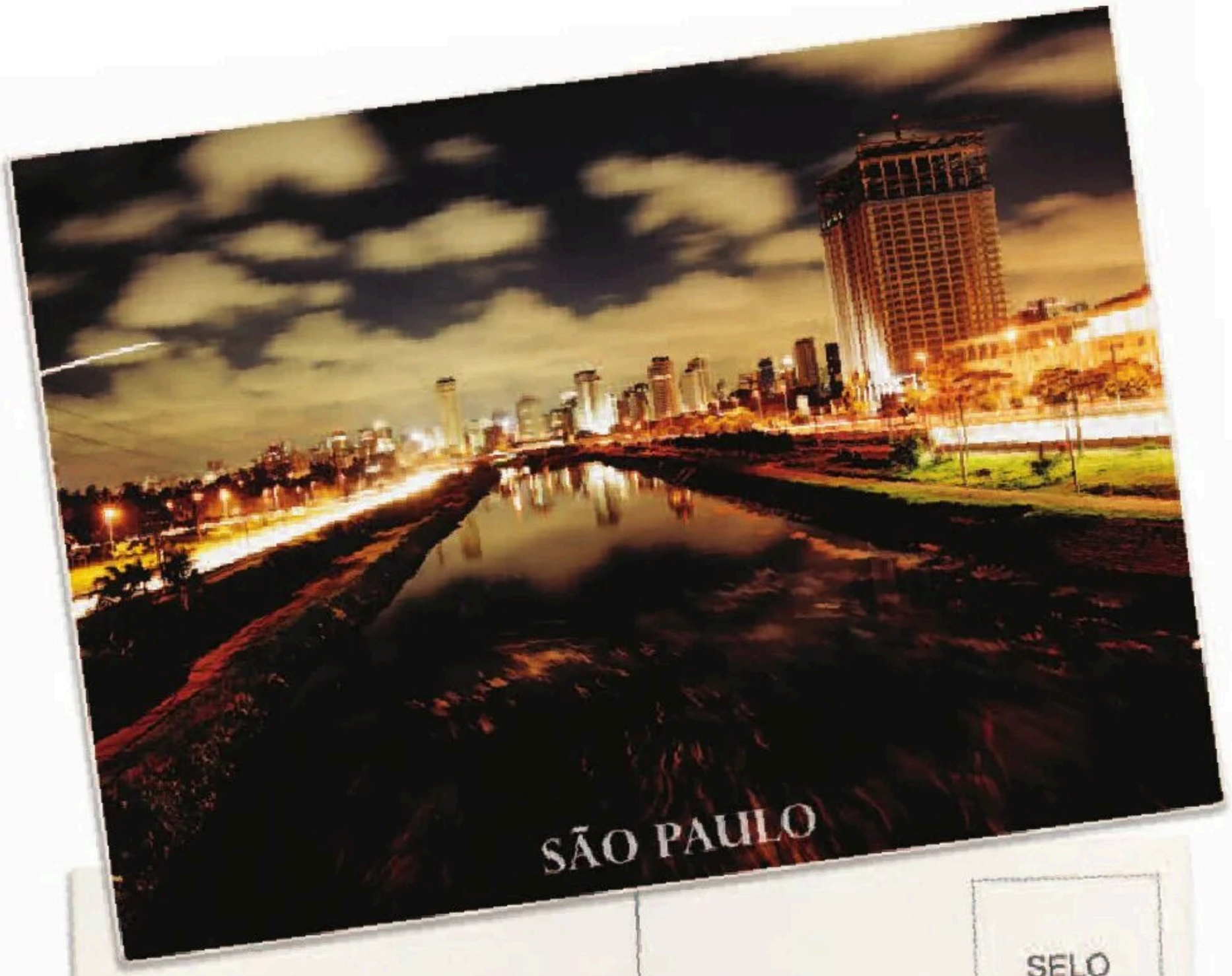
São Paulo para mim é isso: uma confusão, uma mistura, linhas e texturas, formas e significados, não existe feio ou bonito aqui, existe a cidade, existe muita coisa, o resto é com você.

SELO

. Por Flavio Samelo .

SPOSTAL CONTA COM O APOIO DA NIKE QUE, ASSIM COMO A +SOMA, NASCEU DA TÍPICA ENERGIA E PAIXÃO QUE MOTIVA JOVENS NO MUNDO TODO À CORRER ATRÁS DE SEUS SONHOS E FAZER ACONTECER. UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO, QUE CELEBRA A ARTE TRAZENDO A CADA EDIÇÃO NOVOS ARTISTAS E IDÉIAS QUE INSPIRAM.

NIKE



SELO

Mamãe,

What can I say to you bonita?

Estou morrendo de saudade

Do teu irmão

Pedro

□□□□□-□□□

. Por Pedro Dimitrow .

. Por João Wainer .
Autor da Frase . Sérgio Vaz

SÃO PAULO 450 ANOS

SELO

É uma vez uma Forma viva, que entre
os blocos de concreto insiste. Besta agua
que nem mesmo aparecia. Existia onde
nem se sabia.
De costas pra quem vê e de frente para oque
se é.

. Por Nina Jacobi .

SELO

Do You FUCK TOGETHER?

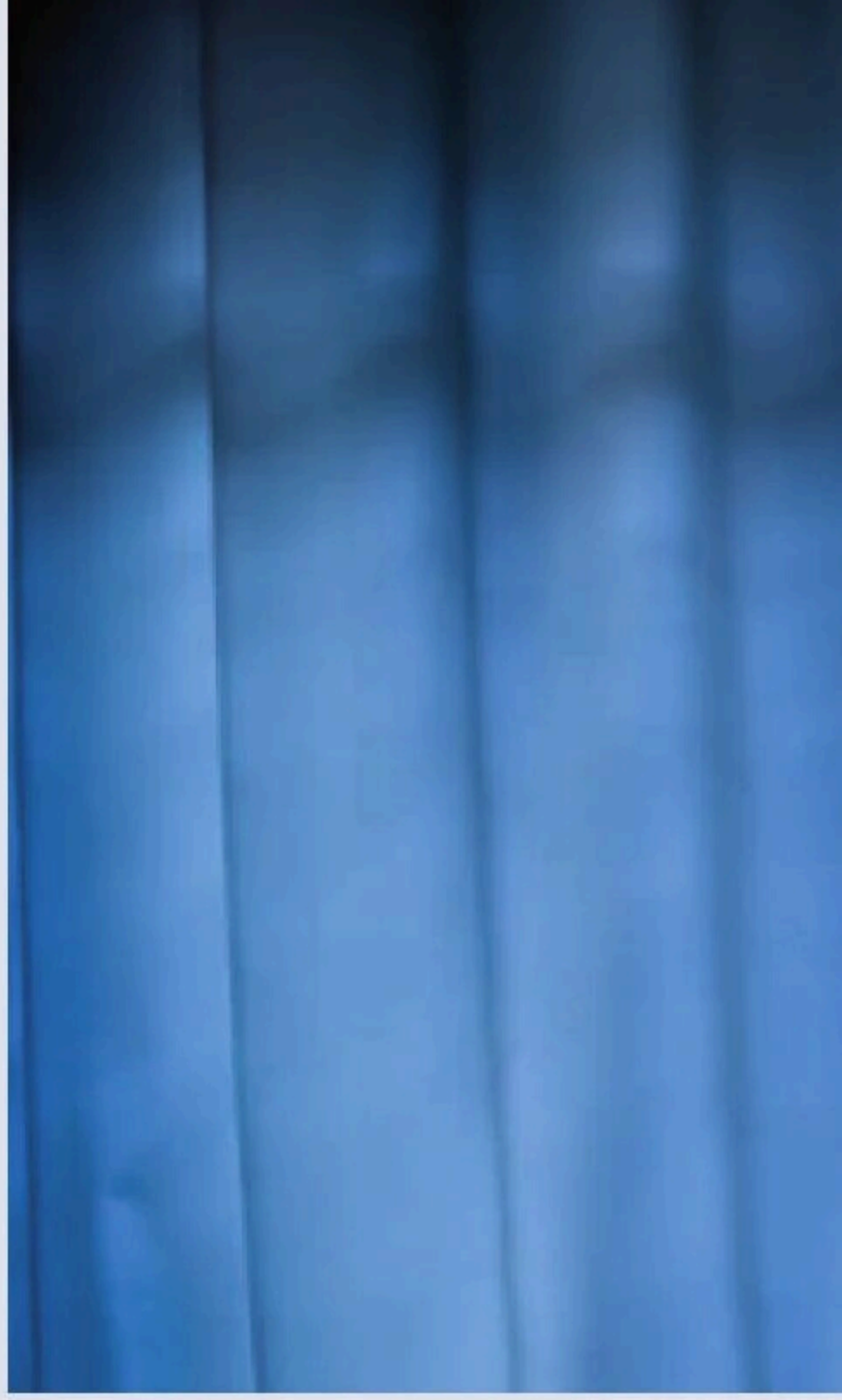
. Por Cia de Foto .

· Por Caroline Bittencourt .

"Alguma coisa acontece / No meu coração /Que só quando cruza a Ipiranga / E a Avenida São João..." de Caetano Veloso, ainda é o verso mais popular do cancioneiro brasileiro a falar de São Paulo. Para os mais jovens, talvez "Você está nas ruas de São Paulo, onde vagabundo guarda o sentimento na sola do pé" ou "olhe outra vez o rosto na multidão / a multidão é um monstro sem rosto e coração / Em São Paulo, terra de arranha-céu, / a garoa rasga a carne, é a Torre de Babel" dos Racionais MC's, seja mais conhecida, até pela força de versos, que não dão muita margem a divagação – e tudo que essa metrópole maluca aparenta querer é consumir o sonho alheio. Será? Lembrem-se, as aparências enganam.

As imagens clicadas por seis fotógrafos convidados pela +Soma que ilustram os postais evocam essa beleza que se captura nos detalhes ou na ótica daqueles que, calejados, aperfeiçoam o olhar e acabam por extrair a beleza não-aparente, a essencial, no meio do caos. ***Venha para São Paulo...***

OS "TEMPOS" ESTÃO MUDANDO JOE LALLY



Por Arthur Dantas . Tradução Tiago Moraes

Pairava uma dúvida em nossa redação: valeria uma matéria com Joe Lally, que recentemente fez sua segunda turnê solo no Brasil? Longe de duvidarmos de seu talento, mas afinal, na edição passada, dedicamos uma grande parte da revista a uma série de entrevistas e textos referentes ao Fugazi (seu antigo grupo), que, de certa forma, davam uma panorâmica sobre a importância do grupo para a música contemporânea. A dúvida se dissipou após vermos apresentações do músico acompanhado de Maurício Takara (Hurtmold, SP Underground, M.Takara) e do guitarrista italiano Andrea Moscia. E, definitivamente, seu trabalho solo não pode ser encoberto por essa grande sombra de seu antigo grupo - os dois álbuns expandem e fogem em diversos níveis à estética do Fugazi.

Sua música é simples, generosa ao proporcionar espaço e liberdade para a participação de outros músicos, de maneira que possam imprimir a ferro quente suas personalidades. E, no rápido contato com o músico, descobrimos que sua música é um perfeito retrato de Joe Lally: leve, serena, reflexiva e assertiva quando se faz necessário. ⏩

Você vive em Roma atualmente. Qual a principal diferença entre o pessoal de Roma e o de Washington?

Bem, eu não tenho resposta... Quero dizer, eu não conheço todo mundo em Washington e eu não conheço todo mundo em Roma e, especialmente depois que minha filha nasceu, passei a viver mais recluso com minha filha e esposa, então meio que dá na mesma (risos). Basicamente, Washington é uma cidade pequena e Roma é muito grande e essa é a maior diferença.

Não acompanha a cena musical por lá?

Não saio à noite, sabe? Eu acordo umas seis da manhã e não tenho saído muito, a não ser quando toco... Eu nem consegui ir a um show ainda! Ainda não tenho permissão para dirigir em Roma e leva um tempo para ir até a cidade e voltar à noite até onde eu moro. Acabo me fechando um pouco em meu mundo... Não vi muito do que estava aconte-

cendo em [Washington] D.C nos últimos tempos - pelo menos nos últimos cinco anos que morei lá. Mas tudo bem; vi mais de dois mil shows por lá antes disso, então acho que foi só uma fase diferente que eu vivi.

Como você definiria seu trabalho atual?

Eu realmente não sei como descrever a minha música. Então...

Ok, mas para alguém que não conhece seu trabalho e não conhece o Fugazi, como você descreveria o seu som?

Para mim, é sempre tão difícil definir música de uma maneira simplista... Para quem me ver tocar, acredito que chamem de rock, mas eu não sei se rock é a melhor definição. Tenho muitas outras referências que aparecem na hora de compor... O resultado pode não ser definido como, sei lá, a mistura de cinco gêneros, um pouco disso, um pouco daquilo etc, mas sim o que você entendeu de cada música. Eu ouço música há muito tempo e gosto dos estilos mais variados. Quando componho, todas essas referências acabam aparecendo de uma maneira diferente, adaptadas ao meu estilo de tocar, já que não estudei meu instrumento para tocar todos esses tipos de música que existem e nunca tentei tocar todo tipo de música que escuto. Na verdade, raramente tento tocar algo que escuto. Comecei a tocar música na época do punk rock e essa foi a minha escola... Mas o que venho tocando hoje é certamente diferente do que fazia no Fugazi. Sinto que estou indo para outro caminho porque eu não quero necessariamente dar continuidade àquilo, e ao mesmo tempo, é o meu entendimento da música porque já era o tipo de som que eu gostava antes de começarmos, antes de eu começar a tocar com o Ian [Mackaye].

Música é muito mais você colocar para fora o que está na sua cabeça do que o nome ou gênero que as pessoas dão para ela. É algo difícil de explicar.

Como essa experiência de tocar com músicos de diversos lugares influencia seu trabalho?

Sou afetado pelas viagens que faço. A única educação que tive foram todas as viagens que fiz ao redor do mundo para tocar com o Fugazi e vou continuar porque tenho muito o que aprender. O que eu sei dos lugares que fui? Sinto que ainda não sei nada. No Brasil sinto a música no ar, respirando música todo segundo, é só uma questão de prestar atenção a elas. Na primeira vez que estive aqui para apresentar meu projeto-solo, toquei com o Maurício e o Fernando [respectiva-

mente, percussionista e guitarrista do Hurtmold] e foi uma das experiências mais extremas que tive, mas não tive a oportunidade de fazer isso muitas vezes - somente na Itália, quando toquei com o Massimo e o Jacopo [membros do trio italiano Zu]. Quando vim pra cá, começamos a ensaiar, e eu queria que eles tocassem da maneira que se sentissem mais confortáveis, mas o Maurício estava tocando da maneira que ouviu no disco e eu pensava "Já ouvi esse cara tocando na internet, ele é um baterista incrível, porque é tão difícil?" Mas de repente eles começaram a brincar, tocar um samba e eu disse "É assim que vocês deveriam tocar (risos). Quando eles começaram a tocar do jeito deles a coisa fluiu, ficou simples. E é assim que tem que ser, o baixo como a fundação, o contorno das músicas pode ser jazz ou heavy metal se os músicos quisessem. Estou sempre aberto a mudanças. O que aprendi é que você precisa realmente passar um tempo com as pessoas para que essas mudanças realmente ocorram. Eu adoraria ir tocar com o The Ex na Holanda e apenas cantar as minhas músicas, passar um tempo com eles criando suas versões para minhas músicas e apenas cantar. Adoraria fazer isso com o Zu, toquei com eles dezenas de shows e ensaiamos apenas um dia e tocamos uns cinqüenta shows juntos.

Para mim, a grande diferença entre There To Here (primeiro álbum) e Nothing is Underrated (disco mais recente) são as letras: me parece que há um tipo de melancolia no último, enquanto o primeiro ainda tinha canções políticas mais próximas do que se esperaria de um ex-membro do Fugazi...

Bem, escrever letras é difícil: quanto mais você escreve, mais difícil fica para escrever. Eu entendo quando você diz que percebeu nelas um conteúdo político, mas não em todo o disco. Pra mim, é uma continuação - não é um processo particular ou uma tentativa de escrever de um modo particular... Elas simplesmente vão aparecendo. Se tenho uma idéia, escrevo e depois volto naquela frase ou conceito e tento desenvolver.

Imagino que seja difícil para você, afinal, no Fugazi você não escrevia tanto, acho que apenas umas duas ou três músicas, não?

É, e isso em três álbuns! No primeiro disco [solo], falhei na composição de cinco letras ao mesmo tempo - começava idéias para letras e nunca ficava completamente feliz. Outras estavam quase finalizadas e eu realmente achava que elas não estavam boas, precisavam de mais alguma coisa, então alterava um verso aqui, outro ali, até ficar satisfeito com o resultado. Faz sentido você dizer que meu primeiro disco tinha uma pegada política, mas no Fugazi as pessoas reclamavam que nossas letras não eram claras, que nós não dizíamos o suficiente, que deveríamos dizer mais... Não acho que as letras do Fugazi eram consideradas políticas da mesma forma que as pessoas falam que o meu primeiro disco era. Para mim, é uma questão de perspectiva: como você olha algo que está acontecendo, que já aconteceu e que acontecerá - você vê coisas diferentes.

Li alguns textos que saíram na imprensa sobre o seu primeiro trabalho solo afirmando que os temas eram uma continuação do que o Fugazi já havia feito. É meio estranho porque acho muito diferente e no seu primeiro álbum, inclusive, as letras são muito diretas, o oposto da maioria das letras do Fugazi. Penso, por exemplo, na música Pick a War...

É, não tem mais nada o que dizer sobre esta música. Não que necessariamente goste disso, mas foi assim que ela saiu (risos)... No Fugazi pensávamos: temos todas as músicas e conceitos e apenas queríamos botar tudo para fora, gravar e sair tocando. Eu queria que a coisa andasse [no primeiro disco]. Se continuasse trabalhando em cima daquelas músicas, ainda estaria trabalhando nelas até hoje e não estaria feliz. Tive que dar um fim àquilo e amadurecer as músicas tocando, na frente do público. Muitas pessoas dizem que minhas músicas estão inacabadas, que não consigo amarrar minhas letras, que estou sentindo falta dos outros três caras [do Fugazi]... Por mim tudo bem, mas eu também não quis mais nada com aquelas músicas, não quis que tivessem uma segunda parte; quis que tivessem uma parte e que tivessem mais espaço. Não queria muita instrumentação, aquela coisa confusa. E eu também quero escrever letras que as pessoas precisem ficar voltando à elas para encontrar novos significados.

Eu sabia que em meu primeiro disco essas seriam provavelmente as melhores músicas que escreveria em toda minha vida e que talvez não consiga mais escrever tão bem de novo. E não acho que elas são tão limitadas assim. Por exemplo, em "Pick a War", a letra é sobre a forma como o cérebro humano funciona, sobre o conceito da guerra como um problema para nós, seres humanos. Mas as pessoas podem limitá-la tratando-a como uma canção sobre guerra, tipo, não deveria haver guerra, ponto final. Você pode olhar dessa forma, mas pra mim é um problema de origem humana, de como a mente funciona. Sempre existem diferentes maneiras de olhar para alguma coisa.

Esse disco parece ter algumas reflexões sobre a passagem do tempo...

Hmm, verdade? Talvez pelo fato de ter tido uma filha, consiga enxergar o tempo de uma maneira bem diferente. Quando você realmente se entrega, fica com uma criança e esvazia sua mente de qualquer outro tipo de coisa, você entra no tempo delas, o que significa que não existe tempo. O tempo é um conceito que o homem criou; há o tempo solar, com o sol girando e girando, e que não é perfeito, sabe? Não é uma coisa perfeita, eles precisam ficar alterando o tempo atômico para bater com o tempo solar. Sabia disso? (risos) É verdade! Eles estão sempre alterando, arrumando o tempo do mundo. Mas as crianças não sabem disso! Eles comem, dormem, fazem cocô, xixi e não se preocupam com o tempo. Quando você tem um filho, consegue desacelerar e voltar ao tempo em que era uma criança. Aí então olha para a sua vida, aos quarenta e tantos anos e percebe que o tempo está voando, indo mais rápido a cada ano que passa. Ter uma criança é viver essas duas experiências ao mesmo tempo.

Saiba Mais
www.joelally.com/
www.dischord.com/band/joelally

Em www.maissoma.com Joe fala sobre eleição nos Estados Unidos, influências na sua música, a cena de Washington e sua dificuldade com compassos musicais. E, de lambuja, há um vídeo exclusivo para você.

ENTREVISTA COM

CRIAÇÃO!

SHEPARD FAIREY

por Tiago Moraes

Shepard Fairey *cresceu em uma pequena cidade da Carolina do Sul, nos Estados Unidos. Filho da chefe de torcida e do capitão do time de futebol local, ele tinha tudo para ser mais um típico norte-americano, mas felizmente o contato com o skate e com a cultura punk na metade da década de 1980 o desviaram desse caminho. Enquanto seus pais achavam que era só uma rebeldia passageira típica da idade, Shepard já estava completamente contagiado pelo espírito faça-você-mesmo dessas subculturas. Conheça nesta entrevista um pouco da história deste que é considerado o mais bem sucedido artista da street art mundial, e que no ano que vem completa 38 anos, sendo mais da metade dedicados a espalhar seus ideais em forma de arte pelos quatro cantos do mundo.* ⏩

Quando e o que te motivou a começar a imprimir aqueles adesivos do Andre the Giant?

Eu cresci ouvindo punk rock e andando de skate e fazia um monte de adesivos porque era o que pessoas como eu faziam. Adesivos de skate, de bandas punk... era um aspecto muito proeminente dessa cultura. E depois, quando fui estudar arte, na Rhode Island School of Design em 1988, comecei a ver muitos graffitis espalhados pela cidade e então eu fiz uma viagem para Nova Iorque e vi toneladas de graffiti por lá e passei a pensar nos adesivos de uma forma diferente, como adesivos de arte. Mas a história do primeiro adesivo do Andre the Giant é engraçada.

Eu estava fazendo um monte de stencils e adesivos para uma skateshop em que trabalhava, e uma noite estava trabalhando nessas coisas e um amigo queria aprender a fazer um stencil. Dei uma olhada no jornal para encontrar uma foto para que ele pudesse fazer um stencil e dei de cara com um anúncio de luta-livre com o Andre the Giant. Achei a foto engraçada e perguntei "Por que você não faz um stencil disso?". E ele disse, "de jeito nenhum, não vou fazer isso, é estúpido". E de uma forma espontânea, falei "O que você tá falando, cara? Andre the Giant é o cara! A posse [gangue] do Andre vai dominar!" E era só uma piada. O nome da skateshop era *The Water Shad* e a nossa crew era o Team Shad e eu fazia piada que a posse do Andre ia dominar o Team Shad. Era uma piada boba mas eu decidi imprimir alguns adesivos e dar para alguns amigos e depois de espalhar os adesivos em alguns points de skate e festas, começaram a rolar muitos comentários pela cidade. Vale lembrar que estou falando de Providence, uma pequena cidade em Rhode Island. As pessoas ficavam curiosas, querendo saber do que se tratava. Então o jornal local publicou um artigo sobre isso e eu comecei a perceber que mesmo não prevendo que isso seria um grande projeto - achava que seria mais uma piada interna com alguns amigos -, percebi que imagens em público tem o poder de deixar as pessoas curiosas, mais atentas para o que acontece ao seu redor. E comecei a fazer umas pesquisas sobre isso e descobri coisas interessantes sobre fenomenologia, que é o conceito de que algo desperta o senso de se preocupar com o ambiente ao redor. As pessoas ficam tão acostumadas com o que está à volta porque é tudo tão repetitivo e quando elas veêm algo único, isso trás uma nova perspectiva. Daí pensei "nossa, eu acho que deve ser isso que meus adesivos estão fazendo", e aprendi que é preciso criar algo novo e único para dar às pessoas uma nova perspectiva em seu ambiente.

Tudo começou com esse adesivo bobo e foi evoluindo para stencils, camisetas, pôsteres, e quando vi, eu estava dirigindo de Providence para Nova Iorque, Boston, Filadélfia colando adesivos, stencils e pôsteres. Depois posteres cada vez maiores e uma coisa que começou como piada acabou se tornando a minha assinatura.

OBEY
OBEY

E como evoluiu para o conceito "Obey" e qual a mensagem por trás de tudo isso?

Quando a coisa começou a ganhar força, com pessoas curiosas querendo saber sobre o que se tratava, eu pensava comigo mesmo "eu tenho esse adesivo bobo que não reflete em nada minha política, como eu posso evoluir essa mensagem para algo que refletisse o que eu acreditava e defendia politicamente, que questionasse a dinâmica do capitalismo, questionasse a obediência das pessoas, sua predisposição a aceitar todas as leis sem questionamento e como era fácil para o poder controlar as massas. Isso me frustrava muito, o cenário do 1984, O Grande Irmão está olhando você [famosa máxima presente na novela de George Orwell]... O que eu queria fazer era achar uma maneira de desenvolver a imagem com a qual havia se tornado conhecido, que já tinha um público, e levar para uma direção mais apropriada para onde meus interesses artísticos e políticos estivessem. Então eu vi o filme *Eles Vivem*, de John Carpenter, com Roddy Piper [famoso lutador de luta livre nos Estados Unidos], e quando [o personagem de Roddy, John Nada] colocava uns óculos escuros especiais, via alienígenas e nas propagandas via mensagens como "Obey", "Consume", "Sleep", "Watch Television", e a palavra "Obey" ficou na minha cabeça por causa desse filme. Decidi que passaria a usar essa palavra e resolvi simplificar os traços do desenho do rosto do Andre the Giant para que ficasse num estilo que remetesse ao construtivismo soviético.

Como você foi influênciado pelo estilo soviético, da propaganda russa, dos pôsteres de guerra?

Meu primeiro contato com esses posteres foi no final do colegial e início da faculdade. Eu achava o design gráfico do construtivismo russo a coisa mais poderosa que já tinha visto e também achava interessante, porque era algo que muitos evitavam falar dado as implicações políticas, e eu gostava da idéia de brincar com símbolos.

As pessoas são constantemente bombardeadas com propaganda embalada em toda aquela estética típica americana, de forma que você acredite que esse produto é bom para você, que você seria um mau americano se não comprasse tudo aquilo. De certa forma, isso é bem nocivo e é apresentado em um pacote benevolente para que seja consumido e por outro lado você pode pegar algo que não é nada ameaçador e apresentar de uma maneira que as pessoas vão sentir medo e questionar imediatamente sobre o que se trata. Minha idéia era usar elementos do construtivismo soviético para chamar a atenção das pessoas porque a estética é muito poderosa e também pelo medo que poderia gerar nas pessoas em relação ao conteúdo, e isso os incentivaria a analisar, a pensar e quem sabe isso poderia fazer com que começassem a questionar mais as coisas.

É visível que a sua arte carrega muitos elementos das culturas Faça-Você-Mesmo do punk rock e do skate. Qual o seu envolvimento com essas culturas?

Cresci numa cidade bem pequena chamada Charleston na Carolina do Sul e meus pais eram muito conservadores. No final de 1983, comecei a andar de skate - um amigo meu deixou um skate em casa - e comprei meu primeiro skate no início de 1984, e sempre que podia tentava conseguir um exemplar da revista *Thrasher* e nela percebia que todos os skatistas curtiam punk rock. Então comecei a ouvir Agent Orange, Sex Pistols, The Clash, Black Flag, Misfits, Dead Kennedys, Circle Jerks, Bad Brains, todas essas bandas porque as duas culturas sempre andaram muito juntas. O skate não era mainstream na época e a maioria das pessoas construíam suas próprias rampas, criando sua própria cena bem no estilo faça-você-mesmo e casava muito com o punk-rock que por sua vez casava com o skate pela rebeldia, pela energia e por bombar a adrenalina. Comecei a me preocupar com política por causa do punk rock, ouvindo músicas do The Clash ou do Dead Kennedys. Isso foi muito importante para mim e eu acho que o skate e o punk rock realmente me ajudaram a me definir como um artista, porque antes disso eu já desenhava, mas desenhava só aquelas coisas estúpidas, paisagem, natureza morta ou qualquer outro assunto estúpido que artistas vem desenhando por toda a eternidade. A criatividade própria dessas culturas me fez fazer stencils, adesivos, fazer minhas próprias camisetas e não ter a camiseta da moda daquela marca fashion que todo mundo usava.

Sua família te deu algum tipo de apoio quando você começou a fazer a sua arte?

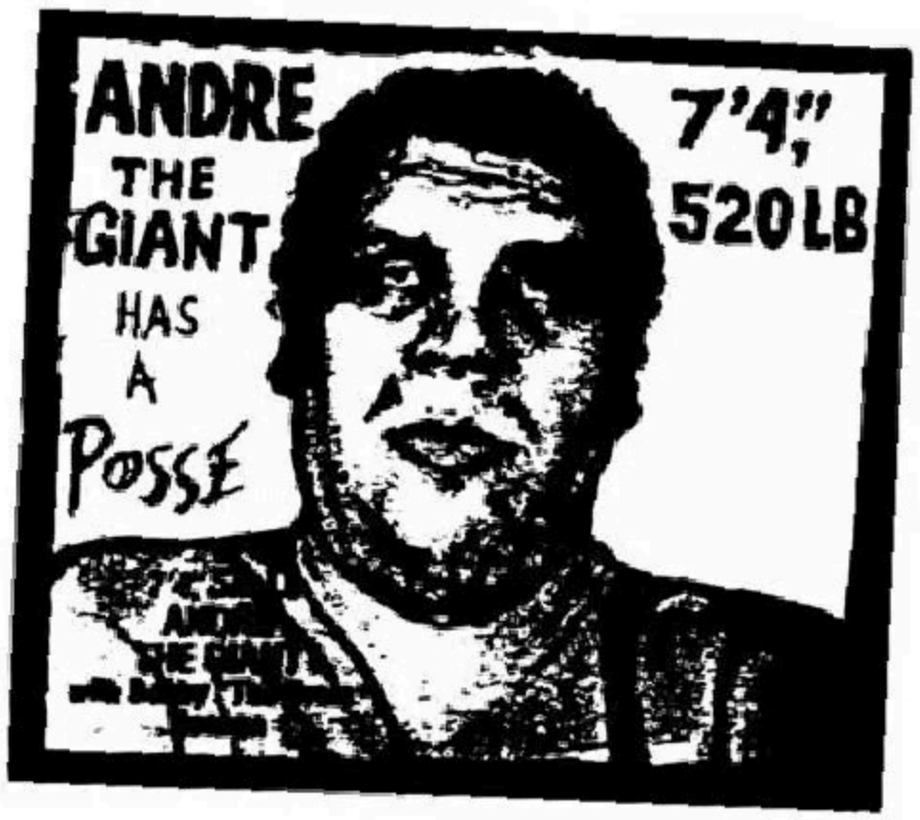
Não, minha famíia odiava tudo que eu fazia e com o que estava envolvido. Isso foi bom porque fez com que aprendesse a defender meus ideais e defender o que eu acreditava. Isso me fez desenvolver uma personalidade bem cedo e foi importante para o meu desenvolvimento e crescimento.

Quando você percebeu que o cara que começou fazendo adesivos, pôsteres e camisetas em casa tinha se tornado um dos mais importantes artistas da sua geração?

Obrigado, fico lisongeado pelo elogio! A minha progressão foi muito gradual, sempre coloquei todo o dinheiro que eu fazia de volta para poder fazer mais coisas, e trabalhei bastante bombardeando as cidades e criando as minhas coisas. Nunca senti que eu passei de um Zé Ninguém para alguém bem-sucedido, porque eu ainda sinto que não importa o sucesso que você alcance, porque você não pode se acomodar, tem que evoluir e fazer com que o seu próximo trabalho seja sempre melhor. Porque o metabolismo da cultura pop é super rápido e não acho que um artista que trabalhe da maneira com a que eu trabalho pode sentar e dizer "vou me acomodar no que fiz no passado". Gosto de pensar que estou em constante evolução e que dias melhores estão por vir.

Você tinha alguma idéia que algum dia esse seu projeto *Obey* ficaria tão grande como é hoje?

Não, eu não tinha a menor idéia que tudo isso poderia ficar tão grande como ficou. No começo, minha fantasia era que se dirigisse por aí numa van e colocasse adesivos por todas as cidades, eventualmente um jornalista de uma revista escreveria uma matéria e isso acabou acontecendo (risos). Basicamente esse era meu objetivo... Parte do sucesso foi porque eu não tinha grandes ambições nem metas definidas que eu pudesse me sentir fracassado se não atingisse rápido, porque tudo que eu conquistei levou muito tempo. Pessoas que começam uma banda podem ir do anonimato ao sucesso mundial em dois anos se tiverem sorte... Ano que vem completarei 20 anos desde que comecei esse projeto, sabe? Sinto que tudo foi tão gradual que pude tocar de uma maneira que funcionasse e crescesse sem me desgastar.



Você vive o melhor momento em sua carreira, com exposições individuais em importantes galerias ao redor do mundo, um estúdio de design sólido, uma marca de roupas, uma revista e uma recém inaugurada galeria. Existe algo que gostaria de conquistar? Fiquei sabendo também que você tem uma festa, é verdade?

Eu gosto de tocar e junto com um amigo promovo uma noite, todas às quintas em Los Angeles. É uma noite bem cheia, bem legal. Faço isso por diversão; amo música e gosto de sair e tocar, é uma desculpa para me socializar e compartinhar músicas que eu gosto com outras pessoas. Tenho muita sorte por tudo que já conquistei e também pela família incrível que tenho. Eu tenho uma mulher incrível que me ajuda nos negócios, uma filha que nasceu há duas semanas e outra com dois anos e meio e não existe nada que eu pense que eu queira fazer, que ainda não tive a oportunidade de fazer. Uma das coisas que eu gostaria muito é de passar uma porcentagem maior do meu tempo trabalhando na minha arte, porque tocar a agência de design consome muito tempo, mas também curto fazer alguns dos projetos comerciais. Na verdade, antes precisava fazer design para sobreviver e agora posso escolher e trabalhar em projetos que goste, coisas que quero me envolver. Mesmo assim, gostaria que o dia tivesse mais algumas horas, não tenho tido tempo suficiente para fazer tudo da maneira que eu gostaria. Mas tem coisas grandes para acontecer e estou realmente empolgado. Uma coisa que tem sido incrível é ter a oportunidade de trabalhar com muitos de meus ídolos, como o Henry Rollins do Black Flag - fiz alguns projetos com ele e participei de seu programa de rádio semanal. Estou trabalhando com o Tony Alva, Tenho projetos com o De La Soul, com o Public Enemy. Também estou desenvolvendo um projeto em parceria com o fotógrafo Glen E. Friedman e, nesse exato momento, trabalho em uma série de pôsteres políticos para o Barack Obama [pré-candidato do Partido Democrata nos EUA]. Tenho me envolvido em trabalhos que nunca sonharia que pudessem acontecer.

OBEY
Greetings FROM IRAQ
"ENJOY A CHEAP HOLIDAY IN OTHER PEOPLE'S MISERY"

Você disse há pouco que gostaria que o seu dia tivesse mais algumas horas. Como você encontra tempo para lidar com tanta coisa ao mesmo tempo? Qual é a rotina de trabalho diária para o Shepard Fairey?

Na maioria dos dias eu chego no escritório por volta das dez da manhã e trabalho até seis e meia, sete horas, depois vou pra casa, janto e trabalho ou na minha garagem ou no meu laptop até uma e meia da manhã. A primeira metade do meu dia é no escritório fazendo design gráfico, a revista *Swindle*, *Obey Clothing*, e depois vou para casa à noite e trabalho nas minhas artes, stencils, colagens. Se tiver mais coisas no computador para fazer, cuido delas também. Tenho um estúdio na minha garagem e assim posso trabalhar em casa, ficar próximo da família.

Percebo uma evolução bem grande em seus trabalhos de arte nos últimos dois anos, e em dezembro de 2007, tive a oportunidade de ver uma exposição sua em Los Angeles, e fiquei impressionado com todas aquelas colagens, as várias camadas, os stencils gigantes, as composições...

Obrigado! Tenho trabalhado duro para progredir e evoluir, especialmente agora que existem pessoas dispostas a gastar mais dinheiro. No passado, passei muito tempo fazendo pôsteres e obras mais simples porque as pessoas não estavam dispostas a gastar, e agora continuo fazendo peças super acessíveis [Shepard vende gravuras assinadas em tiragem limitada por trinta dólares em seu site] como pôsteres e camisetas, mas existem colecionadores que querem obras mais complexas e tem sido um grande prazer para mim trabalhar em artes maiores, mais detalhadas.

O que e quem te inspirou no início e o que te inspira hoje?

Nesses anos todos, tiveram tantas coisas que influenciaram meu trabalho, como pôsteres de propaganda de guerra, graffiti, artes de skate, punk rock, capas de discos, impressões em serigrafia dessa época. Recentemente comecei a curtir muita coisa de *art noveau* que influenciou os hippies, e eles se apropriaram de muitos elementos e a usaram em campanhas em prol da paz e em pôsteres psicodélicos. Eu amo padronagem, então o que fiz foi ir até a fonte atrás desses elementos, padrões de papel de parede da época, bordas e coisas do tipo, incorporando coisas mais leves, de um universo mais feminino na estética da propaganda. Desde que a guerra começou, tentei incorporar isso no meu trabalho em meus pôsteres contra a guerra.

Recentemente li um artigo sobre você na revista *Juxtapoz* onde alguém te rotulava como o "Michael Jordan da Street Art". Você se sente confortável com esse tipo de rótulo?

O lado bom da street art é que não precisa ter um físico como o do Michael Jordan; sou só um cara comum, de físico e estatura mediana, mas que saí por aí bombardeando as cidades com minha arte. Qualquer um pode sair e bombardear a cidade por alguns dias e ganhar algum reconhecimento, mas sempre viajei pelo mundo espalhando minha arte. Rótulos são rótulos, mas sabe o que me incomoda? Na *street art* costumava ser diferente, se você fazia um monte de arte na rua, as artes por si só eram a prova [da importância de seu trabalho]. Com a internet, um monte de gente faz arte em um ou dois lugares e documenta tudo muito bem e da noite pro dia viram celebridades instantâneas, quando na verdade eles não fizeram quase nada. É justo dizer que sim, eu coloquei muitos trabalhos na rua e às vezes paguei o preço, e ainda acho que a street art é muito importante, acabei de fazer uma tonelada de coisas nas ruas em Londres e tenho colocado um monte de coisas em L.A para apoiar a campanha do Obama...

Recentemente você fez artes para pôsteres incentivando o voto, dando total apoio à campanha do Obama, e faz alguns meses você fez um pôster para a *Pow Usa* ajudando a gerar visibilidade e levantar fundos para uma campanha que tem como missão fechar a prisão de Guantanamo. Você é realmente envolvido em política? Os artistas deveriam emprestar seu talento para ajudar e apoiar causas em que acreditam?

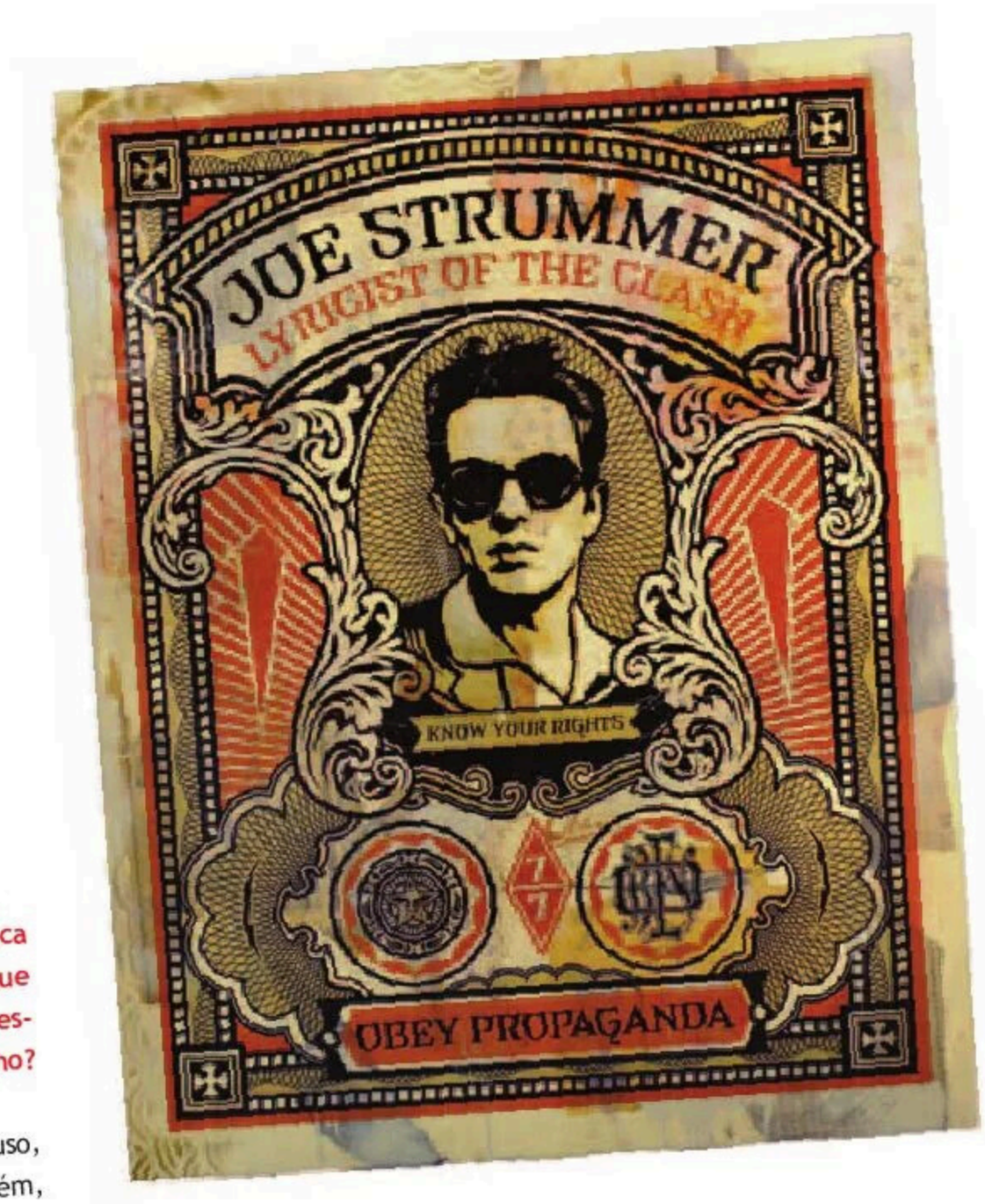
Cada artista tem sua maneira de se expressar e não vou dizer para ninguém como cada um deve fazer sua arte. Mas acredito que se você tem uma opinião e você tem como comunicar essa opinião de uma maneira efetiva e você não faz porque tem medo do que os outros vão pensar, isso é uma pena. Eu sigo a minha consciência e se tem uma causa que acredito, mesmo que eu possa me tornar impopular, acho que tenho que me manifestar de alguma maneira à respeito. Logo que a guerra [do Iraque] começou, nos Estados Unidos você era extremamente impopular se fosse contra ela. Rádios pararam de tocar grupos como Rage Against the Machine ou a canção "Imagine" de John Lennon. Tudo que pudesse ser visto como uma forma de protesto contra a guerra, a favor da paz ou que questionasse o governo era muito criticado, e auto-censura é a pior coisa que as pessoas podem fazer. Assim as pessoas ficavam com medo de demonstrar suas opiniões e senti que era mais importante do que nunca expressar meu ponto de vista e fico feliz que tive coragem para encarar isso de frente. Não acho que deva ser obrigação do artista ser politizado, mas se você tiver uma opinião e quiser compartilhar com as pessoas, por que não?

Eu vejo você como o Andy Warhol da minha geração. Não falo da estética da arte em si, mas como o Warhol, você retrata diversos ícones da nossa geração, como Chuck D (Public Enemy), Ian MacKaye (Fugazi) e Joey Ramone (Ramones), para citar alguns exemplos. Você concorda com essa relação entre o seu trabalho e o de Andy?

Sim, o Warhol foi uma influência para mim e ele é um artista bem importante. Eu acho que os principais pontos em comum é que o Warhol reconheceu que a cultura pop era algo que deveria ser abordada em sua arte. Por anos a arte foi tida como algo muito puro, acima de tudo e da cultura popular. Quando países eram governados por lordes, reis e a igreja, contratar artistas para fazer o que eles queriam, talvez fizesse sentido, mas a situação e os tempos mudaram para melhor, junto com o progresso da sociedade. É ótimo poder inspirar e fazer trabalhos de arte realmente bonitos, mas acho que eles são tão importante quanto fazer arte acessível às massas. Por exemplo, quando comecei a linha de roupas *Obey* alguns me chamaram de vendido porque fiz isso e pensava "do que que você está falando? Eu estou tentando fazer arte para as pessoas que custe 25 dólares. Comecei a fazer camisetas muito antes de começar a pintar! (risos) O Warhol tinha uma revista, a *Interview e* eu tenho a minha revista [Swindle]. Ele fez todos os tipos de impressão com tela e tentou fazer com que seu trabalho fosse acessível e acho que é isso que tento fazer também.

Como você escolhe esses ícones para a sua arte? Os ícones da música devem surgir como uma maneira natural de homenagear pessoas que te influenciaram e inspiraram. Mas em relação à política, você lê, estuda sobre esses personagens antes de incorporá-los no seu trabalho?

Existem múltiplas razões do por quê de usar os personagens que uso, e algumas pessoas acham que se você faz a imagem de alguém, isso significa que automaticamente você está apoiando ou aprovando ela e isso nem sempre é verdade. Fiz imagens do Saddam Hussein, Stálin e Mao-Tsé Tung e em nenhum momento fazia apologia, mas apresentava figuras que influenciaram muita gente e suas histórias são válidas para serem dissecadas e analisadas. Já na série "Meus heróis não aparecem em selos", com Noam Chomsky, Bobby Seale, Joe Strummer e Bob Marley, sim, esses são heróis e alguns são personagens que fizeram história e que as pessoas precisam conhecer. A arte com o Saddam Hussein, por exemplo, fiz quando vi um retrato dele sendo alçado por um grupo de pessoas armadas com AK-47 e rifles, e havia um contraste muito distinto entre o Saddam sorridente, com uma cara amigável, e os que estavam segurando ele, aparentando ser um bando de malucos prontos para te matar. E o que quis passar com isso é que todos os políticos vão querer se apresentar da forma mais positiva possível, mas você não deve necessariamente confiar neles, é preciso um olhar mais atento. Algumas pessoas acharam que fiz essa arte para dizer "O Saddam Hussein é legal", mas não é verdade. Existem várias razões para que escolha alguém para retratar. Já li muito sobre política, mas sempre terá alguém que chegará para você e dirá "aposto que você não sabe isso ou aquilo sobre o Che Guevara, Fidel Castro ou qualquer outro". Acho que entender onde muitos desses personagens se encaixam e o seu papel e evolução na história é algo importante.



O que te motivou a lançar a revista *Swindle*?

A Swindle surgiu por causa do meu amigo Roger Gastman, que costumava fazer uma revista de graffiti chamada *While You Are Sleeping*. Nós éramos amigos e eu colaborava para a revista com algumas artes e a editora que publicava a revista decidiu cancelá-la. Então Roger me perguntou se eu não queria fazer uma revista, focada em arte, música, moda e estilo de vida e eu disse sim, porque eu vi como mais uma oportunidade para colocar o holofote em coisas que achava interessante - até de política já falamos em alguns artigos. A revista fala de tudo que me interessa e tive a oportunidade de conhecer muitos dos meus heróis como Billy Idol, Steve Jones, Grandmaster Flash, Chuck D - pessoas que foram muito interessantes entrevistar e foi legal dividir essas histórias com as pessoas. Eu vejo a *Swindle* como uma forma de influenciar a cultura apresentando coisas que são importantes e positivas.

Para alguns dos artistas urbanos mais xiitas você é considerado um vendido, que tem feito trabalhos comerciais para marcas como Virgin, Fox, Adidas e Honda. É meio difícil entender isso porque parece que, para eles, os artistas deveriam ter vergonha de fazer dinheiro com sua arte e deveriam morrer de fome. O que você pensa sobre isso?

Sabe, eu acho que muitas pessoas me criticam pelo lado comercial do meu trabalho ou porque são muito jovens para entender as dificuldades de sobreviver como um artista ou porque tem inveja porque nunca foram convidados a fazer trabalhos como esses (risos). Tem muita gente que conheci no passado, como um cara quando fiz meus primeiros trabalhos para marcas de skate: era um graffiteiro e me disse "nunca colocaria minha arte num skate!" e, dois anos depois, uma marca de skate o convidou para desenhar. Desde então, tudo que ele tem feito é criar desenhos para skates (risos). A maioria das pessoas quando caem no mundo e seus pais não pagam suas contas, percebem que vão morrer de fome se não arrumarem um trabalho. Se você der a oportunidade de escolherem entre um trabalho em que façam arte ou qualquer porcaria de trabalho onde vão ser infelizes, trabalhando de garçom ou carregando caixas, qual desses trabalhos a maioria escolheria? Para mim, não foi uma decisão difícil. A idéia de o quão nobre é fazer arte na rua à noite e ter uma porcaria de emprego durante o dia não faz nenhum sentido para mim.

Arte é descobrir diversas maneiras e diferentes caminhos para se expressar. Street art, revistas, roupas, trabalhos comerciais, são caminhos legítimos para a criatividade. Fazer trabalhos comerciais me deu forças para levar o meu trabalho de rua muito mais longe do que poderia imaginaria, porque tinha dinheiro para viajar, fazer adesivos, pôsteres, alugar carro e dirigir pelas cidades procurando o melhor lugar. Quando comecei a fazer arte na rua não tinha grana para nada, então ia para a Filadélfia e saía andando pela cidade, ou pegava um ônibus, mas não consegui fazer muita coisa. Para mim, tudo se resume a se fortalecer para fazer o máximo possível como um ser criativo. E não trabalho com empresas em que tenha algum tipo de conflito ético. Já fui convidado a fazer trabalhos para a *Hummer* ou para a marca de cigarros *Camel* e me recusei porque não quero trabalhar para eles.

Tem esse cara de Nova Iorque apelidado de *Splasher* que vem atacando vários trabalhos de artistas de rua consagrados como você, Banksy e Swoon, manchando as artes com tinta preta. Ele só ataca trabalhos de artistas famosos que entraram no circuito tradicional de galerias de arte e que tem vendido seus trabalhos por um bom dinheiro. O que você pensa sobre isso?
Se pudesse encontrar esse cara o que você diria para ele?

Na verdade já encontrei ele pessoalmente mas não sabia que era ele na época. São dois caras e eles se mudaram para Ohio, mas um deles foi pego na abertura de minha exposição em Nova Iorque tentando armar uma bomba de fumaça para acabar com a festa e fui até ele e tudo que disse foi "ei, essa é uma exposição aberta ao público, trabalhei muito pesado e gastei muito dinheiro para conseguir fazer tudo isso, você não precisa vir aqui se não gosta, mas tem um monte de gente que quer estar aqui". Eu não tinha a mínima idéia que era um dos *Splashers* e agora que sei que era um deles eu teria enchido ele de porrada! Porque é tão malicioso, não existe nada de construtivo sendo dito, se você quer fazer um protesto, um discurso sobre a street art indo para as galerias, faça de uma maneira articulada. Não existe absolutamente nada do que fizeram que tem algum mérito.

Exposição Individual
Jonathan Levine Gallery
Nova Iorque . 2007

Você foi preso dezenas de vezes nas últimas décadas. Você já se perguntou se vale a pena? E hoje, casado com uma mulher e com duas filhas, ainda assume o risco de ser preso ou escalar um telhado?

É, foram treze vezes. Eu ainda saio para colar meus trabalhos e ainda escalo. Me arrisco, mas tento tomar mais cuidado, trazer mais alguém para ficar de olho na polícia, ser esperto e não parar o carro na frente do lugar (risos). Mas sempre há a possibilidade de ser preso. Uma das coisas que decidi depois de ter sido preso algumas vezes é que ou iria parar porque não é nada legal ser preso e isso seria como deixar que as forças a qual eu estava reagindo e que me fizeram começar a fazer street art vencer, ou continuaria... Senti que enquanto eu não tiver que encarar prisões mais sérias, mais longas, vou continuar fazendo. E na maioria das vezes que fui preso, só fiquei por um ou dois dias, e paguei uma pequena fiança. Houve algumas vezes em que apanhei de policiais ou tive que pagar fianças maiores - paguei dez mil dólares em Nova Iorque, sete mil e quinhentos dólares em San Diego e lá eles tinham duzentos lugares com artes minhas documentadas. É um saco [ser preso], mas felizmente hoje posso pagar por isso e continuarei fazendo (risos)...

Quem conhece você e seu trabalho hoje podem achar que foi um caminho fácil e suave para o sucesso. Fale um pouco de sua jornada.

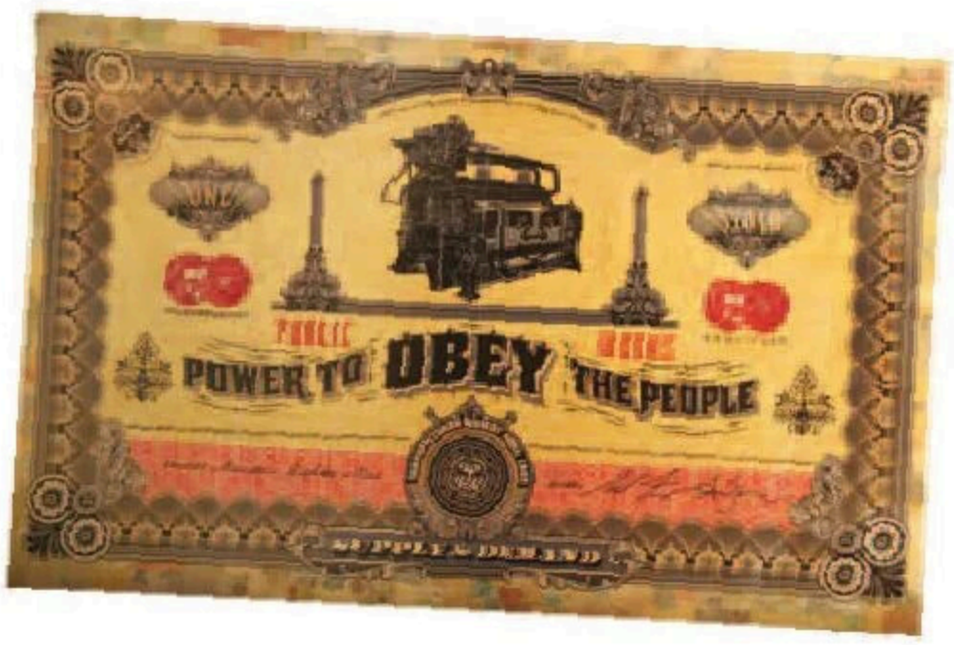
Não foi um caminho fácil para o sucesso de maneira alguma! No meio dos anos 1990 eu estava "quebrado", dirigia para Boston para colar pôsteres e não tinha como bancar um hotel, dormia no meu carro. Algumas vezes fazia trabalhos em silk-screen e as pessoas não me pagavam, e tinha que pegar dinheiro emprestado com amigos para pagar fornecedores, para comer, nunca tinha dinheiro na minha conta. Lembro que meu carro quebrava muito e nunca tinha dinheiro para consertar - uma vez dirigi até Nova Iorque com o vidro do carro quebrado e devia estar uns zero graus lá fora e eu congelando, chegava lá para colar meus pôsteres e depois voltava para casa. Passei muitos anos da minha vida sem dinheiro, fazendo minha arte porque isso era importante. A questão nunca foi o dinheiro; era muito mais a vontade de fazer as coisas da maneira que achava legal e hoje, que consigo fazer as coisas da minha maneira e ainda ganhar dinheiro, fico mais feliz ainda. Mas minha meta sempre foi colocar minha arte para fora. Lembro de uma vez que fui preso em Long Beach na Califórnia em 1996 e só tinha trezentos dólares para a viagem e paguei uma fiança de duzentos e cinquenta dólares e sobraram cinco dólares por dia para comida, e o restante para pagar o táxi até o aeroporto. Em 2000 as coisas começaram a melhorar, a internet ajudou a vender pôsteres, a Juxtapoz fez uma matéria comigo e assim aumentou a demanda de trabalho, meu estúdio de design melhorou. Entre 1989 e 2000 fiquei totalmente quebrado (risos). E meu pai sempre dizia "o que você está fazendo com a sua vida? você tem quase trinta anos, não tem nada, está na mesma desde que se formou. Páre de fazer esses adesivos estúpidos e arrume um emprego de verdade!" Fico feliz que não dei ouvidos a ele (risos), mas a pressão era enorme.

A street art e a propaganda legal parecem estar sempre brigando pela atenção nas ruas. O que as agências de propaganda deveriam aprender com a street art?

Primeiro, deviam aprender a fazer anúncios mais autênticos e integrados com o ambiente. Muitas campanhas não levam o ambiente ao redor em consideração, enquanto a street art quase sempre se adapta a qualquer que seja a superfície tornando a mensagem mais prazerosa, mais harmônica. As campanhas nas ruas são, na maioria das vezes, campanhas de alcance nacional e não dá para mudá-las para cada lugar que veiculam. Também precisam entender como colocar a publicidade e outdoors de uma forma que seja menos agressiva, mais integrada. Mas não acredito que isso venha a acontecer. Outra coisa que eles poderiam aprender com a street art é que as pessoas respondem quando existe autenticidade, e se eles fizerem artes realmente bonitas, com mensagens interessantes e verdadeiras, as pessoas ficariam menos incomodadas do que quando são obrigadas a receber insultos nada originais (risos).

Por seu livro se chama *Supply and Demand* (Oferta e Procura)?

Dei esse nome ao livro porque acho que criar algo, buscar uma audiência e depois você a encontrar, é porque existe uma demanda para tanto. Uma das coisas mais facinantes sobre arte e cultura pop é o que faz com que algo apareça do nada e de repente esteja em toda parte. A dinâmica do que faz algo ter valor para as pessoas é algo que acho muito interessante. Usei esse conceito no sentido literal, no sentido de quanto as pessoas estão dispostas a pagar por arte, por roupa, mas também de uma forma mais simbólica de valor cultural, o que algo vale simbólicamente em uma cultura. E depois de fazer isso por mais de quinze anos, senti que tinha um monte de insights valiosos que aprendi no percurso.
Também faço muita crítica ao capitalismo.



EST.
1989
U.S. TREASURY
BRINGING DREAMS TO LIFE
U.S. TREASURY
MORE MILITERRY
LESS SKOOLS
NO CENTS

NEXT TIME THERE'S A

WAR FOR SALE

IT'S ALRIGHT TO SAY

NO THANK YOU

OBEY

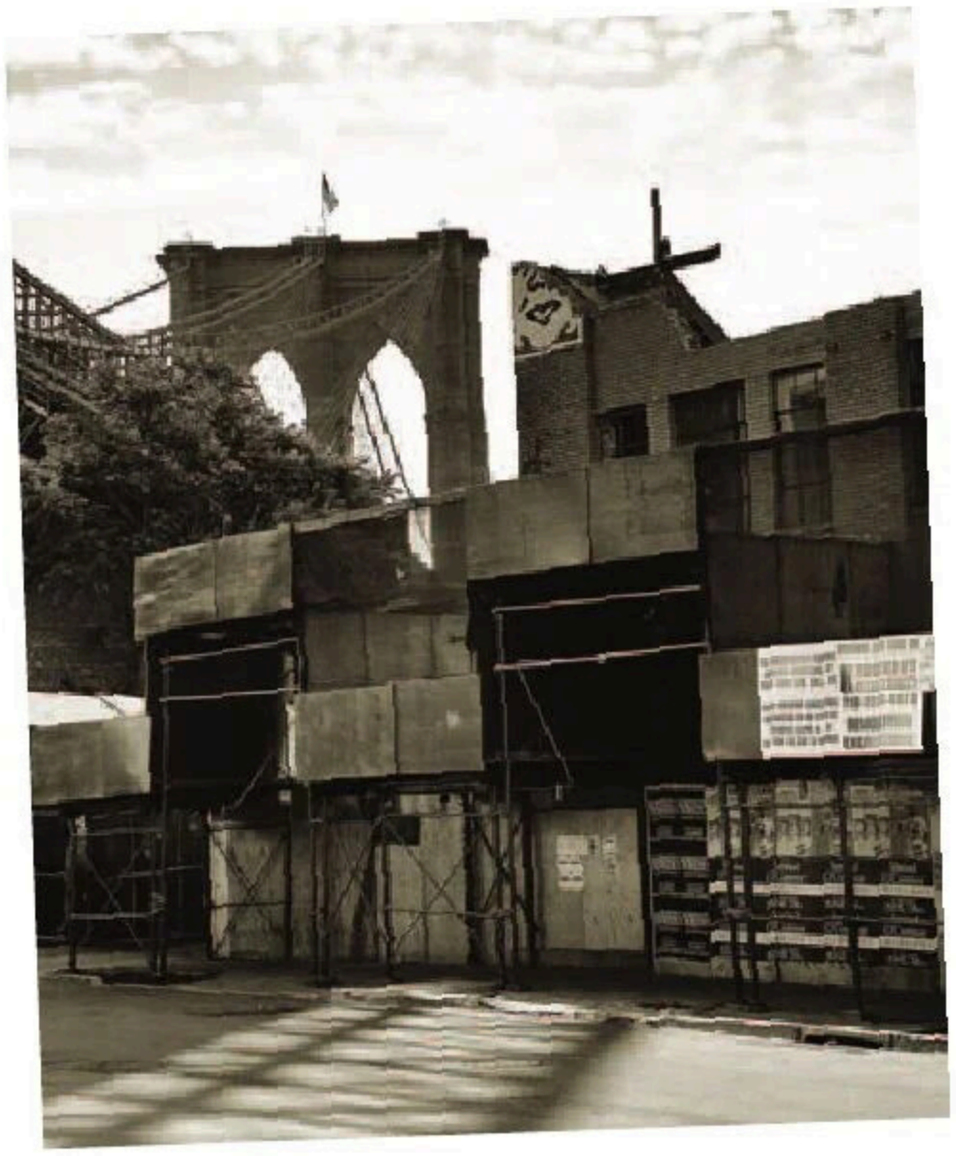
RISE ABOVE

No seu livro tem um depoimento do Banksy dizendo que você chegou onde nenhum grafiteiro na história chegou e nem chegará. Você acha que a repetição é a chave do sucesso?

Sabe, acho que a repetição é muito importante especialmente quando é algo feito por uma pessoa. Fiz pessoalmente quase tudo que foi visto ao redor do mundo, principalmente trabalhos grandes. Com adesivos é um pouco diferente porque dava para os amigos. Para mostrar o poder que alguém tem, para que as pessoas entendam a continuidade, é necessário que haja repetição. E quando você conquistar a atenção das pessoas, tentar expandir o seu vocabulário visual será importante.

Quando a street art ainda era baseada em spray e marcadores, você apareceu com uma abordagem totalmente nova, colando pôsteres gigantes por toda a parte - de topos de prédios à enormes torres de água. Abriu um mundo totalmente novo para artistas que queriam se expressar nas ruas mas não eram grafiteiros. Como a cidade foi o meio que usou desde o início para expor sua mensagem, quem você acha que está usando esse meio de um modo criativo hoje em dia?

Eu acho que a Swoon faz trabalhos lindos, eu curto muito o trabalho que ela faz, o Banksy, Faile, Space Invader - são pessoas que tem feito trabalhos muito legais. Tem o Above, acho bem interessante o que ele faz... quem mais... o Neckface é interessante, porque só usa spray mas o trabalho dele não parece em nada com os trabalhos típicos de graffiti. [o trabalho de Neckface] É até meio primitivo, mas tudo que foi feito com spray no mundo do graffiti nos últimos 25 anos tem que parecer como os graffitis do *Wild Style* [filme que documentou a cultura do graffiti em NY], e ele quebrou esse molde, pegando um processo antigo e usando de uma maneira única, diferente do que todos estão fazendo.



E sobre os artistas brasileiros, quem você conhece?

Eu amo OSGEMEOS, são muito bons. E tem também o Speto, gosto muito do trabalho dele também.

O que você diria para os jovens artistas que estão começando a espalhar suas mensagens pelas cidades?

Diria que é importante ser persistente. Entender que muito trabalhos serão apagados e quando você faz algo novo você nunca sabe o quanto sua arte vai durar, não se apegar muito ou ficar decepcionado. Lembrar que tudo que você fizer vai ser visto por pessoas e que tudo isso faz diferença.

Últimas palavras?

Você está em São Paulo? Quero muito ir para São Paulo, nunca estive aí. Quero agradecer pelo interesse em meu trabalho e espero poder conhecer o Brasil em breve.

Conheça mais

www.obeygiant.com
www.studionumber-one.com
www.obeyclothing.com
www.swindlemagazine.com

Confira na Galeria do Portal www.maissoma.com mais trabalhos do Shepard Fairey

Talvez um vento muito forte fosse bom para agitar o tempo que insiste em não passar e, quem sabe, levar metade das pessoas embora - elas não costumam fazer muita falta mesmo...

Não há ordem ou enredo, já que as coisas simplesmente não acontecem - e, quando acontecem, atropelam-se. Aí a gente resolve brincar com gente mesmo, fazer de boneco, de bicho; para frente e para trás, até quase não sabermos mais qual o ponto de partida. Não existe centro, muito menos ponto de chegada. Mas faz de conta que está tudo bem.

Por Helena Sasseron

PINK RABBIT

Fotografia . Fill Photographics

Francys veste maiô Vix, calça Roxy, tênis Nike Vintage e corrente acervo

Francys veste tricot Volcom, calcinha Do Estilista e tênis Nike Vintage

Felipe veste camiseta Forum Arte, cardigan Triton e calça Cavalera

Felipe veste moletom V.Rom

Francys veste macacão Osklen e sapatos Neon

Felipe veste tricot Forum e bermuda Do Estilista

Francys veste camisete Verve, macacão Cantão e lenço Neon

Francys veste collant Roxy

Fotografia . Fill Photographics

Assistentes de Fotografia . Thany Sanches e Ana Moock

Tratamento de Imagem . Cia de Foto

Edição de moda . Helena Sasseron

Cabelo e Make . Jorge Menezes

Modelos . Francys e Felipe Pampolini . Ten Model

Agradecimentos . Arnaldo, Denise e Dona Francisca

Francys veste maiô Neon, calça Do Estilista e corrente acervo

Felipe veste camisa Do Estilista, calça e chapéu Alexandre Herchcovitch

O PRETO-NO-BRANCO DE NILSON PRIMITIVO

Por Arthur Dantas

O videomaker, o fotógrafo e eu nos dirigimos até um sebo no bairro da Liberdade para encontrar Nilson Primitivo, 41, um dos bons nomes da safra recente de cineastas autorais no Brasil. Mais especificamente, Nilson realiza um trabalho que contempla e amplia uma (anti-) tradição cinematográfica nacional: o cinema marginal total, no qual forma e conteúdo se alinham para tratar do intratável por excelência. Assim, faz coro a outros "marginais-geniais" (como diz Primitivo), como Sady Baby, Mario Vaz Filho, Alex Prado, Nilo Machado e José Mojica Marins, para ficar em alguns nomes.

Primitivo, desde o primeiro contato, chama a atenção; seja por sua fisionomia expressiva, sobrancelhas largas e espessas, um tanto corpulento, óculos à la Hunter Thompson, as tatuagens abundantes em frases e símbolos, ou por seu fraseado rápido, caótico, que se desdobra em referências mil, complementando e expandindo suas próprias reflexões vertiginosamente. E, ainda que numa primeira impressão pareça um tanto confuso, Nilson, assim como seus filmes, gosta das coisas preto-no-branco. "O Mojica fala um lance genial: 'você vive pra comer ou come pra viver?' uma parte da sociedade é miserável e a outra é grotesca. Viver pra comer pô? Piranha e picanha. É só isso essa merda? É pouco né?" ou "a fotografia do Cidade de Deus parece coisa de propaganda do PSDB", e ainda "tenho o maior respeito pelos suicidas, pelas pessoas feias. Ali está o ser humano mesmo".

Penso como definir Nilson, pessoa e obra: intensidade é a palavra que me vem à cabeça. O fotógrafo: livre e sujo. Ou o videomaker: "um caminhão de abóboras sem freio". O que importa é que essa multiplicidade de opiniões dão a tônica de seu trabalho. Sua idéia sobre o amor sintetiza bem sua estética: "No amor, como na música, menos é mais". Nilson, definitivamente, tem a qualidade rara de saber de onde veio e para onde vai. ⏩

Você nasceu onde?
Sou santista. Nem a prazo nem à vista (risos).

E como você foi parar no Rio de Janeiro?
Família; mudei criança pra lá. Morei na Tijuca, Grajaú, aqueles bairros por ali.

Na Zona Norte...
Pois é. Depois fui morar na Zona Sul, porque na Norte o pessoal só fala de Vasco etc (ri). Não é igual em São Paulo, que é mais pulverizado, lá é muito caricato. Mas achei que na Zona Sul ia ser maneiro, mas também não é. Você acha que é igual eles [da Zona Sul], mas eles sabem que você não é (ri). Meio Bobo da côrte. A hora que enjoam de tu, trocam por outro. "Aqui" pra eles.

Qual tua relação com essa nova geração de realizadores do Rio de Janeiro, o pessoal que organiza a Mostra do Filme Livre [importante evento da nova safra de cineastas brasileiros]?
Gosto pra caramba deles. Mas tem um lance curioso: sento pra conversar com o pessoal, vejo que o povo é inteligente, ilustrado, tá sacando umas coisas legais, mas na hora de fazer [filme], eles têm um certo respeito pela coisa que não pode ter, não dá coisa boa. Tem que vir alguém da Tijuca de dez em dez anos chutar a bunda deles. Na verdade, eles gostam dos meus filmes porque identificam muito do que queriam fazer."

Como conheceu o Marcelo Camelo [ex-integrante dos Los Hermanos]?
Na PUC. Eu morava lá perto, na Gávea, e ia todo dia de manhã ler jornal (risos). Ele achava que eu estudava lá. O Rodrigo [Amarante] também fazia umas maluquices com a gente, eu nem sabia que ele tocava, achava que era ator. Nos conhecemos fazendo umas performances com o Grupo Revolucionário Menino Jesus (risos).

E o clipe do Los Hermanos que a MTV barrou?
Ela não passou né? O clipe de "Sentimental", uma das coisas mais bonitas que já fiz e falaram que tava muito escuro, mas porra; eu quero que esteja escuro! Eles são burros. Tem uma coisa muito perigosa, contemporânea, que acontece que é o tal do "não pode". Como não pode? Pode tudo, pô! É aquela história do Celso Furtado, do mito do Estado: começam a achar que existe um pai grandão, que é certo, perfeito, controlando tudo... não tem! O pessoal lá de cima [governantes] são pessoas como nós, tudo a mesma merda.

⏩ Primitivo não faz dinheiro com cinema. O pesquisador de cinema marginal Remier Lion sintetiza: "Esse papo de ser cineasta, ser artista, é para playboy. Quem é duro vai sempre ficar devendo. Cineastas como o Nilson fizeram uma escolha existencial errada. Com uma espécie de maldição - o artista trágico, o marginal, que sempre se dá mal mas fica ali amarrado. É um vício". Falo sobre essa idéia de escolha existencial errada com Nilson que arremata "Ele falou que eu caí no conto do cinema brasileiro, do malandro da Tijuca. Na realidade caí no conto de ser brasileiro, que no fundo é um conto da carochinha". Há um caráter trágico de inadaptado drummondiano em Nilson, que começou Filosofia e Jornalismo "cursos que não davam dinheiro" e nunca terminou. "Sou um lixo-maníaco. Quando comecei a filmar, cinema era o patinho feio das artes no Brasil. Hoje virou moda". Apesar disso, hoje é uma figura querida e respeitada no crescente movimento de cineclubes Brasil afora, sobretudo no Rio de Janeiro. Além disso, filmou um vídeo-clipe belíssimo da canção "Sentimental" do grupo carioca Los Hermanos, além de ter realizado o documentário do mesmo grupo ⏩

***Mais Velho*, de 2000, tanto no discurso como na estética, remete diretamente a *O Bandido da Luz Vermelha*. Até porque o personagem principal, baseado na improvável biografia de um bandido real - tal qual *O Bandido da Luz Vermelh*a -, não respeita a propriedade privada nem a mulher dos outros...**
Pois é... Roubar bicheiro na década de 1980 [o personagem principal de Mais Velho roubou vários bicheiros cariocas], é coisa de maluco. Devia ter alguma coisa em crise dentro dele pra fazer isso. Ele jogava no bicho, não ganhava - porque nunca ninguém ganha naquilo - ia cobrar o prêmio e descia a porrada em todo mundo. Sem arma.

E como você chegou nessa história?
Lia nos jornais na época. Nunca consegui esquecer isso e fiz o filme. Na época, tinha um filme sobre o Profeta Gentileza, feito por um amigo... Teve um incêndio imenso em Niterói, morreu um monte de gente. O Gentileza tava lá, se salvou e deu uma pirada depois daquilo. Daí juntei [a palavra] gentileza, essa coisa do brasileiro cordial que me emputece um pouco, e fiz o *Profeta Grosseria*. Inventei que ele saiu do mesmo incêndio, porque ninguém tinha referências sobre ele na época. Era um personagem tão legal, que você sentia nos textos de jornal o quanto o jornalista ficava fascinado por ele.

» *Antes de iniciar sua fase da Bolex 16 mm (uma câmera de um avô de amigo, da Segunda Guerra Mundial), realizou alguns vídeos entre 1994 e 95. Nilson foi arrastado para o cinema: "Tem uma certa magia em colocar uma música em cima de uma imagem e dar certo. Me identifiquei muito com a captação, a estética da 16 mm. Eu filmo e edito na própria câmera. Na hora de botar legenda, música, entram outras pessoas, porque eu sou muito gregário. Preciso de um outro olhar, um outro ângulo, pra abrir mais a coisa toda". Nilson "cresce" ainda mais quando o assunto é cinema. "Eu acho que o melhor filme feito até hoje é o Édipo do Pasolini". Ainda que trabalhe muito com o acaso, pela própria natureza como edita e ordena seus filmes, há uma certa dinâmica de forma e conteúdo em sua obra. "Ator, pra mim, é objeto de cena, porque contam pouco os meus filmes". Sobre a curiosa forma como mescla som e imagem: "Se você desligar o som, as imagens contam uma história, e se prestar atenção só ao som, ele conta outra história. Os dois juntos atrapalham o entendimento". Em Mais Velho, por exemplo, refêrencias umbandísticas, o arranjo do texto potencializando a malandragem da linguagem outsider carioca e a realidade transformada em fantasia, nos remetem ao melhor dos clássicos da Boca do Lixo paulistana ou a um certo clássico de Rogério Sganzerla...* «

Daí depois veio o *Exu do Amor* né?
Filmei com um negativo de mais de vinte anos... vinte anos depois de vencido (risos).

Qual teu método de filmar? Você me falou que normalmente tem uma idéia...
Que geralmente muda no processo. É um lance de improvisação total, igual tinha na música clássica, nas "fantasies". Tem um grande amigo meu que definiu bem meu trabalho, falando que eu fazia cinema malvado. Um outro, inteligente pra caralho, falou que eu fazia "cinema si contra si" (risos).

O filme *Duelo das Loiras* é o que tem mais a ver com um certo cinema nacional, pornografia da Boca do Lixo, não?
Será? Acho esse um filme estranho. Posso te falar? Acho que o *Sem Essa, Aranha* do Sganzerla tem a ver com esse filme. Pode até parecer sacanagem com ele, até porque *O Bandido da Luz Vermelha* é um dos filmes mais lindos que já vi, e o filme é limpo, não tem nada a ver com meus filmes...

O papo se encerra umas 20 cervejas depois, naquele calor paulistano inclemente. Vimos ainda seu filme, em primeira mão, realizado no set de filmagem do aguardado longa de Zé do Caixão. Fico pasmo. Afinal, quem é Nilson? Marcelo Camelo nos dá a dica final: "(...) ele dirigiu e filmou um documentário em torno da turnê do [álbum] Ventura, usando basicamente depoimento de pessoas que iam aos nossos shows, só que sobre a vida delas, sobre questões que não tinham que ver com a banda. Fizemos ainda um filme juntos sobre a gravação do disco do meu tio Beto, chamado Amendoeira. Desde então, meu jeito de compor ganhou uma grande influência da naturalidade que o Nilson propõe à feitura de suas obras e no que isso tudo quer dizer. Artisticamente devo-lhe muito. Não conheço nenhum outro humanista tão engajado nem nenhum outro intelectual tão generoso com suas idéias. Sua angústia natural e sua procura parecem o levar numa jornada atrás da verdade traçando um paralelo entre o artista e o cientista. E é melhor pra nós se ficarmos de olho".

Tem uma certa dinâmica em toda sua obra, de sexo, política e um imaginário que remete à contracultura, um tanto engraçado também. Qual a relação entre tudo isso?
Eu acho que as coisas são realmente misturadas. Se for pra responder a essa pergunta, acho que tudo gira em torno de poder.

Fale sobre *O Craque do Futuro*. Falam que é um filme mais esperançoso, ao contrário de seus outros filmes.
É sim. Eu gosto muito desse filme. Eu vi uma vez um argentino jogando búzios em Copacabana e pensei: "Pô, a coisa tá feia!" Imaginei um personagem que era um vidente mentiroso, mas que no final as coisas que ele previa davam certo. O mote era esse. Na época, tinha morrido o Bezerra da Silva, daí fiz um personagem meio parecido com ele. Sou bom com maquiagem (risos).

Sério?
Na realidade sou bom com caracterização de personagens. Eu deixo os caras grotescos. O ator do *Mais Velho* eu chamei pra ajudar a filmar e acabou virando personagem, porque ele tem o tipo e o visual do personagem que eu precisava. Sei escolher a camisa certa pro personagem, fazer olheira etc. Acho que é a melhor coisa que eu faço.

E o *Dez Pro Inferno*? Fala de fim da humanidade etc. Um niilismo que alguém já apontou como metáfora para o fim do cinema... O Peter Greenaway fez uma performance falando sobre isso, o David Lynch já afirmou isso também...
O cinema acabou mesmo. Não que tenha morrido, tá se transformando. Já não falaram do fim do romance como gênero literário? É a mesma coisa.

Aquela linguagem mais clássica...
Não existe mais! Você vê um filme dos anos 1970 do Sam Peckinpah, *O Poderoso Chefão*... Não rola mais. *O Tango*, do Carlos Saura foi o último filme dessa linhagem que eu vi. Assisti e pensei: 'Esse cara não vê TV, ele lê romance!'. O ritmo, a narrativa, o imaginário: coisa de quem lê romance.

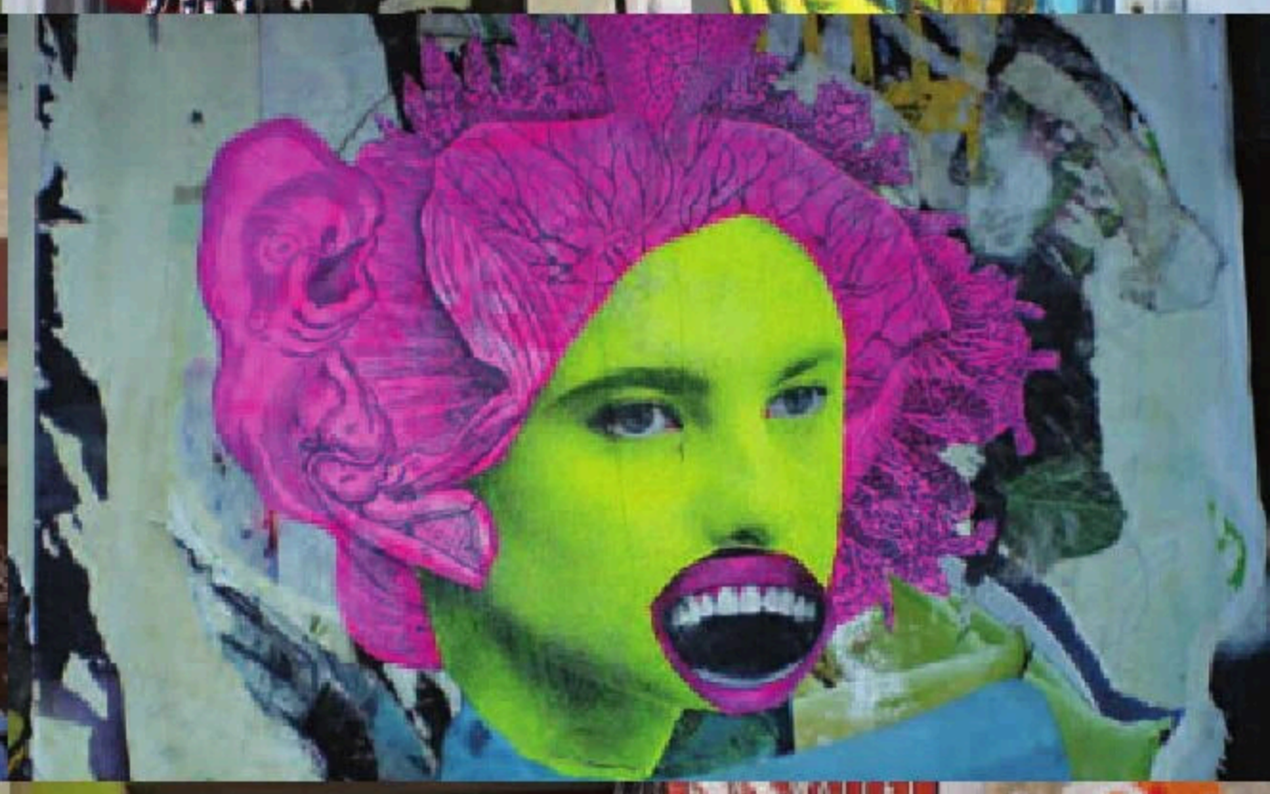
Como você edita seus filmes?
Eu lembro da última imagem que filmei e faço uma cena na seqüência, e edito na própria [Bolex] 16 mm. Eu tento criar conexão entre uma imagem e outra. Nem sempre acontece, mas eu tento (risos). Eu faço filmes de trás pra frente, tentando descobrir o que a pessoa tá dizendo. Quanto mais espaço você dá para as imagens, mais elas vão te dizendo, porque elas têm um discurso próprio. Até porque o ser humano fica bonito quando tá distraído.

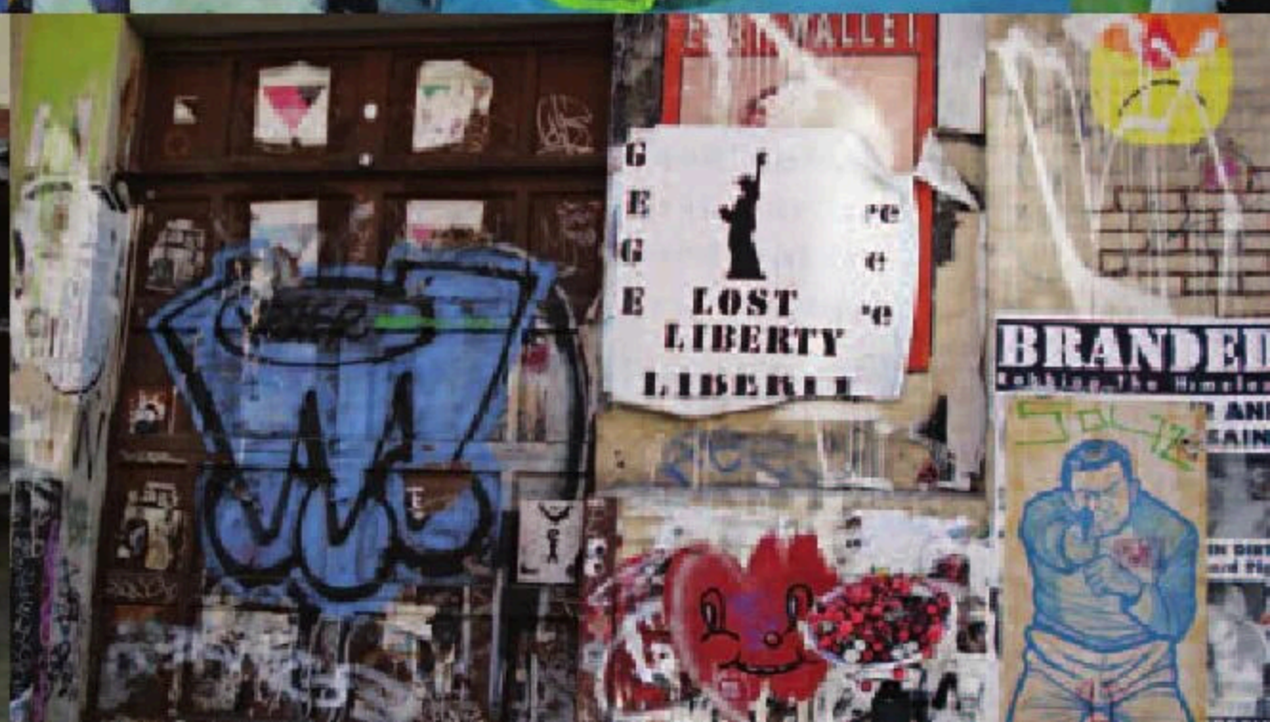
Filmografia selecionada em 16 mm

Exu do Amor . 2001
Idade da Pedra . 2002
Duelo das Loiras . 2003
Dez pro Inferno . 2004
O Craque do Futuro e Império das Pelúcias . 2005

Parte de seus filmes, assim como o clipe de *Sentimental*, dos Los Hermanos, podem ser visto no *You Tube*.
Em www.maissoma.com *making off* da entrevista de Nilson Primitivo.

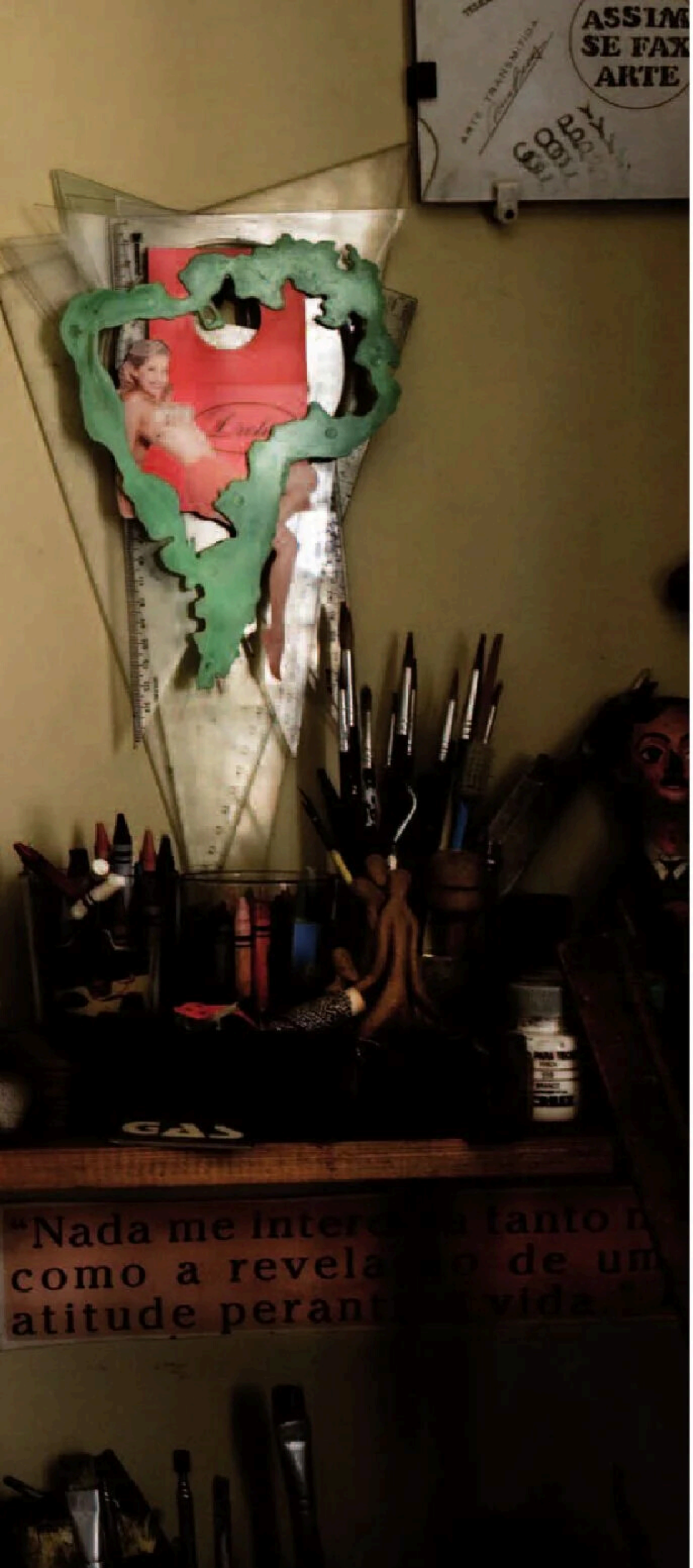
POLAROID
SCENE




LOST
LIBERTY
BRANDED

Low_res nyc street art mobile cam shots por Keke Toledo e Lu Kras

ECLIPSE
PAULO BRUSCKY 35



PAUL O BRUSCKY

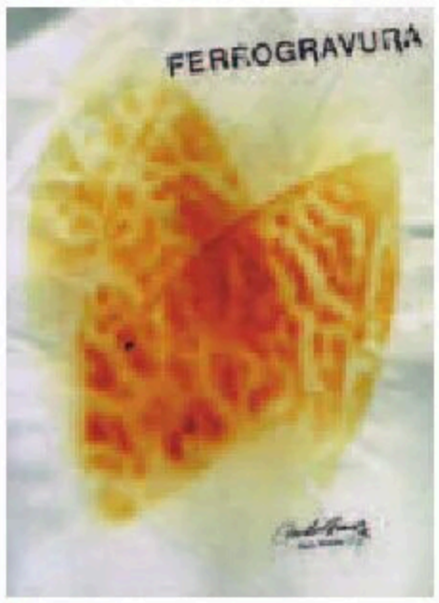
Vida e Arte na Contramão

Por Arthur Dantas
Fotos Cia de Foto e divulgação

"Meu Deus! É longa a Arte. E nossa vida é curta."
Goethe, recriando a frase *Ars longa, vita brevis,*
primeiro aforismo de Hipócrates.

Áudio-arte, vídeo arte, artdoor, xerografia, xerofilmes e arte postal; Paulo Bruscky, o artista conceitual recifense de 59 anos não só experimentou todos estes meios, como estabeleceu padrões e freqüentemente se destacou pelo pioneirismo. É de se estranhar a ausência duradoura de seu nome nos meios tidos como oficiais por tanto tempo. Por uma série de exposições a partir da virada do milênio e pela publicação de uma belíssima obra a seu respeito escrita pela pesquisadora Cristina Freire, Bruscky é agora um nome incontornável no meio artístico brasileiro e certamente um artista a ser conhecido e entendido pelas novas gerações.

Em 2004, Bruscky ganhou reconhecimento definitivo ao ter uma sala especial dentro do maior evento das artes plásticas no Brasil: a Bienal de Artes de São Paulo. "A proposta de levar todo o meu apartamento/ateliê [para a Bienal] foi do Alfons Hug, curador da Bienal naquela edição, e achei interessante o projeto porque desnudava o meu processo de criação, o dia-a-dia, onde eu não separo mais vida e arte. Isso se tornou público para milhares de pessoas que visitaram a Bienal

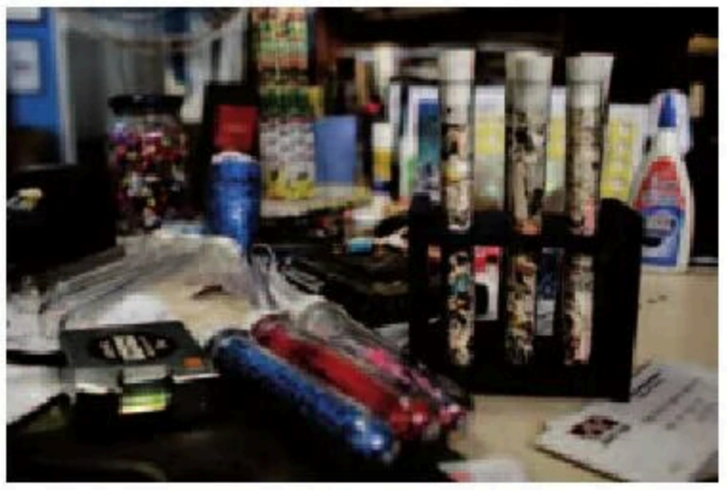


Ferrogravuras . 1974

Lusco Fusco . 1990

Detalhe da casa-ateliê

Detalhe da casa-ateliê



Arte Envelopes . 1979 e 1970

durante todo o período. Nada disso interfere no meu modo de ser, de pensar, embora só recentemente é que estejam descobrindo e tornando público o que eu sempre fiz durante toda minha vida" define Bruscky. Pelas fotos nessa edição, dá para ver que essa relação estreita entre vida e arte não é mero proselitismo.

Em 2006, Bruscky vendeu seus primeiros trabalhos para museus. E notem: depois de mais de quarenta anos de carreira artística! "Fui funcionário público durante a minha vida inteira para não depender da minha produção para sobreviver, o que sempre me deixou bastante livre para criar o que eu quero, como quero e quando quero, e nunca me preocupei com o mercado de arte, mas sim com o supermercado doméstico". Seria Paulo Bruscky um antiartista? "Meu problema é que eu não tenho uma obra pra mostrar, só tenho os conceitos. (...) Nenhum colecionador tem uma obra minha porque eles não conseguem enxergar o que eu faço", disse em sua palestra no Cine Esquema Novo em Porto Alegre, onde teve uma retrospectiva de seu elogiado trabalho de vídeo-arte. "Faço meus trabalhos por mim, sou egoísta mesmo. E procuro não pensar em nada, ser irracional". Muito provavelmente é essa postura forte que o fez criar uma obra tão veemente e contundente, que com o passar dos anos, tende a se fortalecer ao invés de desaparecer, por morte morrida. "O tempo é implacável. É ele quem faz a seleção natural entre o que vai ficar e valer a pena ou não, independente de qualquer venda", em declaração que soa hoje como um elogio ao tempo que é tão suave para consigo mesmo.

Tal qual Harvey Pekar, o escritor de quadrinhos descoberto pelo mestre underground Robert Crumb e astro do filme *Anti-Herói Americano*, Paulo Bruscky, também funcionário em um hospital público, fez de seu local de trabalho, matéria-prima para sua obra. Literalmente: experimentou com carimbos, papéis timbrado, manipulação de eletroencefalógrafos, aparelhos de raio x e outros para o desenvolvimento de diversos trabalhos. É essa dimensão que define sua estética: reinventando o cotidiano, de forma lúdica, por meio de seu estranhamento. Os múltiplos meios eleitos pelo artista são operados em uma espiral criativa inesgotável e inclassificável. "Qualquer definição é insuficiente para definir esse artista", vaticina a pesquisadora Cristina Freire. Não à-toa, muito antes da irresistível ascensão da street art no Brasil, Bruscky organizou uma mostra de art-door (arte em outdoors) em 1981, ao lado de Daniel Santiago, no Recife.

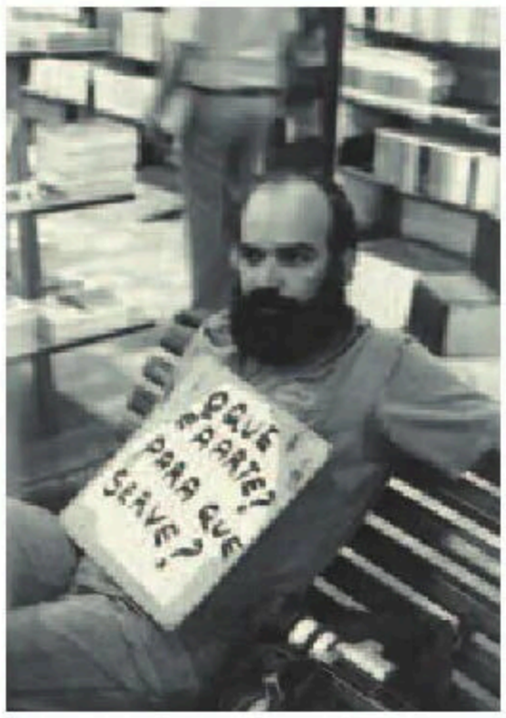
Cristina Freire é a autora de **Paulo Bruscky - Arte, Arquivo e Utopia**, resultado de dez anos de pesquisa sobre a trajetória do artista, e também é curadora da exposição *Ars Brevis*, aberta até o dia 28 de abril

Tratamentos curtos
e prolongados . 1975

Amarração do espaço . 1977

Armadilha

Poazia . 1977



O que é arte?
Para que serve? .1978

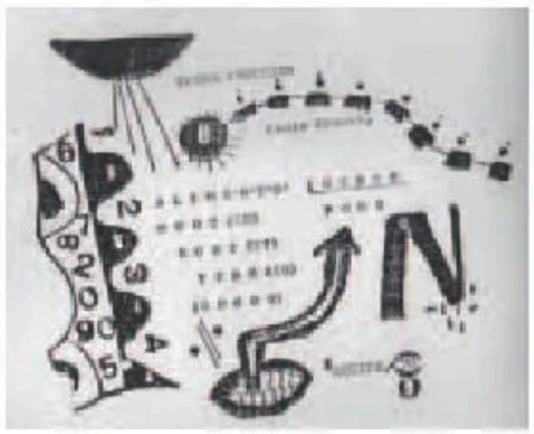
Arquivo pessoal de obras

de 2008, no MAC-USP, em São Paulo. Tanto livro como curadoria da exposição são frutos de um imenso carinho e rigor em relação à obra de Paulo. "Vale notar que os trabalhos dele, assim como os de vários outros artistas conceituais dos anos 1960 e 1970, não são devidamente conhecidos e reconhecidos pelo sistema da arte [museus, galerias etc] por se afastarem dos meios e técnicas tradicionais (...). Acho fundamental rever posturas e idéias naturalizadas do que seja uma obra de arte. Meu trabalho trata disso e Paulo Bruscky, com sua produção coerente e consistente vem operando numa região de fronteira entre arte, vida e investigação", definiu Cristina, em depoimento sobre seu livro e exposição na Revista Paradoxo.

"Não estou preocupado se sou artista"

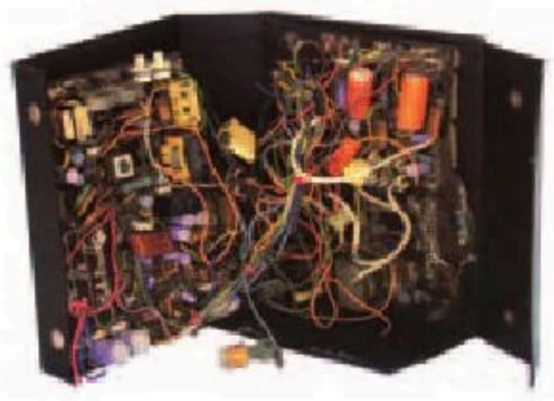
Paulo é filho de um russo com uma brasileira de Fernando de Noronha: "Como meu pai era fotógrafo, me criei em contato com a arte desde pequeno. A minha formação é de desenhista. Sempre desenhava nos meus cadernos, e também acompanhava o meu pai em seu ateliê fotográfico. Aos vinte anos, com o desenho intitulado *O Guerrilheiro*, ganhei o primeiro prêmio do Salão de Arte de Pernambuco, que veio a ser censurado pelo governo militar, sendo substituído por outra obra que estava na exposição, embora o resultado tivesse sido publicado nos jornais locais". Indago sobre como a sociedade de Recife lidava com seu trabalho artístico: "A sociedade pernambucana sempre foi muito tradicional e açucareira, o que fez com que o meu trabalho permanecesse à margem, o que, de certa forma, ainda perdura. A crítica de arte só veio a existir em Recife a partir dos anos 1990 (ainda bem!)", sentencia com uma ironia própria de quem nunca precisou da crítica para fazer e acontecer.

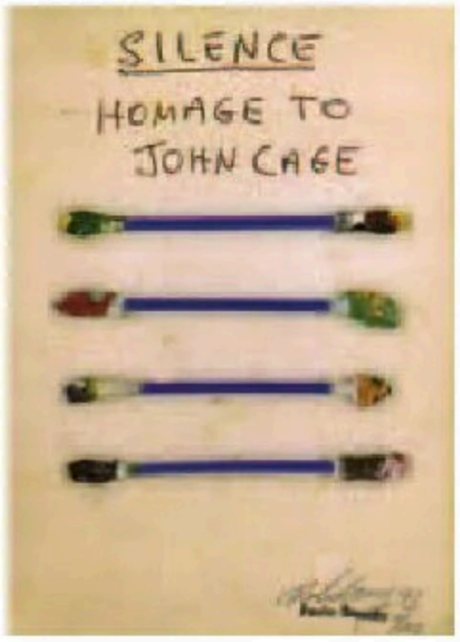
Vale lembrar que no Nordeste, a partir da década de 1960, havia uma movimentação artística forte, com nomes como Gilberto Gil, Gal Costa, Caetano Veloso, Tom Zé (enfim, a Tropicália), Torquato Neto, Waly Salomão entre tantos outros. E em Recife? Havia outros vanguardistas? Bruscky manteve contato com os Tropicalistas? "Naquela época, no Recife, eu trabalhei sempre só, a não ser o trabalho em equipe com Daniel Santiago, parcerias também com Silvio Hansen, Jomard Muniz de Brito e Leonhard Frank Duch, e alguns projetos com Uandejara Lisboa da Paraíba e J. Medeiros do Rio Grande do Norte. Na Bahia, sempre tive contato desde os anos 1970 com A.L.M. Andrade e algumas outras pessoas do ciclo do super 8. Por falar em Tropicália, acabei de fazer uma curadoria que terminou em dezembro de 2007, juntamente com Maurício Coutinho e Solón Ribeiro, sobre os 40 anos do Tropicalismo, em Fortaleza. Além das publicações de época, tinha a instalação Tropicália



Poesia Visual . 1970

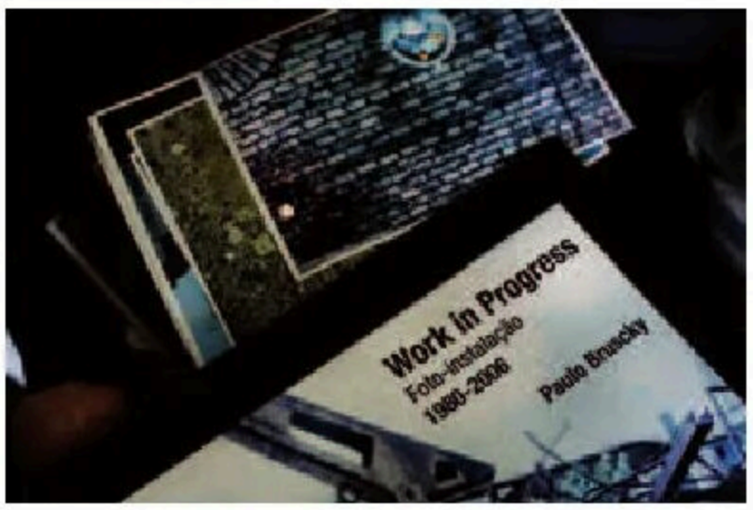
Fluxus . 1993





Homenagem a John Cage . 1993

Detalhe da casa-ateliê



de Hélio Oiticica, fotos de Ivan Cardoso e grande parte dos filmes produzidos na época. Um manifesto do início do tropicalismo foi redigido no Recife no Mercado da Encruzilhada com Jomard Muniz de Brito e Caetano Veloso, entre outros", explica.

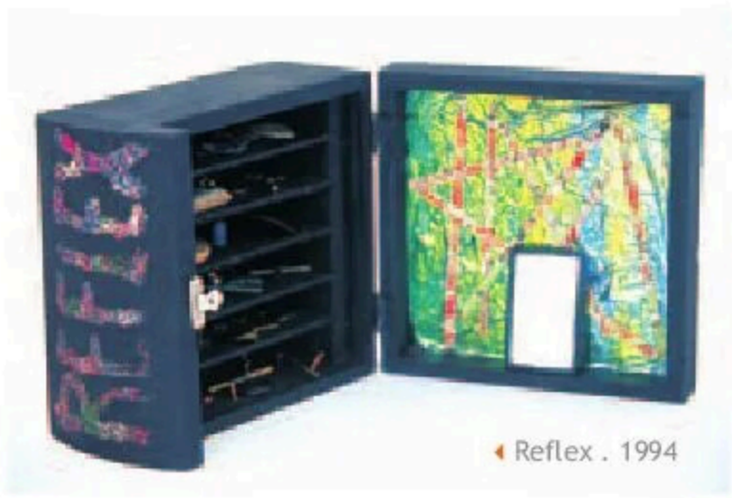
Os anos 1970 foram uma das décadas mais prolíficas para as artes plásticas no sentido de apropriação de objetos cotidianos pelos artistas no Ocidente. E foi nessa época que o trabalho de Bruscky, sobretudo sua produção de arte postal (ou *mail art*, como preferem alguns) se intensificou. Sem sombra de dúvida, sua arte postal é uma das mais significativas da América do Sul. Não foi mera obra do destino que o fez organizar, em 1975, no Recife, a 1ª Exposição Internacional de Arte Postal - com interferências de textos, imagens e carimbos.

Muito em função dos seus variados contatos estabelecidos na vertiginosa e dinâmica rede de arte postal, e de sua abundante produção no período, Bruscky ganhou uma bolsa da Fundação Guggenheim, que o levou a Nova York, em 1982. O contato iniciado no Brasil através da rede que contava com integrantes do Fluxus se intensificou nesse período e certamente foi decisivo para a maturidade de sua proposta estética. Fluxus foi uma das mais importantes vanguardas do século XX, criada pelo lituano George Maciunas, e contou com nomes como Joseph Beuys, Dick Higgins, Gustav Metzger, Nam June Paik, Yoko Ono e o músico John Cage. O movimento inicialmente colocou-se contra a idéia do objeto artístico tradicional como mercadoria, e se proclamava como anti-arte. Paulo nunca se ligou nominalmente ao grupo, mas teve contato com Dick Higgins, e participou, ao lado de Merce Cunningham e Rauschenberg, de performances de John Cage nos Estados Unidos. O quão importante foi o Fluxus no seu trabalho? "Eu sou tudo que veio antes de mim: futurista, dadaísta. Não existe ninguém que não tenha influências. Eu sou um conjunto de informações". Certo é dizer que através do contato com o grupo, Paulo alargou suas fronteiras geográficas e seus limites artísticos. Nesse período, ditadura militar no Brasil, protagonizou ainda ações e performances politicamente atuantes, que lhe renderam três prisões.

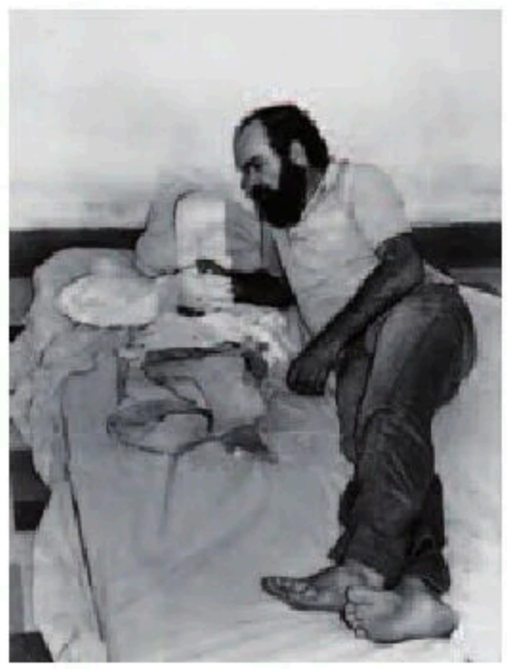
O que afinal o artista entende por vanguarda e, porque apesar de toda sua atividade na década de 1970 e de seu contato íntimo com o Fluxus, sua obra demorou tanto a ser reconhecida? "Há uma questão que é viver 'de' ou 'da' arte. A vanguarda é a contemporaneidade que sempre irá existir. No mínimo, você tem que ser contemporâneo de si próprio, ou seja, cons/ciência da arte. A década de 1970 passou em brancas nuvens não só no Brasil como no mundo todo. Nem a crítica nem as instituições entenderam nada". É possível também inserir o trabalho

Vervendo . 1996

Poesia Viva . 1977



Reflex . 1994



Eu comigo . 1977

de Paulo numa possível tentativa de revitalização e atualização do mercado de Arte (com maiúscula mesmo) no Brasil (incluiria, inclusive, a acolhida de algumas galerias e marchands em relação à street art). Sintomática a decisão do curador da Bienal de São Paulo deste ano em manter um pavilhão "virgem". Pergunto a opinião de Bruscky sobre o ocorrido: "A proposta de Ivo Mesquita [curador da Bienal] sobre o "vazio", (...) eu acho uma colocação perfeita porque as Bienais já caíram no buraco negro".

Uma estética precária

"Graças ao humor, Duchamp se defende de sua obra e de nós, que a contemplamos, a admiramos e escrevemos sobre ela. Sua atitude nos ensina, embora ele nunca se haja proposto a nos ensinar nada, que o fim da atividade artística não é a obra, mas a liberdade. A obra é o caminho e nada mais. Esta liberdade é ambígua, ou, melhor dizendo, condicional: a cada instante, podemos perdê-la, sobretudo se tomarmos a sério nossa pessoa e nossas obras..."

PAZ, Otavio. Marcel Duchamp ou o Castelo da Pureza. São Paulo: Perspectiva, 1990.

O trabalho de Bruscky é um trabalho bem humorado. E essa graça - não confundir com frivolidade - reinventa fatos e objetos cotidianos, levando a uma possível discussão de nosso mundo mais objetivo através de um olhar poético e precário. Precário porque Bruscky elege meios efêmeros para se expressar. É a arte de agora, agora! "Arte do meu tempo, tenho pressa", frase de Bruscky que sintetiza essa impaciência, medida exata da criatividade do artista. E daí surge o correio como meio para se expressar, o xerox, os outdoors, os textos, os vídeos... Meios atuais para uma arte atual, que dialoga com a reprodutibilidade, princípio incontornável a partir da década de 1960 e marca do pleno desenvolvimento dos meios de comunicação de massa.

Paulo Silveira, em seu trabalho sobre os livros de artistas (citado na obra de Cristina Freire) afirma que "Bruscky opera no terreno da absoluta criatividade. Difícil de ser enquadrado, pode-se defini-lo, ao menos, como anticomercial e marginal." A divisão da exposição *Ars Brevis*, organizada por Cristina em sete núcleos, mostra um possível ordenamento tanto quanto o caráter multimídia da obra de Bruscky. São eles: *Eu Comigo*, em que o artista se apresenta como personagem em performances e ensaios fotográficos; *Arte Postal*, destacando a troca de correspondência de cunho político entre artistas de vários países; *Poesia Visual*, com colagens e caligramas; *Máquinas Poéticas*,

Detalhe da casa-ateliê

Veja

A exposição "Ars Brevis" até 28 de abril de 2008
no MAC USP Cidade Universitária . Gratuito

Para saber mais

"Paulo Bruscky . Arte, Arquivo e Utopia", de Cristina Freire
Ed. Companhia Editora de Pernambuco

sobre sua vasta experimentação com máquinas xerox e aparelhos de fax; *Biblioteca*, composto pelos livros de artista, *Hospital-Estúdio*, sobre suas experimentações com maquinário hospitalar; *Cotidiano*, onde objetos, como um ferro de passar roupa, servem como matriz de gravura.

Paulo também tem um importante e diversificado trabalho cinematográfico, criando inclusive os xerofilmes, meio pouco explorado e desenvolvido por outros. "Nas décadas de 70/80, trabalhei muito com o super-8, realizando o que Helio Oiticica chamou de Quasi Cinema, que é o filme de artista, no qual coloquei idéias que eram adequadas para a mídia. Fiz experiências realizando o mesmo trabalho em super 8 e vídeo, analisando a diferença da linguagem do vídeo e do cinema, principalmente naquela época em que a questão da velocidade era diferença fundamental", explica Bruscky que operou sempre com a colaboração de equipamentos de terceiros.

A relação entre crítica de arte e artista é tensionada por Bruscky, tendo em vista sua intensa atividade nas décadas de 1960 e 70, período em que os artistas reinvindicaram responsabilidade intelectual. "Uma coisa importante, que até aquele momento não havia, era a prática de teorizar, fazer uma reflexão maior sobre o próprio trabalho. O artista passou a ser o seu próprio crítico e, por isso, não precisava de mais ninguém escrevendo sobre ele. E a crítica acordou muito tarde porque, com medo, eles passaram um tempo ausentes. Nós os substituímos de maneira verdadeira, de maneira mais pura, mais direta, sem nenhum artificialismo, sem nenhum tabu, sem nenhuma troca de interesses", diz Bruscky em depoimento colhido na obra de Cristina Freire.

Um eterno insurgente - da forma sobretudo -, inquieto e desafiador. Seu trabalho plenamente assimilado pelo mercado de artes atual (além da Bienal e da exposição no MAC-USP, ambos em São Paulo, Paulo acabou de participar da sala dedicada ao Brasil na 27ª Feira Internacional de Arte Contemporânea de Madri), permite que conheçamos toda sua trajetória tão rica e fascinante. Esse herdeiro dileto das experiências de Marcel Duchamp parece despistar ao dizer que já fez tudo o que tinha que fazer na vida. "Agora eu quero tomar minha cachacinha, falar besteira, sem me preocupar com as conseqüências". De jogar papo para o alto e de cachacinha todos gostam (bem, nem todos), mas nada impede que Paulo Bruscky faça um novo trabalho entre um gole e outro, não? Assim esperamos!

FORA DO EIXO

Por Phil Rosseto
Imagens: divulgação

Mesmo longe do maior mercado consumidor sul e sudeste, as distribuidoras nordestinas Lume Filmes e Classic Line arriscam e lançam DVDs para mercados específicos. »

Segundo dados do Ministério da Cultura, apenas 5% dos municípios brasileiros possuem uma sala de cinema. TV a cabo também não é tão acessível e internet rápida ainda é apenas um número em ascensão. No entanto, é difícil achar uma cidade, por menor que seja, que não tenha uma locadora de filmes. Mas nem sempre elas têm o que você precisa, daí a importância da acessibilidade de comprar um DVD. Distribuí-los, nos anos 2000, se tornou uma boa forma de democratizar cultura por aqui.

Foi tomado desse desejo cinéfilo de democratização que Frederico Machado, um apaixonado por cinema e dono de uma locadora em São Luís do Maranhão, resolveu apostar na Lume Filmes. Ele, que também é produtor e diretor de filmes e administra uma sala alternativa de cinema, é responsável pela chegada de fitas inéditas e inusitadas ao Brasil.

Seja por freiras possuídas pelo demônio, seja pelo humor negro de seus filmes, a Lume parece ter um gosto pela polêmica: "Escolho o que lanço pelo meu gosto e conhecimento pessoal", afirma Machado. Que bom que ele consegue! É visível o capricho: as cópias são bem feitas, os filmes, restaurados e, vez ou outra, têm um extra interessante, como no DVD de *Down By Law*, de Jim Jarmusch - um dos filmes mais *cool* do planeta.

Um pouco desse gosto pelo lado obscuro da arte vem de família: o pai de Frederico é o poeta Nauro Machado, que tem mais de 30 livros viscerais, profundos e deliciosamente sujos publicados. Prova disso é que Nauro foi tema do último curta de Frederico, *Infernos*, um filme altamente poético que demonstra a afinidade artística entre pai e filho.

Bem longe do eixo RJ-SP, a Lume ainda está se adaptando a uma demanda grande de distribuição. "É muito difícil fazer tudo daqui. Feita exceção ao Rio de Janeiro, não temos outros representantes. Precisamos de pessoas que entendam que estamos distribuindo arte, e não simplesmente vendendo um produto", diz Machado.

Realmente, não é todo mundo que consegue apreciar uma comédia sobre perversidade e pedofilia, como é o caso de *Felicidade* de Todd Sollondz, que está no catálogo da Lume. Quem dirá vendê-la. A aposta da Lume é fugir do convencional. Tem clássicos de primeiro escalão, como o polonês *Madre Joana dos Anjos* ou *Filhos de Hiroshima*, do gênio Kaneto Shindo. A capa de *Eraserhead*, primeiro longa-metragem de David Lynch, já está até pronta (e é linda). Ainda vêm por aí Herzog, Mizengoshi, Jarman e outras coisas que fazem coçar o cartão de crédito de qualquer apreciador da sétima arte.

Família que Assite Unida...

O cineasta Roman Polanski recentemente defendeu sua refilmagem de *Oliver Twist* (baseado não só no livro, mas na obra cinematográfica de David Lean) dizendo que "fazer cinema de resistência é dar às pessoas aquilo que elas não querem, isto é, o cinema clássico". Para quem concorda com isso, uma outra distribuidora, também familiar e do Nordeste, pode proporcionar momentos cinematográficos únicos. A Classic Line fica em Fortaleza, Ceará e é comandada pelo Sr. Maurílio Arraes, um cinéfilo de longa data.

Foi na década de 1950 que Maurílio começou a trabalhar com cinema. Filho de uma família tradicional de Fortaleza, fez os primeiros cineclubes com projeções em 16mm em sua casa. Depois, trabalhou com salas de cinema no interior do Ceará e região. Assim surgiu a Classic Line. "Nosso dia-a-dia é muito prazeroso. Trabalhamos com o que amamos e as principais funções são exercidas por filhos, noras, netos...", conta, orgulhoso, Maurílio.

Tanto a Lume como a Classic Line cumprem o papel imprescindível **de abrir os olhos** brasileiros para novas **formas de ver o** mundo – e o Nordeste brasileiro.

Tal qual na Lume, o catálogo da Classic Line vem da memória de seu mentor. São clássicos do cinema noir, westerns, filmes europeus e pérolas de grandes estúdios - como os musicais da MGM, os revolucionários da Paramount e épicos como *Sansão e Dalila*, de Cecil B. DeMille (o primeiro nu da história do cinema americano).

A experiência de meio século é fundamental para a distribuição da Classic Line. Além de estarem disponíveis nas principais lojas virtuais, seus DVDs costumam ser bem acessíveis ao bolso. Você pode até encontrar um título ou outro na sessão de promoções de uma Lojas Americanas, por exemplo. É bem verdade que muitas vezes a qualidade da imagem é aquém do que poderia ser, mas isso é assim em qualquer lugar do mundo e, particularmente, tem lá seu charme. Dá uma sensação de Sessão da Tarde!

Lançar filmes clássicos não é uma aposta tão segura. Os consumidores geralmente são mais velhos e já conhecem os filmes. Fora que, mesmo que alguns sejam sucessos de bilheteria, o cinema de antigamente exigia mais de seu espectador do que os enlatados de hoje. Quanto às temáticas, nem sempre as polêmicas se esvaem com o passar dos anos. Algumas inclusive se agravam. Por isso é louvável que a Classic Line tenha lançado um dos filmes mais polêmicos e importantes da história do cinema: *O Triunfo da Vontade*, da cineasta alemã Leni Riefenstahl. Esse filme, de 1933, mudou a maneira de ver e filmar (inclusive publicidade), mas foi a principal peça de propaganda do regime nazista de Adolf Hitler e mostra o ditador quase como um semi-deus.

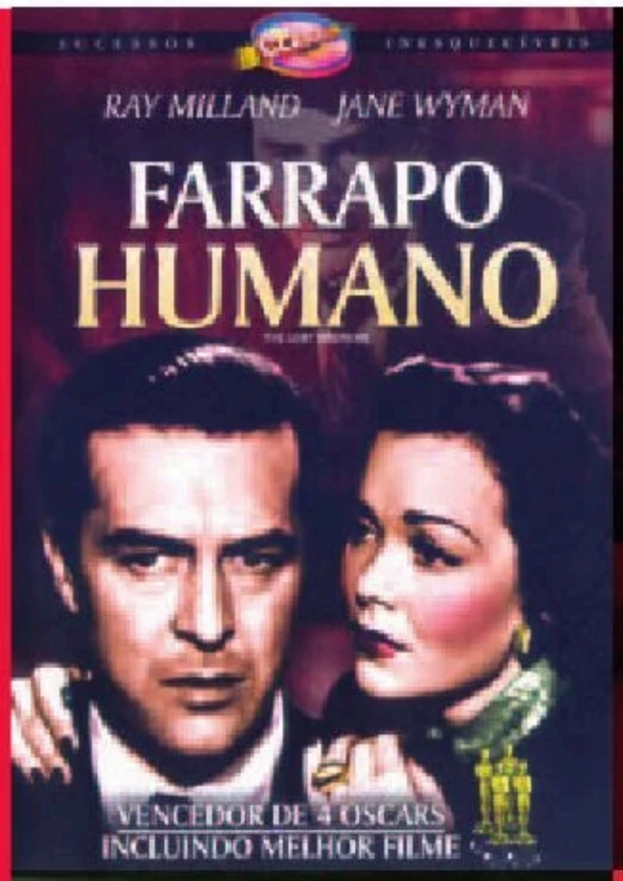
Assim como quem assiste um filme gay não se torna um, quem assiste a um filme sobre o nazismo não se torna nazista. O cinema em si, quando bem feito, tem a função de nos fazer refletir sobre o comportamento humano. Tanto a Lume como a Classic Line cumprem o papel imprescindível de abrir os olhos brasileiros para novas formas de ver o mundo - e o Nordeste brasileiro.

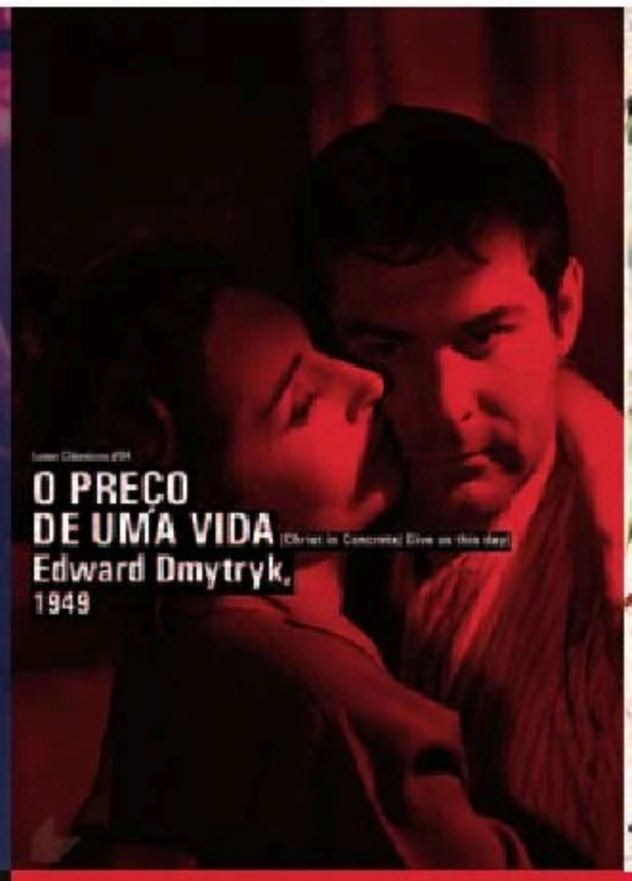
» Saiba mais sobre os filmes

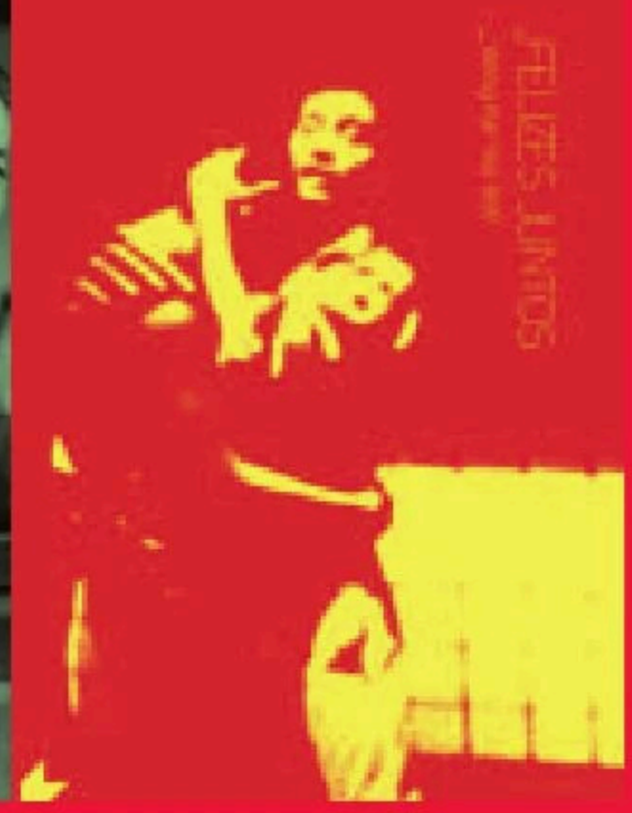
Down By Law (Idem, Jim Jarmusch, 1986. Lume Filmes) - Cult dos cults, é um filme apaixonante que não tinha sido lançado aqui até então, o que fez com que muita gente saísse correndo pra comprar o DVD. O principal ator é ninguém menos do que Tom Waits, que na época também lançou *Rain Dogs*, seu disco mais aclamado. Foi com este filme que o mundo descobriu Jim Jarmusch (foi seu primeiro hit *cool*), Roberto Benigni - na época o papel de palhaço ainda lhe caía bem - e Ellen Barkin, linda e jovem. É a história de três homens, presos sem ter culpa em um certo verão em New Orleans, sua convivência na cela e seu anseio pela fuga. É aquele tipo de filme que consegue ser humano sem ser piegas, não subestima a inteligência do espectador com seu humor e mantém-se extremamente poético sem se tornar inacessível. A edição Lume traz ainda boas entrevistas e um clipezinho do Tom Waits.

Madre Joana dos Anjos (Matka Joanna od Aniolów, Jerzy Kawalerowicz, 1961. Lume Filmes) - Simplesmente o maior diretor polonês do pós-guerra, em seu melhor filme. Parece que a Lume adivinhou ao lançar Madre Joana no ano passado: Kawalerowicz morreu em 27 de Dezembro de 2007, aos 86 anos. O filme conta a história de um convento polonês no século XVII que teve suas freiras possuídas por demônios. Além da incrível marcação de cena, atuação e fotografia, o filme consegue manter a abordagem de um exorcismo impossível, em que os demônios são tidos, por vezes, como manifestações do comportamento humano. Uma fábula negra para os amantes do cinema intenso.

Felizes Juntos (Happy Together. Wong Kar-Wai, 1997. Lume Filmes) - É engraçado ver este filme hoje porque é possível perceber com mais precisão as características estéticas desse período recente. Apesar de o tema ser universal e atemporal, *Felizes Juntos* em DVD tem um quê de reencontrar um velho amigo do qual você tinha mal







educadamente esquecido. O romance de dois rapazes de Hong Kong que optam por um auto-exílio na Argentina é contado com toques de delicadeza e angústia típicos do diretor. Filmado em preto-e-branco com trechos coloridos em diversas técnicas (16mm, super 8 etc), o filme é uma aula de linguagem essencial para se ter em casa.

Felicidade (Happiness. Todd Sollondz, 1998. Lume Filmes) - Quando assisti a esse filme no cinema, em uma pequena sala alternativa de Curitiba, quase fui espancado ao dar minhas gargalhadas. Agora ninguém mais precisa correr esse risco porque pode tê-lo em casa. Mesmo tendo Todd Sollondz feito outros filmes mais, digamos, populares, este continua sendo o mais sutil e polêmico deles. Fazer uma comédia sobre infelicidade, abandono, pedofilia, perversões sexuais variadas e outros males modernos costuma perturbar aqueles que, mesmo indiretamente, se identificam com os temas. *Felicidade* esfrega na cara de quem assiste seu lado ruim, difícil de assumir. Então, se você não pode evitar... ria!

... E Deus Criou a Mulher (Et Dieu crée la femme. Roger Vadim, 1956. Classic Line). Primeiro filme de Vadim com sua então futura esposa Brigitte Bardot, esta obra ajuda a entender o mito BB. A "menina mulher", de hábitos selvagens - anda descalça, faz o que bem entende, vive cercada de animais e homens enlouquecidos pela sua beleza - viria a ser, na década seguinte, a mulher mais desejada do mundo. Bardot foi um dos primeiros fenômenos pop mundiais. Com a ajuda de Vadim, Gainsbourg e outros, ela se tornou como que a primeira Madonna. E foi aqui que Vadim criou Bardot...

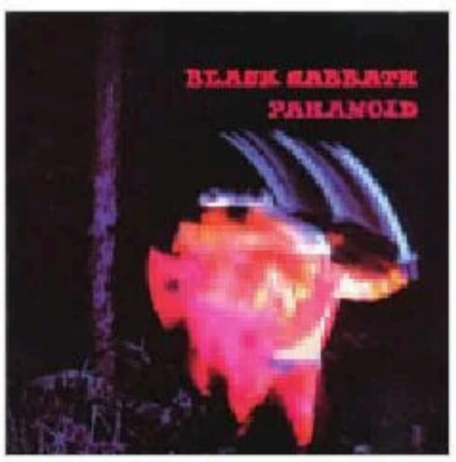
Alma Torturada (This Guns for Hire, 1942. Classic Line) - Um dos principais filmes do início do gênero noir, popular nos anos 1940/50. Sombras marcadas, ladrões e intrigas por todos os lados e, claro, uma mulher fatal. Aqui, ninguém menos do que Veronica Lake, uma das mais representativas atrizes do período (e inspiração constante de cineastas contemporâneos como David Lynch). O mais legal é que as mulheres retratadas no noir geralmente são muito inteligentes, sexies e fundamentais para a trama. E, no caso de Veronica, ainda cantam. *Alma Torturada* lançou não só ela, mas também Allan Ladd, que seria seu parceiro em diversos outros sucessos negros.

O Céu Como Testemunha (Heaven Knows, mr. Allison. John Huston. Classic Line) - John Huston era conhecido em Hollywood por seus filmes densos e realistas. Ele foi um dos primeiros a gravar cenas fora dos estúdios - muitas vezes, com iluminação natural. *O Céu Como Testemunha* é um filme da II Guerra Mundial. Um fuzileiro naval americano, sobrevivente de um ataque contra os japoneses, chega como naufrágo a uma ilha deserta. Na verdade, não tão deserta assim: uma única mulher, linda e jovem, está ali por acaso. Paraíso, se ela não fosse uma freira. E o fuzileiro, ao contrário dos recentes escândalos em bases americanas no Japão, é um homem respeitador. O filme é de um paradoxo e inocência que hoje seriam tidos como impossíveis.

» Onde encontrar
www.lumefilmes.com.br
www.classicline.com.br

Já dizia o velho ditado, a voz do povo é a voz de Deus. *Na edição passada fizemos o Volume 01 da matéria* Versão e Subversão, *na qual cinco artistas convidados deram uma nova cara a capas de disco que por algum motivo marcaram suas vidas. Amigos próximos, colaboradores e até leitores que ainda não conhecemos pessoalmente disseram em coro:* "Poxa, mas só cinco? Eu queria ver mais, essa matéria ficou muuuito classe!"

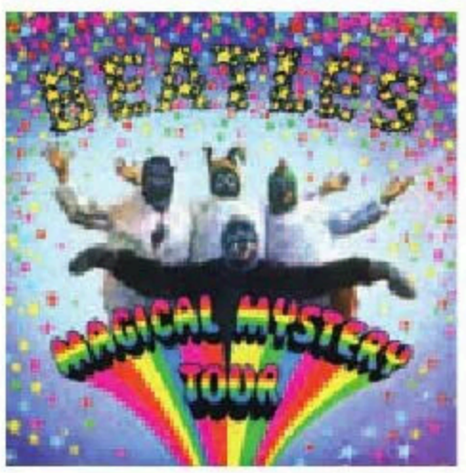
Então tá, aí está Versão e Subversão Volume 02. Cinco novos artistas atenderam ao nosso convite e mais uma vez o resultado ficou tão bacana que a gente se empolgou aqui na redação e decidimos tornar essa brincadeira uma coluna fixa na revista. É isso mesmo, a cada nova edição da **+Soma** um artista convidado fará a sua versão...ou será subversão? ⏩



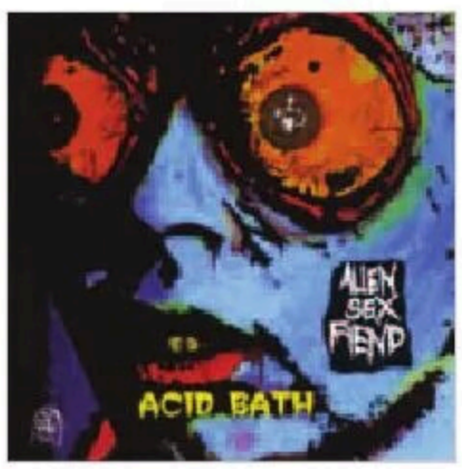
Abiuro

Cresci ouvindo Black Sabbath por causa do meu pai, desde pequeno e lembro de ir à escola todos os dias de manhã ouvindo no carro. Paranoid *foi um dos primeiros discos que me lembro de pedir para ouvir, passava horas escutando, e, de certa forma, aquelas capas e músicas me assustavam um pouco, e ao mesmo tempo me atraíam. Hoje tenho todos os discos do Black Sabbath que eram do meu pai em vinil aqui em casa, já que ele trocou pelos CDs dizendo que era mais prático. Com certeza não sairão tão cedo daqui.*

Carla Barth



Escolhi fazer uma nova capa para o álbum Magical Mystery Tour dos Beatles.
Sou uma fã tardia da banda - comecei mesmo a gostar faz uns dois anos, antes só escutava som atual. Depois de escutar músicas psicodélicas (especificamente Syd Barrett e Pink Floyd), despertei para o fato de que os Beatles realmente foram a melhor banda que já existiu. Magical Mystery Tour é o melhor álbum que já escutei. Me inspira. Beatles tem alma, amo os clipes, e a letra de "I´m the Walrus" é incrível... Então resolvi fazer os integrantes na forma de ovo antropomórfico, eggman. Creio que seja o personagem "humpty dumpty" que é citado na letra e também no livro ***Alice através do Espelho****.*

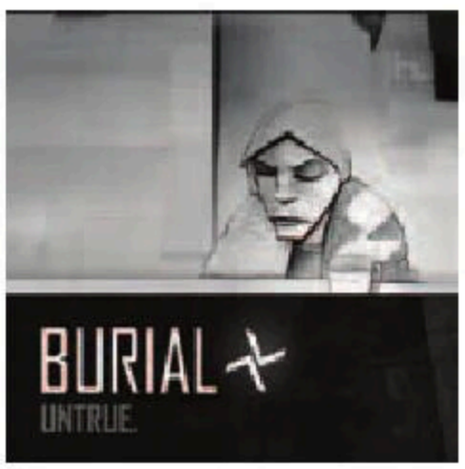


Daniel Caballero

Barulhos estilizados de morcegos voando, alienígenas-zumbis brincando com caveiras de plástico, batidinhas eletrônicas cafonas... Aparentemente, o horror B do Alien Sex Fiend não tinha como ser levado a sério. Mas a combinação de todos esses clichês gerou um novo tipo de música punk, mais ironicamente doente, desesperada e surrealista (Salvador Dalí era admirador da banda). Acid Bath *foi muito impactante musical e visualmente e mudou a minha forma de ver as bandas: de entretenimento passaram a ser vistas como formas de arte.*
O expressionismo da capa é muito difícil de superar, nem tentei; fiz apenas minha versão. Espero que eles toquem algum dia por aqui.

Renan Cruz

Escolhi esse disco pela época, vivia em São Paulo e ele fala sobre pensamentos em uma cidade como essa.A construção forte e quebrada de sons, o experimental e poético, com letras diretas e livres. Em um país como o Brasil é muito fácil fazer o que é mais aceitável, funcional, e Itamar não fez.
É um artista que conheço faz pouco tempo, mas por afinidades já está próximo de outros eternos que me acompanham nas caminhadas, desenhos e viagens.



Fefê Talavera

Não foi difícil optar por um disco. Sem dúvida nenhuma, pelo que ando escutando agora,
Burial é pra mim um dos melhores sons que já escutei em todos os tempos,
uma mistura de tudo que eu gosto de ouvir.
Dub, Uk Garage, Dubstep, um som sombrio, tristonho e melancólico.
Um som que é ótimo pra ouvir a qualquer hora e musicalmente falando é intenso e genial.
Escuto, sou fã e assino embaixo.

A CIDADE É NOSSA

Por Diogo Distúrbios . Fotos Alexandre Vianna

Quantas vezes olhamos o horizonte e nos impressionamos com o tamanho de São Paulo, sempre cheia de gente indo e vindo dentro de trens, ônibus ou presas no carro em seu trajeto diário. É assim durante o ano todo - pessoas correndo, atrasadas, estressadas, enfim: desempenhando o papel do típico paulistano.

Mas, diferente da maioria, alguns preferem interagir de outra forma com a cidade: "usando-a", se aproveitando principalmente dos momentos em que todos a deixam de lado. Como no centro de São Paulo que durante a semana recebe milhares de cidadãos e nos domingos e feriados fica esquecido, vazio, perfeito para andar de skate, pintar na rua ou dar uma caminhada, por exemplo.

Acompanhamos um rolê dos grafiteiros Denys (Evol, Dem) e Dionr (Dem) pelas ruas do centro nos últimos dias do ano de 2007 e registramos nessas imagens a ação normalmente invisível desses artistas urbanos, pessoas que escolheram se relacionar com tudo e todos que estão a sua volta e não apenas ir e vir pela cidade. Os motivos que levam algumas pessoas a pintar na rua podem ser tão diversos quanto os julgamentos dessas atitudes - o que para muitos pode ser arte, para outros pode não passar de vandalismo.

Enquanto muitos passam horas dentro de carros, escritórios, condomínios e se dedicam a vidas virtuais, outros preferem viver em meio às ruas, avenidas e esquinas, marcando suas histórias nas paredes, corrimãos, bordas, palcos ou simplesmente na memória . A escolha é sua, a cidade é nossa.

Anhangabaú
Bom Retiro
Est. da Luz

ALUGA

GRAND HOTEL
Salem

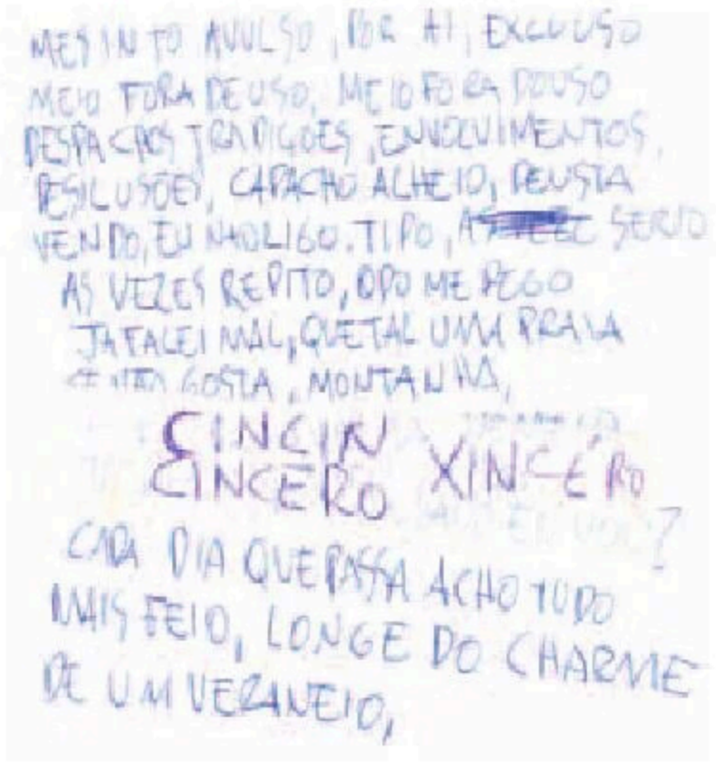
Por Alexandre Charro . Ilustração Carlos Dias

Albertinho dos Reys é uma das idéias musicais de Carlos Dias. Carlinhos, que já passou por várias bandas como Againe, Polara, Caxa Baxa etc., agora não se dedica ao Albertinho: "É uma coisa natural e pessoal."

Muitos podem ouvir seu som e já fazer aquele bico, criticar sobre qualidade de gravação, sobre os arranjos, sobre tudo. Sobretudo o que tenha a ver com os padrões a que estamos acostumados a nos basear para falar de música.

"E pra quem faz música, é bom ouvir críticas sinceras e parar pra pensar."

Albertinho dos Reys não é o padrão. É o processo, é a espontaneidade e a liberdade de poder compor e gravar de maneira natural, sem a pressão da precisão, sem a pressão de seguir o modelo, de seguir a modelo. Suas músicas são o sentimento de fazer um som, de passar uma mensagem, procurando outra forma de apresentar a música como expressão artística, isto é, aceitar e valorizar as imperfeições da execução musical e criar uma atmosfera sonora que, por si só, já transmita a arte deixando um pouco de lado o conceito de obra musical.



"Não é a intenção de deixar o som estalando de limpo. O erro faz parte da vida e parte da música."

Carlinhos procura lançar seus trabalhos musicais também em fitas cassete, o que realmente dá uma textura especial para o som. Diz que desde pequeno já costumava gravar programas de rádio e o áudio da TV nas fitas, e que sempre gostou das toscas gravações de ensaio e das demo-tapes, da gravação que transmitisse a real de quem está tocando, da garra das bandas antigas. Agora se inspira em procurar sonoridades diferentes em estilos menos convencionais dentro do universo da música alternativa, como por exemplo o brega, o sertanejo e o baião, sem se prender a etiquetas.

"A banda nunca é uma coisa livre, sempre um esbarra no outro."

Uma arte puxa a outra, o trabalho musical de Carlos Dias dialoga com sua pintura, em um critério particular de fazer arte que leva o bruto da coisa em consideração.

"É louvável o exercício de gostar das coisas em vez de odiar."

Você pode conferir o som do Albertinho dos Reys no portal da www.maissoma.com Carlinhos reuniu algumas de suas canções especialmente para serem baixadas pelo site.

» Para ver e ouvir
www.myspace.com/dosreys

ELO DA CORRENTE

Por Tiago Moraes

Na ativa desde o ano 2000, o Elo da Corrente vinha comendo pelas beiradas, participando de coletâneas, fazendo participações em discos de amigos, tocando por aí e se estabelecendo como um dos nomes mais importantes do hip-hop nacional independente. Todos do grupo são beatmakers e produtores; Caio e Pitzan dividem o microfone enquanto PG (que também é DJ do Mamelo Sound System e do Maquinado, projeto de Lúcio Maia) comanda os toca-discos.

Conheci os caras logo no primeiro ano de vida do grupo, época em que eu produzia a coletânea *Todos Ouvidos*, lançada pela Agacê Skateboarding, e meu amigo H.Neto (Artfício) me apresentou um som dos caras, provavelmente um dos primeiros que produziram. A música entrou na coletânea, e de lá pra cá venho acompanhando o trabalho do grupo. Era difícil entender como, depois de tanto tempo na ativa, transbordando talento, eles ainda não tinham lançado disco. Mas depois de um rápido bate-papo descobri que eles nunca quiseram colocar qualquer coisa na rua, e foram necessários todos esses anos para que se estruturassem, investissem em equipamentos, adquirissem mais conhecimento e experiência para escrever e produzir. Eles não queriam apenas lançar o primeiro disco: queriam criar uma verdadeira obra-prima.

Em 2006, decidiram que tinha chegado a hora e começaram a trabalhar no disco, com calma, sem pressa, uma música por vez. Um deles apresentava uma base, o outro escrevia uma letra em cima, o terceiro escrevia uma segunda parte, e, por fim, PG encaixava os scratches.

O resultado desse trabalho você pode conferir ouvindo *Após Algumas Estações*, primeiro registro da banda, com 21 faixas, lançado no final do ano passado de forma independente. **Um trabalho minucioso, detalhado, cheio de samples, colagens e referências cuidadosamente garimpadas em visitas regulares a diversos sebos da cidade.** As letras e rimas, com inteligência e profundidade muito acima da média, surpreendem a cada verso, passando longe da mesmice narcisista na qual muitos ainda insistem, transbordando vivências, emoções e sentimentos. Citam como influências nomes de peso da música popular brasileira como Arthur Verocai, Moacir Santos e Rogério Duprat.

O disco foi produzido, gravado e mixado por eles mesmos. A distribuição e venda também é feita pelo próprio grupo nos shows, pela internet, e em algumas lojas do gênero. A divulgação é feita principalmente através do Myspace e do blog do grupo, além de lambe-lambes que acabaram de imprimir e começarão a colar pela cidade.

Para 2008, querem fazer logo um show de lançamento do disco, esperando que surjam mais oportunidades e lugares para tocar. Também já falam em começar a trabalhar em um novo disco - só nos resta torcer para que não tenhamos que esperar mais sete anos...

Para baixar um MP3 grátis da música "Elo da Corrente" e ver comentários faixa a faixa do disco feito pelos integrantes do grupo, acesse www.maissoma.com. ◂

▸▸ Para ver e ouvir
www.myspace.com/elodacorrente1
www.elodacorrente1.blogspot.com

▸▸ Contato
contato@elodacorrente.com.br

+REVIEWS

Concrete 2 Canvas . More Skateboarders' Art
Jo Waterhouse
***Laurence King* . 2007**

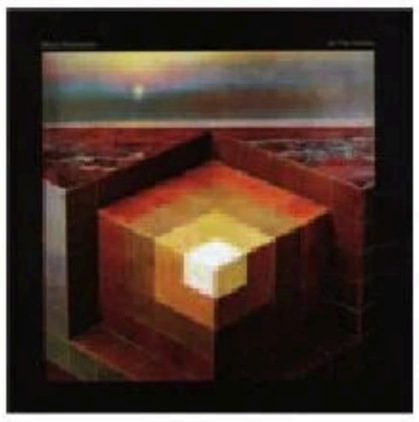
O livro é uma continuação do bem sucedido *Concrete 2 Canvas - Skateboarders' Art* (2005), onde a autora inglesa percebeu que seu primeiro trabalho publicado era apenas a ponta do iceberg de um universo de talentosos artistas oriundos da comunidade do skate. Não se trata de um livro de artistas que fazem arte para skates, mas sim de skatistas que encontraram no mundo das artes uma forma de expressão.

Sempre me intrigou o fato de diversos skatistas terem desenvolvido carreiras paralelas nos campos da arte, música, cinema e fotografia, e acredito que em comum eles carregam um olhar diferenciado para o mundo, uma sensibilidade apurada e, principalmente, sem medo de errar.

Um ponto interessante é o fato de o livro ir contra estereótipos, fungindo do óbvio e expondo a enorme diversidade de estilos e técnicas como pintura, desenho, ilustração, design gráfico, street art, escultura e instalação. Também ousa por dar espaço não só a nomes já consagrados como Mike Giant, Jim Houser e Thomas Campbell, mas por apostar em artistas menos conhecidos (não menos talentosos) como Chris Dyer, David Hale e Joe Sorren.

Segundo T. Campbell, um dos artistas apresentados no livro "Os skatistas-artistas de todas as disciplinas podem ser vistos como parte de um dos maiores movimentos artísticos no mundo, já que unidos formam provavelmente o maior movimento coletivo de arte de toda a história. O que mais, além do skate, conseguiu produzir e juntar tantos artistas talentosos, de diferentes disciplinas e estilos por tanto tempo?"

Os artistas que participam do livro, além dos já citados, são: Lee Basford, Ekta, Jeremy Fish, Flying Fortress, French, Mr Gauky, Kev Grey Stef Grindley, David Hale, Thom Lessner, Majls, Finn Neary, Nomad, The Phono Art Ensemble, Yogi Proctor, product.two, Toby Shuall, Joe Sorren, Andrew Jeffrey Wright entre outros. Um recado final: Se você trabalha com criação, arte ou moda e ainda não conhece esse rico universo de skatistas-artistas, é bom correr atrás! ◂ *Por Tiago Moraes*



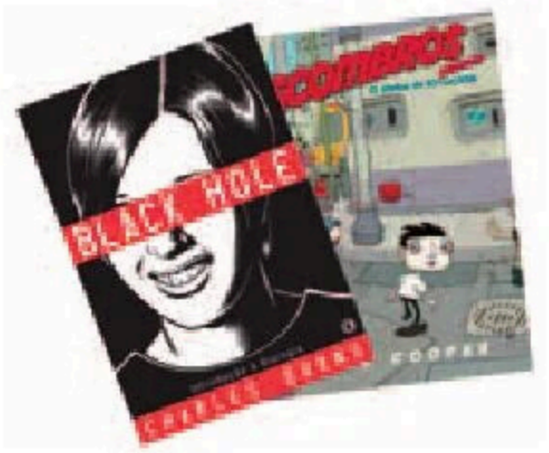
In The Future . Black Mountain
***Jagjaguwar* . 2008**

É bem estranho pensarmos que o nome do novo disco deste bando de hippies canadenses, intitulado *In The Future*, aponte para algum momento ainda não realizado na história, já que o som desta banda é profundamente enraizado no rock dos anos 1970. Se pensarmos em influências, pode-se citar Led Zeppelin, Stones e Tom Petty. Alternando momentos de barulho e silêncio, saltam as baladas "Angels", na minha opinião uma das melhores músicas dos últimos tempos, e "Stay Free". Entre as pesadas, "Wucan" se sobressai com seu arranha-céus de sintetizadores vintage.

Se o Black Mountain está cavando preferências no passado, inclusive em seus instrumentos, em nenhum momento podemos acusá-los de roubo. E no fim talvez esta seja a forma de explicar o título deste disco: o hoje como um ponto no futuro do início dos anos 70, uma época onde essas músicas poderiam ter sido grandes sucessos no rádio. ◂ *Por Rodrigo Brasil*

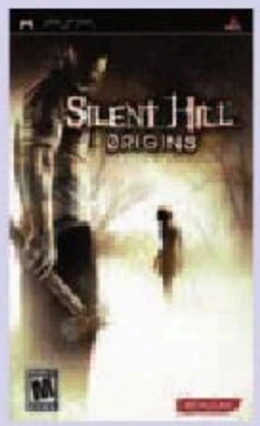
13 Blues for Thirteen Moons . Thee Silver Mt. Zion
***Constellation* . 2008**

O disco nem saiu mas já caiu na internet: *13 Blues for Thirteen Moons*, do grupo canadense Thee Silver Mt. Zion Memorial Orchestra & Tra-La-La Band. Confesso que sempre achei o grupo chato e desinteressante. Só recentemente, após participarem de discos lindos como o último de Carla Bozulich e Vic Chesnutt comecei a ver qualidades que antes não enxergava. Fato é que saíram da sombra do God Speed You! Black Emperor (eram um projeto inicialmente deste) e da vala comum do tal post rock. São um grupo barroco, com todos os maneirismos inerentes ao estilo, pesando a mão na dramaticidade e intensidade, procurando envolver emocionalmente as pessoas. A faixa "Blindblindblind" é definitivamente belíssima, um pé no passado (Slint, por exemplo) e outro no futuro, operando instrumentos típicos de música clássica para constituir uma espécie de hard rock futurista. Curioso é o fato de o disco conter 13 vinhetas (uma relendo a anterior), antes de entrarem em as faixas propriamente ditas. As letras continuam inconformistas, e o refrão gritado "I just want some action!" dão o tom deste libelo existencialista, no eterno confronto entre ser e estar. ◂ *Por Arthur Dantas*



O absurdo e a perplexidade frente aos novos tempos são tema de dois álbuns em quadrinhos.

Black Hole (Conrad Editora) é um clássico instantâneo. Obra-prima do artista americano Charles Burns, um dos mais apreciados artistas underground, ganhou todos os prêmios possíveis e tornou acessível seu universo pesado e hermético. Já *Escombros* (Zarabatana Books), do canadense Dave Cooper, é o improvável encontro entre Futurama (desenho no qual Cooper trabalhou na concepção visual) e Daniel Clowes. Ambos problematizam a juventude, um com cores mais macabras e outro com olhar fantástico, para explicar o vazio existencial de pessoas que não conseguem lidar com as mudanças das quais se sentem meros marionetes. O álbum de Clowes trata de uma comunidade suburbana de Seattle, na década de 1970, onde uma doença sexualmente transmissível produz sintomas bizarros e estigmatizantes: em um aparece uma cauda, noutro uma segunda boca situada no pescoço e por aí vai. Só que, para além do terror visual, o que causa estragos em nossa mente é o visual sufocante dos quadros de Burns que mimetizam a opressão e incompreensão da comunidade em relação aos infectados - metáfora forte que alimenta camadas de interpretação. Se a Cooper falta o preciosismo e a agudez de Burns, sobra humor politicamente incorreto e talento para narrar uma história que poderia ocorrer a qualquer um, não fosse o "detalhe" do contexto: após tomar um fora da namorada, Knuckle, um baixote cabeçudo, inseguro e angustiado, embarca com seu amigo Zev (um misógino padrão) em uma inconseqüente viagem em busca de sexo. Até aí tudo bem... Desde que o cenário da história não seja uma sociedade comandada pelas mulheres, onde lésbicas extremistas, horríveis mutantes e um mundo ditado pela tecnologia surjam como pano de fundo. O que não falta a ambos autores é brilho e poder de sugestão para discutir o mundo contemporâneo. ◂ *Por Arthur Dantas*



Silent hill: Origins

***Playstation 2* . 2008**

Tá, você que curte jogos de terror, ficar horas na frente do vídeo-game, resolvendo quebra-cabeças para poder passar de fase, fugindo e matando monstros estranhos e tentando entender uma história muito estranha. Este é o seu jogo.

Silent Hill até agora é composto por este (Origins), outros quatro jogos (para ps1 e ps2), um filme e várias HQs . Todas essas mídias interligadas (nada impede que você só veja o filme ou jogue um dos jogos, mas é legal para você entender partes da história de Silent Hill, a cidade) contam a história de uma cidade amaldiçoada, cheia de criaturas bizarras. Neste jogo, você é um caminhoneiro que tem como objetivo principal salvar uma menina, passando deste mundo para um mais macabro, através de espelhos, para resolver os quebra-cabeças, com uma trama bem mais simples (só tem quatro fases) que os outros jogos. A história se passa anos antes do primeiro jogo(para PS1) e do filme, o que te faz passar por alguns cenários do primeiro *Silent Hill* e encontrar alguns personagens do filme. Uma coisa legal que é pedida no começo do jogo é para você jogar com fones de ouvido e com a luz apagada. Sim, eu fiz isso e sim, dá medo mesmo jogar assim!

A franquia de jogos *Silent Hill* é famosa por ter vários finais alternativos, e este não é diferente. Dependendo do que você faz no jogo, você vê um tipo de final, que te faz jogar mais de uma vez. Com uma trilha sonora sinistra, SH consegue dar medo... Sério! Ok, você pode falar "eu não vou comprar um PSP pra jogar um jogo desse". Pois deveria! *Silent Hill: Origins* é um dos melhores jogos de terror da atualidade! ◂ *Por Breno Tamura*

Nike Dunk
Black City Collection

Em 2008, o Nike Dunk completa 23 anos. E para comemorar, a Nike lança um pacote de novas versões do modelo, e além do conceito BE TRUE. Dentro dessa história, está a Black City Collection, uma homenagem a sete cidades ao redor do mundo: Nova Iorque, Londres, Hong Kong, Los Angeles, Tóquio, Paris e São Paulo. Cada metrópole terá seu Dunk em couro preto, sola na cor natural do látex e detalhes na cor exclusiva de cada lugar. O Dunk de São Paulo terá detalhes na cor branca. Se prepare para correr atrás do seu. São apenas 86 pares de cada cor vendidos exclusivamente nas respectivas cidades. ◂ *Por Rodrigo Brasil*

+REVIEWS

Wasted Orient

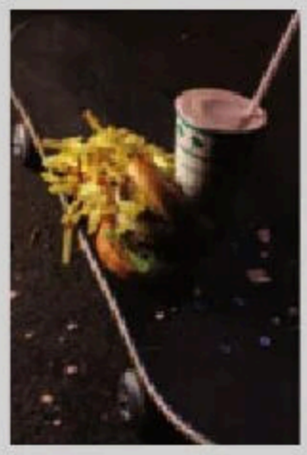
***Dir. Kevin Fritz . Plexifilm .* 2007**

O recorte para investigação no documentário de Kevin Fritz é a banda punk de Pequim Joyside, que inaugura seus sons de rebeldia em primeira turnê pela China. Flagrados em banheiros públicos, restaurantes fast-food, viajando de trem e principalmente bebendo, os integrantes da banda compartilham idéias e ideais sobre as recentes transformações daquele país bem como suas inspirações e aspirações à astros do rock. O punk como expressão do jovem, puto da vida, que quer mudança e/ou diversão, parece ser entendido por eles ao pé da letra (além, é claro, de tocarem mal). Rebeldes e ao mesmo tempo inocentes, são semi-conscientes de suas ações, bebem até cair para não se responsabilizar pelos seus atos, sonham com o estrelato e endeusam Johny Rotten (Sex Pistols). Passam longe de qualquer filosofia oriental. É um filme engraçado, e válido para nos mostrar até onde um comportamento cultural pode ser autodestrutivo e sem propósito, porque se for para assistir a boas apresentações e ouvir boa música... *Por Alexandre Charro*

O Fotógrafo 2

***Conrad Editora .* 2008**

O Fotógrafo 2 - Uma História no Afeganistão, é uma obra que mostra como um libelo humanista pode ser interessante sem ser piegas. A história: o fotógrafo Didier Lefèvre chega a Zaragandara, no Afeganistão, para registrar o trabalho da organização Médicos Sem Fronteiras em um hospital precaríssimo durante a invasão soviética de 1986. Esqueça os confrontos militares épicos, os preconceitos em relação ao Oriente, seus costumes e religiões: o que os autores conseguem é humanizar e tornar mais tátil uma realidade tão distante. Quadrinhos autobiográficos tiveram suas peculiaridades apontadas em recente artigo no jornal inglês Observer e é tido como o primeiro grande gênero artístico do século XXI para muitos. Dentro desta seara, o livro se destaca porque, além dos quadrinhos desenhados, há diversas seqüências compostas por fotografias. E que fotografias! O livro foi escrito à seis mãos: um roteirista, o fotógrafo que é o narrador da história e o quadrinista, que fez a arte a partir das sugestões do escritor e das fotografias. Como bem apontou um crítico brasileiro, o resultado é ousado e sofisticado. Eu diria que além da evidente qualidade estética, o grande trunfo é o calor humano que a história põe em evidência. Difícil não se comover. É um sentimento nada exagerado ou piegas: você se agarra ao livro tanto pela dramaticidade da história como pela forma terna e ética com a qual os fatos são apresentados. A intolerância mal disfarçada pela diferença merece esse antídoto! Vale lembrar que a leitura deste volume não presume a leitura do livro anterior da série. *Por Arthur Dantas*



Skatebook

***Lançamento Independente .* 2008**

Dois seres pensantes do universo do skate mundial decidiram fazer algo impactante. Um deles é o conceituado ex-skatista profissional e um dos principais streeteiros da década de 1990, Salman Agah. O outro, fotógrafo e ex-editor de fotografia da revista Skateboarder, Mike Ballard. Salman, desde que sofreu um acidente sério de Dirt Bike em 2003, resolveu dedicar-se mais ao mercado e à indústria e se jogar menos nas manobras. Montou uma empresa especializada em dissecar toda e qualquer publicação especializada em skate ou que falasse sobre, para trazer estatísticas às empresas. Virou especialista em mídia, em análises e em caminhos para a publicidade e editores do meio. E foi além, acabou lançando em parceria com seu amigo Ballard, uma mídia própria, o Skatebook. Um livro/revista, ligado a um site de internet com vídeos sobre o conteúdo da publicação impressa. O primeiro exemplar saiu com 350 páginas, papel de primeira linha, formato grande (30x24cm) e é dedicado ao skatista profissional Steve Berra. Seu conteúdo, predominantemente fotográfico, são pinceladas de importantes resgates da história do skate desde os anos 1970. Entre os assuntos está o ensaio fotográfico do Christian Hosoi, com direito a fotos tiradas no Brasil. É definitivamente uma obra para colecionadores, feita em pequena tiragem, e distribuída gratuitamente. E esse é, na verdade, o grande problema. Conseguir um exemplar morando no Brasil é complicado, porque os caras não mandam pra fora dos EUA pelo tamanho e peso do livro. Mas lá é possível conseguir um exemplar em skateshops ou pelo site, pagando o correio, antes que a tiragem esgote. http://www.skatebook.tv/ *Por Alexandre Vianna*

Camisetas Fórum Arte

***Forum* . 2008**

A Forum acaba de lançar uma linha de camisetas assinadas e limitadas: a Forum Arte – resultado de uma parceria da marca com a chamada "novíssima geração de artistas brasileiros" e curadoria da Cubículo Galeria (pioneira em São Paulo ao se dedicar aos stickers). Trabalhos de Silvana Mello, Sesper, Diogo Distúrbios, Projeto Chã, Muxi Muxi, Marcelo Stefanovicz, Carla Barth, Asa e Tinico estampam as camisetas em edições limitadas, sempre com um modelo masculino e outro feminino de cada artista, em malhas pretas, brancas e mescladas. Como a idéia é unir dois ícones urbanos – t-shirt e stickers –, cada camiseta vem acompanhada do adesivo referente à sua estampa. Uma boa iniciativa...

Por Helena Sasseron

Beach House . Devotion

***Carpark* . 2008**

Devotion é o segundo disco deste duo de Baltimore formado por Victoria Legrand, orgão e vocal, e Alex Scally, guitarra e teclado. No som de Beach House, orgãos, percussão e guitarras ecoam no espaço, criando uma atmosfera sedativa sempre presente ao longo do disco. Atenção especial é dada à escolha dos instrumentos. Alex e Victoria são colecionadores de órgãos e só na gravação deste trabalho foram usados seis modelos diferentes. O instrumento combina perfeitamente com a voz impressionante de Victoria, que por muitas vezes lembra Nico.

Trilha sonora perfeita para um fim de noite, as faixas vão passando sem causar alarde. O volume é baixo. *Por Rodrigo Brasil*

Inflikted .Cavalera Conspiracy

***Roadrunner* . 2008**

Primeiro, uma evidência: realmente os irmãos Cavalera têm uma química boa, que funciona e opera todos os elementos necessários para, ainda que respeitem os cânones e as limitações do heavy metal, conseguir levá-lo para além do gueto natural do estilo. E isso sem rifar nenhum elemento decisivo da estética metaleira. Até pelo contrário (coisa que o Metallica, por exemplo, não conseguiu)! E há um paradoxo evidente: quando o Sepultura revolucionou o gênero, com sonoridade progressista (trouxe à tona muito da vanguarda pesada underground) e temáticas hardcore, abriram espaço para que uma audição maior apreciasse metal e criaram o ambiente para que toda uma geração trabalhasse em torno do estilo sem as limitações que as maiores bandas de metal pré-Sepultura ditavam. Botaram a música pesada na ordem do dia, ao mesmo tempo que geravam um impasse criativo que deu no nu-metal, e, ao contrário do alardeado à época, longe de renovar o gênero, criou novos tiques estilísticos e jogou o gênero para o limbo da boçalidade de adolescentes frustrados e mimados. Resumindo: tudo que o Sepultura parecia ter ultrapassado. Com o Cavalera Conspiracy, o grupo dá um passo atrás para avançar dois adiante.

A sonoridade é definitivamente conservadora: nem à pretensão e pregação mezzo religiosa um tanto confusa do Soulfly, muito menos à criatividade da melhor fase do Sepultura; aqui o grupo retoma o trash/death metal da era *Beneath The Remains*/*Arise* com o peso de riffs próximos ao hardcore do *Chaos A.D.* É como se dissessem: "ok, fazemos isso melhor do que ninguém, então pra que reinventar a roda? E ainda mostramos para toda uma nova geração como botar toda uma roda de headbangres pra bater cabeça sem medo de ser feliz" (obviamente, essa parte da resenha é uma "homenagem" às resenhas da Rock Brigade). Sons como "Sanctuary" e "Ultra-Violent" são praticamente releituras de clássicos anteriores do próprio Sepultura e de grupos como Venom, Morbid Angel e Slayer com o colorido pesado da bateria casca grossa de Iggor e o vocal tão característico e riffs curtos e grossos (tão simples, que nos permitem pensar "Por que ninguém os fez antes?") de Max Cavalera. As onze faixas do álbum definitivamente não são clássicos do gênero, mas, com certeza, farão com que outros grupos repensem carreiras e que novos surjam para moldar o heavy metal que virá. Esqueçam Sunn 0))), Boris, Earth e esses descoladinhos com suas músicas chatas e arrastadas. Esqueça o metal quadrado e enfadonho dos camiseta preta da Galeria do Rock. Não perca tempo e ouça quem conhece a parada! *Por Arthur Dantas*

E o Prato? Caiu!

Por **Gustavo Mini** . Abraço por Mottilla

Essa coluna começava diferente. Começava assim:

"Na última edição, se é que você leu o meu texto no meio de tantos desenhos bonitos, eu escrevi sobre o conceito "Deixar Cair". Ele dizia respeito a não ser tão obcecado com o jeito como as coisas andam na sua vida, não procurar equilibrar tantos pratos girando ao mesmo tempo. Nem tanto O Grande Lebowski e nem tanto Fargo, mas algum lugar ali no meio onde é possível derrubar alguns pires e não se desesperar de pisar nos cacos - é verdade, dói um pouco, mas é isso aí nénão? Coloque as chinelas e siga em frente."

Na metade do texto original, havia uma lacuna, um vale, um corte seco para outro assunto. Na hora que eu escrevi, achei que estava fluído, mas no fim o pessoal da revista achou esquisito. E, num certo sentido, tenho que concordar com eles. **Caiu um prato.**

Dentro do prato havia esse texto fragmentado que, do assunto anterior, pulava meio louco para a questão dos abraços à distância - aqueles que a pessoa dá quando está se despedindo, sabe? Sabe sim. Termina a conversa, a pessoa simplesmente sai caminhando e, já a alguns metros, diz: "tchau, abraço".

Como assim? Por que isso? Por que ela não me abraçou quando estávamos mais perto? Agora não tem volta: já está indo, três metros adiante, quatro metros, cinco metros, quase dobrando a esquina... ninguém volta para efetivamente dar o abraço depois de um "tchau, abraço". Mas tudo bem, eu também nunca guardei ressentimentos quanto a isto. Só tenho dificuldade em entender. Quem sabe se alguém fizer um desenho, eu entendo...

Você já tentou desenhar um abraço? Não digo duas pessoas se abraçando, mas realmente desenhar um abraço. Um abraço de verdade, gostoso e pleno. É uma coisa que eu gostaria de ver nas páginas dessa revista. Tem tanta gente boa desenhando coisas incríveis. Eu fico com uma inveja danada porque também gosto de desenhar, mas a dedicação e o talento do que vem sendo mostrado aqui realmente ultrapassam a minha capacidade.

Nos últimos meses eu voltei a desenhar como hobby. Especialmente em reuniões. Criei, no meu blog, uma seção só para os desenhos de reuniões. O tédio espacial de várias reuniões se tornou o adubo do meu jardim de ilustrações. Que não estão decorando essa página porque não são lá grande coisa, diferente do lindo abraço desenhado pelo parceiro que os editores descolaram. ◂

Tchau, abraço.

▸▸ Gustavo Mini é editor do blog Conector
www.conector.blogspot.com

SEXTA-FEIRA

ESPERO QUE ELA COLOQUE AQUELA CALCINHA DE RENDA

PROVAVELMENTE ESSE NEM É O TELEFONE DELA

TÁ BOM QUE ELA IRIA SE ARRUMAR PARA SAIR COMIGO

QUANDO ELA ME PASSOU O TEL DELA ACHEI QUE FOSSE BRINCADEIRA...

...AINDA ACHO QUE É

BRENO TAMURA

DIAS de um FANTASMA SUICIDA Ep. 4

TRILHA SONORA:
R.E.M- EVERYBODY HURTS

EU DEVERIA LIGAR PARA ELA AGORA...

NAH...

...ELA DEVE ESTAR NO TELEFONE COM ALGUÉM...

...COMBINANDO ALGO MELHOR DO QUE SAIR COMIGO.

JÁ DEVIA TER LIGADO PARA ELA UMAS 3 HORAS ...

QUANDO QUE ALGUÉM COMO ELA IRIA FICAR ME ESPERANDO LIGAR...

...ACHO QUE ELA NEM LEVOU A SÉRIO O MEU CONVITE

E EU AQUI EM CASA ACHANDO QUE ELA ESTÁ ESPERANDO MINHA LIGAÇÃO.

+ENDEREÇOS

Alexandre Herchcovitch .
Rua Haddock Lobo . 1151
São Paulo . SP
11 3063 2888
www.alexandreherchcovitch.com.br

A Monstro .
11 38819355
www.amonstro.com.br

Cantão .
www.cantao.com.br

Carpark .
www.carparkrecords.com

Cavalera .
Alameda Lorena . 1682
São Paulo . SP
11 3083 5180
www.cavalera.com.br

Cia de Foto .
Rua Amaro Cavalheiro . 316/318 .
Pinheiros . São Paulo . SP
11 3034 6269
www.ciadefoto.com.br

Classic Line .
www.classicline.com.br
Av. Santos Dumont . 266
Fortaleza . Ceará
85 3252 0651

Conrad Editora .
Rua Simão Dias da Fonseca . 93 .
Cambuci . São Paulo . SP
11 3346 6088
www.conradeditora.com.br

Constellation .
www.cstrecords.com

Dischord .
www.dischord.com

Do Estilista .
Alameda Franca . 1361 . Jardins
São Paulo . SP
11 3862 4097
www.doestilista.com.br

Companhia Editora de Pernambuco .
www.cepe.com.br

Element .
Billabong . Shopping Morumbi .
Avenida Roque Petroni Jr . 1089
São Paulo . SP
11 5189 4688

Estúdio El Rocha .
Rua Simão Álvares . 552
Pinheiros . São Paulo . SP
11 3816 2882
www.elrocha.com.br

Forum .
Rua Oscar Freire . 916 . Jardins
São Paulo . SP
11 30856269
www.forum.com.br

Jagjaguwar .
www.jagjaguwar.com

Laurence King .
www.laurenceking.co.uk

Lume Filmes .
www.lumefilmes.com.br
Rua Queóps . Ed. Executive Center
Lj B/C . Renascença 2
São Luís . MA
98 3235.4860

Museu de Arte Contemporânea .
Rua da Reitoria . 109A .
Cidade Universitária . São Paulo . SP
11 3091 3538

Neon .
Rua Baronesa de Itu . 42
Santa Cecília . São Paulo . SP
11 3828 1920
www.neonbrazil.com.br

Nike .
www.nike.com

Osklen .
Rua Oscar Freire . 645 . Jardins
São Paulo . SP
11 3083 7977
www.osklen.com.br

Playstation .
www.playstation.com.br

Plexifilm .
www.plexifilm.com

Roadrunner .
www.roadrunnerrecords.com

Roxy
11 3366 9280
www.roxy.com

Sebo Móbile .
Praça Carlos Gomes . 117
São Paulo . SP
11 3242 6321

Ten Model .
Rua Iguatemi . 448 . 1 andar
São Paulo . SP
11 3702 1313

Triton .
Rua Oscar Freire . 993 . Jardins
São Paulo . SP
11 3085 9089
www.triton.com.br

Verve .
Alameda Lorena . 1924
Jardins . São Paulo . SP
11 3083 7431
www.verve.com.br

Vix .
www.vixswimwear.com

Volcom .
Alamenda Lorena . 1835
Jardins . São Paulo . SP
11 3083 1883
info@surfco.com.br

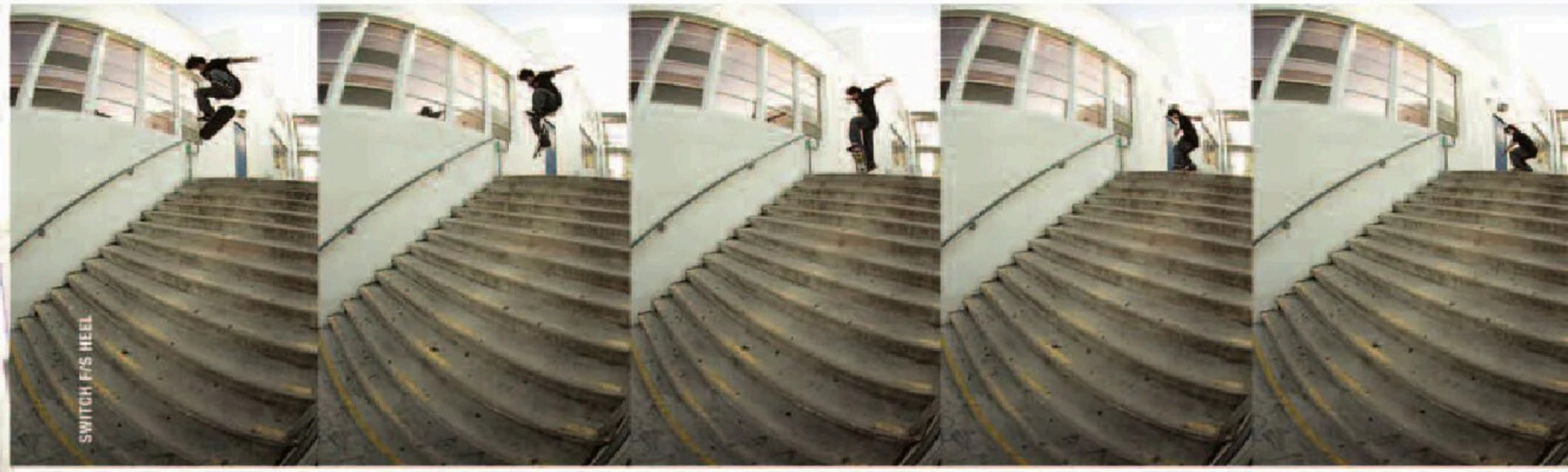
V-Rom .
Alameda Lorena . 1922 .
Jardins . São Paulo . SP
11 3063 5823
www.vrom.com.br

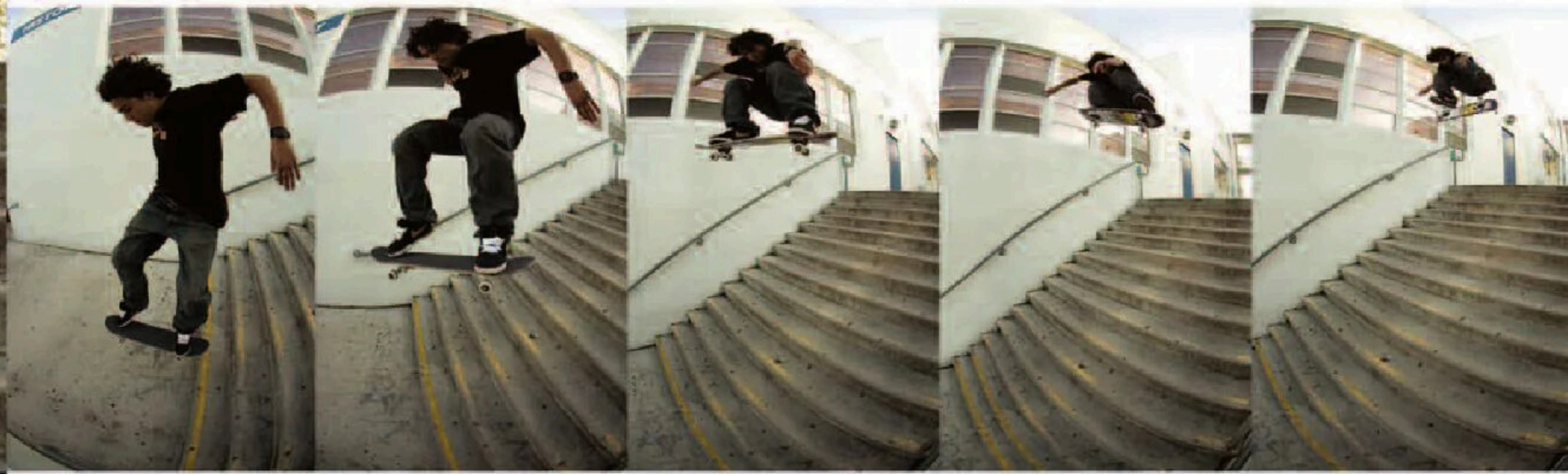
Zarabatana Books .
www.zarabatana.com.br

NIKE SB

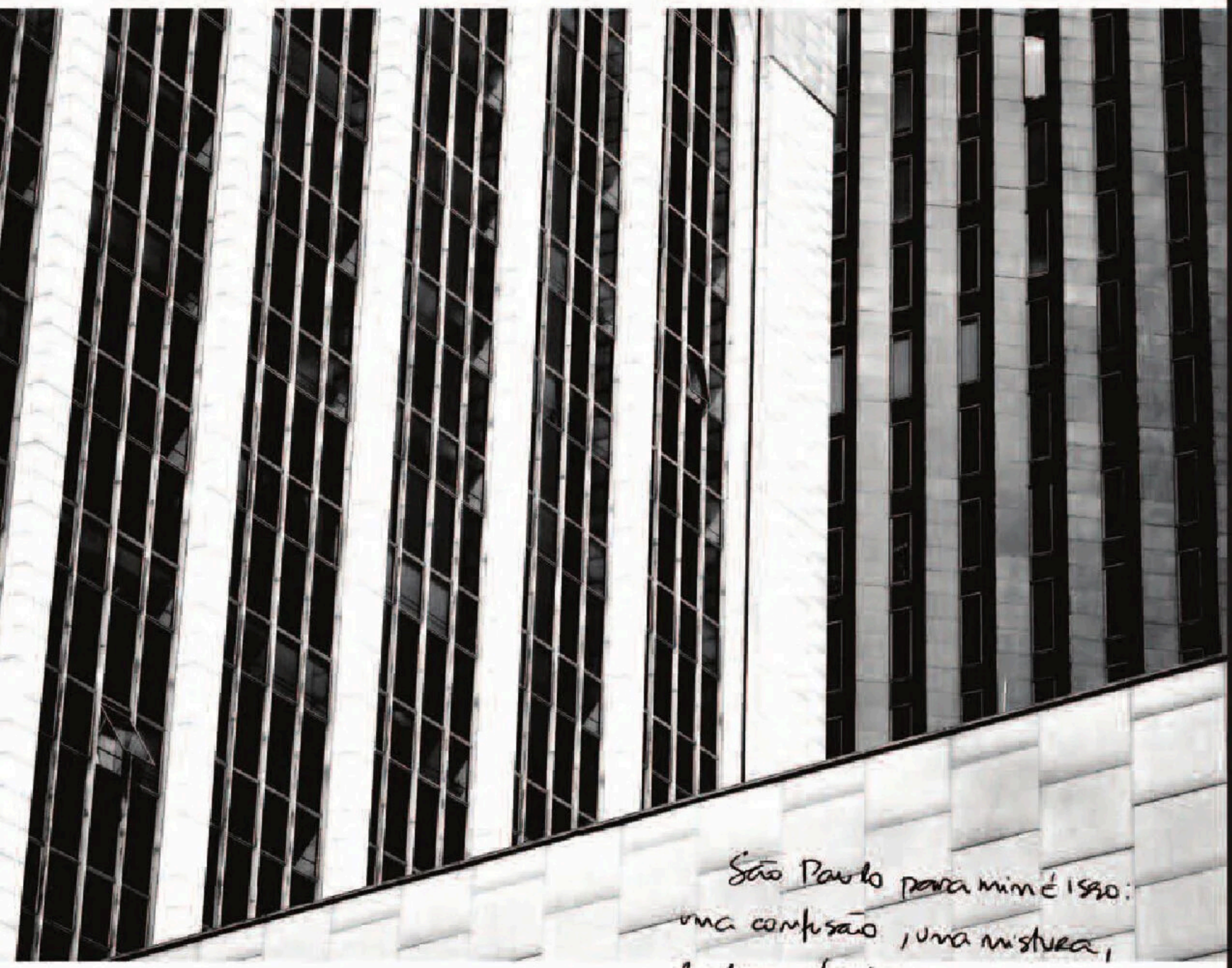
PAUL RODRIGUEZ

ZOOM AIR P-ROD II.





JÁ NAS SKATESHOPS



São Paulo para mim é isso:
uma confusão, uma mistura,
linhas e texturas, formas e
significados, não existe
feio ou bonito aqui, existe
a cidade, existe muita coisa,
o resto é com você.

SPOSTAL

Apoio: NIKE

www.64530sp.com